

Eanes está a ouvir os partidos
depois da "recondução" de Balsemão

Outra vez em causa o papel do CDS no próximo Governo



O projecto Cavaco e Silva não chegou sequer a desenhar-se. Helena Roseta, Eurico de Melo e os restantes «críticos» vão aliar-se ao CDS de Freitas do Amaral? (Fotos de Hernando Domingues)

Pinto Balsemão foi indicado pelo conselho nacional do seu partido para suceder a si próprio à cabeça do próximo Governo e pediu até quarta-feira para reflectir, enquanto o Presidente da República ouve os partidos com assento na Assembleia (esta manhã já passaram por Belém a UDP, o MDP, a UEDS e a ASDI, e de tarde estão a ser recebidos o PPM, o PCP, o CDS, o PS e por último o PSD).

Balsemão teve, assim, a

sua «vaga de fundo», embora ela não pareça mais, feitas as contas, do que uma ligeira ondulação. Os seus opositores no seio do PSD foram, indiscutivelmente, os grandes derrotados deste conselho nacional. Resta agora saber se, ao formar, eventualmente, novo Governo, Balsemão não vai ceder em boa parte ao CDS de Freitas do Amaral aquilo que não cedeu aos «críticos» liderados por Eurico de Melo. O que parece estar

em causa, neste momento, é uma luta entre a expressão que a «velha AD» de Sá Carneiro conseguiu obter no próximo Governo, e a parte que Balsemão conseguirá «guardar» para os social-democratas hostis à guerrilha com Eanes.

O «consenso» a que o Conselho Nacional do PSD chegou neste fim-de-semana está longe, para a maioria dos observadores, de significar que a situação está esclare-

cida no seio da AD. Muitos perguntam-se se um eventual regresso precipitado de Balsemão ao Poder não terá exactamente o efeito contrário àquele que, aparentemente, ele pretendeu provocar.

Duas possibilidades se abrem agora ao presidente do CDS e o futuro próximo dir-nos-á qual delas prevalece: ou Freitas do Amaral é «obrigado» a integrar o Governo, ficando assim seriamente comprometido com a lide-

rença de Balsemão — e nesse caso estão ameaçados os seus projectos pessoais no que toca à coordenação da AD e ao itinerário pessoal que daí decorreria; ou, pelo contrário, entra no Governo em posição de força, encontrando diante de si um Balsemão que, apesar de vitorioso, está na disposição de pactuar e de transigir com o CDS e com a imagem «sacameirista» da AD. **Análise, noticiário e reportagem nas páginas 2 a 7**

Inglaterra de novo em ebulição

Novos incidentes sangrentos ocorreram este fim-de-semana em Liverpool alastrando à cidade de Sheffield, numa demonstração de que a agitação de jovens em luta contra o desemprego não está prestes a cessar na Inglaterra governada pela senhora Thatcher. Ao mesmo tempo, um décimo preso irlandês abeira-se da morte, na cadeia de Maze, na sequência de uma greve da fome encetada há mais de 50 dias. Outro preso começou entretanto a sua greve, em substituição do último falecido. Violentas críticas ao Governo sobre o modo como está a actuar no Ulster surgiram do chefe do gabinete da República da Irlanda e do Primaz de toda a Irlanda, enquanto o «Sunday Times» convida a Inglaterra a dar a independência à Irlanda do Norte. Segundo o Primaz de toda a Irlanda, a senhora Thatcher manifesta uma total ignorância dos efeitos que as mortes sucessivas dos grevistas da fome estão a provocar, enquanto o chefe do Governo irlandês avisa que estes acontecimentos estão a suscitar um ódio generalizado dos irlandeses contra os britânicos. **Pág. 12 e 13**

Autoridades francesas acusadas em Teerão

Telavive anuncia fim do embargo militar norte- americano

Nas centrais

Sete pessoas electrocutadas quando fugiam a uma faísca

Durante uma forte trovoadas, sete pessoas, cinco das quais da mesma família, morreram electrocutadas às primeiras horas da manhã de ontem, na aldeia transmontana de Campeã, depois de uma faísca ter incendiado o contador de uma casa e estabelecido contacto com um poste de alta tensão. As vítimas fugiam em pânico quando encontraram a morte ao estabelecerem contacto com o piso molhado. **Pág. 8**

Aviões dos (e para os) EUA sem controlo em Portugal

Aviões vindos dos EUA ou com destino aos EUA deixaram de ter assistência da parte dos controladores aéreos portugueses, que estão em greve, dois dias, num gesto de solidariedade para com os seus homólogos

norte-americanos. Nos EUA diz-se que a greve, «simbólica», não produz grandes efeitos negativos. Não é essa a opinião dos controladores portugueses, e, a confirmar a opinião destes, estaria uma diligência feita pela

administração Reagan junto do Governo de Lisboa para demover os controladores portugueses da sua decisão. Assinala-se que a greve está a ter a adesão da totalidade dos 330 controladores. **Pág. 15**

Benfica venceu Torneio de Toronto

Pág. 16

Concurso "DL"/81

Poderá ser alargado o prazo de entrega das colecções

Em face da acumulação de correspondência motivada pela greve dos CTT, e uma vez que a entrega das colecções do Concurso só pode ser feita através do correio, o «DL» solicitou autorização ao Governo Civil de Lisboa para alterar o plano de datas do Concurso.

Assim, em princípio (o «DL» confirmará logo que tenha a autorização), o prazo de entrega passará para **17 de Setembro** (data do carimbo do correio) e a data do sorteio para **13 de Outubro**. Leitor, leia as instruções na **pág. 2** e envie já a sua colecção!

Balsemão entre a social-democracia e a direita

Freitas perdeu no Conselho Nacional do PSD mas ainda pode ganhar no próximo Governo

BALSEMÃO regressa ao Governo em posição de força, mas a AD não — eis o que parece ser o resultado de toda esta encenação, de características em boa parte circenses, que a maioria dividida montou neste Verão. Balsemão — devemos dizê-lo — aprendeu, dentro de certos limites, a jogar «à Sá Carneiro»: Demite-se quando dispõe de apoio maioritário. Ausenta-se das discussões e faz-se procurar angustiadamente enquanto elas decorrem e enquanto os seus críticos se afundam até ao caricato por serem incapazes de o substituir. Recusa-se a comentar o que acontece. Quer dias de reflexão quando, exaustos, lhe vêm pedir que suceda a si próprio. Em termos mais «modernos», dir-se-ia que Balsemão também aprendeu com Soares: também ele obteve a sua «vaga de fundo», com a vantagem aparente de permanecer a um passo do Poder e de não ter perdido «a confiança política do Presidente da República».

Mas o seu eventual regresso precipitado ao Poder, depois de o general Eanes ter ouvido os partidos com assento na Assembleia e de ele próprio ter formado um Governo em que «estejam comprometidos personagens de primeiro plano da Aliança Democrática», pode, contraditoriamente, ser, a médio prazo, o seu maior erro nesta «crise».

Decerto, os seus opositores foram «esmagados» neste Conselho Nacional. Eurico de Melo poderia, em princípio, retirar-se para as suas empresas norte-nhas. Cavaco e Silva chegou ao ponto de já não invocar senão a sua correspondência privada com o desaparecido Sá Carneiro, em que — diz ele de modo patético e solidário — o líder lhe propunha mundos e fundos. Helena Roseta entrará possivelmente em profunda crise pessoal. Porém, depois de tudo isto, eles continuarão no PSD. Para quando estará marcada a próxima entrevista de um deles na «Rádio Renascença», no «Dia», no «Primeiro de Janeiro» ou na «Tarde»?

É bem provável que, ouvidos os partidos, Eanes reconduza rapidamente Balsemão como formador de Governo. Os dez dias de prazo máximo que o Presidente terá dado ao Primeiro-Ministro demissionário para «resolver as questões no seu partido» poderão, assim, não se chegar sequer a consumir. Enquanto Eanes janta com Lurdes Pintasilgo e com Melo Antunes e ouve os partidos dizerem-lhe o que ele já sabe, Balsemão está a avaliar das possibilidades reais de fazer um Governo onde, tudo o indica, vai querer incluir Freitas do Amaral como vice-primeiro-ministro e outros dos seus críticos em lugares de destaque. Ele regressa como vencedor, mas não em posição de poder voltar as costas aos que o levaram a demitir-se. Chegaremos a vê-lo convidar Cavaco e Silva para as Finanças?

Remodelação

Balsemão pode parecer regressar ao Governo em posição de força, mas a AD não. Para aquilo a que teimamos em chamar o esboço de uma opinião pública, e sobretudo para a parte do eleitorado PS que votou AD, a coligação maioritária aparece, depois desta «crise», como uma

o próximo Executivo não poderão andar longe daqueles que ele tinha preparado para a remodelação que não chegou a realizar-se como tal — e que apontavam para compromissos que, a materializarem-se, são uma «derrota política» pessoal, nomeadamente no que toca às suas relações com Ramalho Eanes, e portanto à política internacional portuguesa globalmente considerada, e ao modo de conceber as alterações ao equilíbrio ainda existente entre os sectores público, privado e cooperativo da economia.

Um Governo «mais duro», dada a composição do ministério

Governo estaria, porém, condenado a «convocar» uma muito maior oposição e um muito maior descrédito no seio do PSD e de parte do CDS.

Regressando ao seu lugar de Primeiro-Ministro e formando um gabinete de cedências, Balsemão pode, contraditoriamente, estar a fornecer a esse sonho condenado uma maior possibilidade de se realizar, pelo menos em parte. Aquilo que, aparentemente, Balsemão quis evitar — limitar-se ao papel de quem baralha e dá de novo — pode estar, afinal, e apesar da sua «vitória», à beira de acontecer. Nesse caso estão, de facto, criadas — por si próprio — as condições para uma vitória de Pirro.

A confiança de Eanes

Dir-se-á que o mencionado Governo sem Balsemão não seria aceite por Eanes, e que portanto ele nunca passou, nas circunstâncias actuais, de um sonho direitista irrealizável. Na forma em que foi noticiado, os diversos obstáculos institucionais, a começar pelas condições postas pelo Conselho Nacional do PSD e a acabar na recusa quase certa de Eanes em dar a Defesa a Soares Carneiro, deveriam efectivamente inviabilizá-lo. Mas está longe de demonstrado que um seu «ersatz», um seu sucedâneo seria irrealizável. Mais uma vez: «Mota Pinto», «Soares Carneiro» devem ser entendidos como metáforas de determinada política e de determinado estilo na sua realização.

A questão da confiança política de Eanes merece ser posta, independentemente da próxima formação de novo Gabinete, em termos mais genéricos, que dizem respeito, não já à presente «crise» de Governo, mas aos próximos quatro anos — o tempo que nos separa das próximas presidenciais.

O que está, verdadeiramente, em discussão nesta crise da AD, é o futuro da direita portuguesa e o papel da «social-democracia» face a ela. A razão porque Balsemão e Eanes são tão contestados por Freitas do Amaral e por Eurico de Melo, a razão porque a candidatura Soares Carneiro foi «inevitável» para Sá Carneiro, a razão porque só um Governo «Mota Pinto» deveria, na opinião de Freitas do Amaral, suceder a Balsemão, é a mesma e é apenas uma: a direita representada por Freitas do Amaral, pelos «duros» do PSD e por uma série de «outsiders», inclusive militares, que não se reconhecem na actual AD, sabe que o projecto da direita, que Sá Carneiro liderou, não pode ser conduzido pelos «social-democratas do PSD». Freitas do Amaral sabe que a «social-democracia» do PSD pôde constituir uma boa cobertura democrática para a direita e talvez ainda possa fazê-lo se Balsemão se prestar a isso — como provavelmente se vai prestar.

Mas sabe também que os «social-democratas do PSD» não têm existência histórica senão ligados, e possivelmente arrastados, pelo PS de Mário Soares.

Se, apesar da sua «vitória», Balsemão formar Governo com a direita da AD, estará a retardar a cisão que quase aconteceu

desta vez e a alimentar, durante mais uns meses, a ilusão de que a «social-democracia» pode, à custa de toda a sua carga ambígua e de um «antimarxismo» passadista, perpetuar o seu aproveitamento actual do eleitorado direitista. Balsemão só poderá liderar esse bloco procedendo como Sá Carneiro, isto é: identificando-se com as aspirações da direita portuguesa através do discurso tecnocrático. Porém, o seu ideário e as suas ligações impelem-no para Eanes e para o PS — e foi nessa medida que granjeou a confiança política do Presidente da República. Uma grande clarificação política destes cenários está já à vista, com as próximas autárquicas. Se aceitar liderar o que sobra da AD, Balsemão estará provavelmente a enterrar a política de alianças expressamente desenhada pelos social-democratas do seu partido. A não ser que, com o Congresso antecipado do PSD e o previsível fracasso do próximo Governo, a AD acabe por se desmoronar totalmente antes das autárquicas — mas sobreviveria Balsemão a esse facto, depois de novo envolvimento com Freitas e, eventualmente, com um ou outro dos «duros» do PSD?

Na quarta-feira saber-se-á se Pinto Balsemão escolheu a social-democracia ou a direita. Se a sua opção for a primeira, Freitas do Amaral estará, desde esse mesmo dia, a preparar a sua candidatura contra a de Soares, em 1985. Se for a segunda, o líder centrista terá primeiro de tentar devorar os social-democratas. E talvez ele prefira fazê-lo.

João Mendes



Eurico de Melo e Amândio de Azevedo: a «velha AD» contra a social-democracia

força que, apesar de deter a maioria no Parlamento e de um Governo bem tolerado por Balsemão, não consegue governar estavelmente devido aos seus conflitos internos pelo poder. Classificada de «casamento de conveniência que pode levar a um noivado do sepulcro», e dada já praticamente como inexistente pelo homem que levou este Conselho Nacional do PSD a reconduzir Balsemão — Mota Amaral — a AD não deu o passo para que a minoria de «duros» a empurrava — algo de parecido com a sua «institucionalização» e, assim, aparece profundamente dividida, defendida a contragosto e por mera necessidade circunstancial. Ainda vive formalmente, mas como projecto político morreu, de facto, com Sá Carneiro — eis o que só agora a maioria do PSD e parte do CDS estão a compreender.

Quanto a Balsemão, e partindo do princípio que obtém garantias de formação do Governo que pretende, estará na realidade a «regressar em força»?

Balsemão foi obrigado a defender um Congresso Ordinário Antecipado para o PSD, respondendo assim à ameaça de convocação, pelos seus críticos, de um Congresso Extraordinário. Mas a partir de agora, se voltar ao Governo, o tempo jogará de novo contra ele, de vários modos:

Em primeiro lugar, como já vimos, o «esmagamento» dos seus críticos no Conselho Nacional não significa que eles se calem ou que fiquem paralisados até a um dos dois Congressos. Nem seria natural que o fizessem agora, se Balsemão, afinal, se dispôs a «continuar à frente do Governo».

Em segundo lugar, como espera o Primeiro-Ministro continuar a «preservar a sua imagem» num gabinete com a participação de personalidades que estarão fundamentalmente empenhados em o demolir?

Os cenários de Balsemão para

e o papel dos eventuais vice-primeiros-ministros, será também um Governo que, provavelmente, exigirá de Balsemão uma responsabilização pública pessoal mais constante pela política praticada, ao contrário do que ele já mostrou desejar.

A metáfora Mota Pinto

A hipótese de um Governo liderado por Mota Pinto, com a participação de Freitas do Amaral, Vaz Portugal, Soares Carneiro, etc., noticiada na passada semana adquire agora, enquanto metáfora, um novo colorido fantasmático.

Não é importante que Mota Pinto tenha ou não sido contactado, que dois Estados-Maiores tenham ou não sido contactados. Cavaco Silva também não foi contactado pela distrital de Lisboa do PSD, e no entanto chegou a ser, de facto, o seu candidato para o cargo de chefe do Governo. (Interrogado sobre se considerava natural essa situação, o segundo personagem dessa Distrital, Santana Lopes, chegou mesmo a dizer calmamente que sim. A Distrital elegeu o perfil que desejava; agora se ele aceitaria ou não, era outra coisa...)

Do mesmo modo, para alguns dos críticos de Balsemão no PSD e no CDS enfraquecido, a possibilidade de Mota Pinto e de outros aceitarem o cenário congeminado corresponderia a um segundo tempo que não se chegou talvez a verificar. O que interessa sublinhar é que os «duros» da AD não imaginam, como solução de continuidade para o Poder da coligação, senão um Governo «Sá Carneirista». Tal Governo poderia, eventualmente, vir a governar por algum tempo, caso Balsemão repetisse agora, no termo da sua «reflexão», e pensando sobretudo no próximo Congresso do seu partido, o gesto da madrugada de segunda-feira passada. Esse

Concurso "DL"/81

Envie as colecções até 20 de Agosto

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

- O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;
- O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8\$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar — não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 7 e 15 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

CONCURSO DL

Os números atrasados
poderão ser adquiridos
na Rua Luz Soriano, 17

HORÁRIO: 09.00 AS 18.00

ABERTO À HORA DO ALMOÇO

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIAS

GITUS

RDA

Últimas Inscrições

Partida 25/8

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE
GITUS
Av. da Liberdade 71-3 1.º Dt. Lisboa
Tels. — 31 05 56 32 06 38 36 43 03

política de A a Z

Sete notas
para a clarificação (teórica)
de uma crise

(1)

A crítica da política precede a crítica da economia, mas implica-a. Da economia, de que é «uma expressão concentrada», não é a política, todavia, um reflexo mecânico, directo, unidimensional e unidireccional.

Entre a economia e a política existem mediações: os programas, as decisões administrativas, as legislações situam-se nesse nível (ou melhor: nessa função) das mediações entre estruturas (económica) e super-estrutura (ideológica, jurídica, política).

A crise da economia foi, naturalmente (e cronologicamente) prévia em relação à crise da política. A degradação das condições de vida, a deterioração da situação financeira do País, os atrasos estruturais, a indefinição na exoração de novos campos de actividade e de novas relações internacionais, a distância (política) em relação aos Países Africanos de expressão portuguesa, a distância (cultural e tecnológica) em relação à Europa cuja integração foi considerada, numa manifestação sobreposição do ideológico ao político e ao económico, como prioritária — tudo contribui para uma crise que só não deverá ser qualificada de falência, porque, verdadeiramente não havia projecto ou objecto a que tal falência se reporte. Sem rumo e norte. «navegação à vista», tem sido a pública governação.

Com ironia, por ironia, poder-se-ia dizer de tal governação de exterioridade e rotina, que foi navegação à vista da costa do Estoril a Cascais. Sem rasgo político. Sem sentido nacional.

(2)

A crítica da política não poderá cingir-se à crítica de uma actividade de Governo e de uma liderança de «partido», ou de «coligação». Não poderá limitar-se à apreciação dos resultados e dos resultados de uma «coligação» típica e das respectivas (e intrínsecas, inevitáveis) contradições. Poderá contemplar esses aspectos, de algum modo abrangê-los ou como elementos de análise os reter, mas com eles não se satisfaz.

A crítica da política terá que ser, em primeiro lugar, crítica da prática política, nesta análise específica da prática política incluindo, com particular relevância, a da prática governativa. Mas nela se não detendo. Na dialéctica Governo/Oposição/Oposições, a crítica da política não poderá considerar exclusivamente a prática de (do) Governo, terá que ter em conta a prática de (da) Oposição, ou de (das) Oposições.

E, consequentemente, terá que abordar a crítica dos partidos políticos, a crítica dos partidos que constituem suporte parlamentar do Governo e a dos partidos, grupos ou correntes, que se situam nas áreas de oposição parlamentar, de oposição sem expressão parlamentar e extraparlamentar. Terá que considerar os partidos políticos com figuras políticas e organizacionais individualizadas ou como componentes de coligações. E, neste último caso, sem esquecer o que as partes levam ao todo positiva e negativamente, não só contribuições, como limitações.

A crítica da política não poderá ignorar a organização do espaço político, a sua ocupação nominal, tendencial ou real. Não poderá deixar de ter em conta a distribuição e a correlação de forças no espaço político e as respectivas variações conjunturais.

A crítica da política deverá, relativamente ao espaço político, analisar a estrutura partidária e, possivelmente, terá que encarar como estrutura partidária, os «partidos» exercendo para além de uma função, uma ocupação.

E já se reconhece que nem a ocupação (aspecto estático), nem a função política do partido (aspecto dinâmico), esgotam a realidade (e actividade) política.

(3)

A crítica da política não poderá ser reduzida, impreviável e sectariamente, à comodidade política (pessoal ou partidária) e ao repouso de consciência, de uma crítica exclusiva dos partidos e formações da Direita. Tal limitação não revertiria só o carácter de uma abdicação intelectual, ou de uma inibição ideológica, seria um erro político. A Esquerda deverá assumir as suas responsabilidades na política da Direita, mas reacções e retraimentos, na recuperação, nos avanços, na iniciativa. Em parte, e numa parte que não é desorezível nos planos da intervenção política e do comportamento social, as vantagens da Direita consistem na exoração oportunista (algumas vezes, cinica) das hesitações, contradições e erros da Esquerda.

(4)

A Direita revelou uma eficaz capacidade de acção

(e de intriga), de oposição (e de subversão), relativamente ao novo curso político no período posterior a 25 de Abril de 1974, mas tendo sido capaz de o perturbar e pôr em causa, não foi capaz de exorar o 25 de Novembro, de ditar a consagração e ao País a sua vontade política, de assumir a «contra-revolução».

Não tendo sabido exorar a situação, a Direita não perdoará aos que queriam a moderação (aliás, equivocada), mas rejeitavam o «regresso» (político e económico), não deixará de hostilizar os que não queriam exagerar uma depreciação pretensamente cautelosa (que, aliás, teve os seus exageros), que não aceitavam que a acção de 25 de Novembro degenerasse num «migue-lismo» a ferro e fogo. Não perdoará as palavras serenas, de travagem, proferidas por Melo Antunes. Não perdoará o rigor formalmente democrático de Ramalho Eanes.

Não é a Direita um campo político uno. Nem esse campo político que abrange os servidores do salazarismo, os conservadores ouros e os neofascistas, para além de todos os centristas, se apresenta vocacionado para a unificação. A constituição da chamada «Aliança Democrática», sem se sobrepor a todo o território da Direita, apresentando inflexões centristas (centro-direita, centro-esquerda; de democratas-cristãos velho estilo, umas; de sociais-democratas timoratos, outras), exorou o território político, como forças operacionais, os MIRE (Partido da Direita Portuguesa) e os PDC, liquidou, ou marginalizou, grupos e grupúsculos, silenciou vozes, condenou-os a um discurso radical (de direita), inflamado, retórico, mas sem outro conteúdo que o saudosismo salazarista e imperial, sem outra perspectiva que os quichotismos desesnerados e o activismo subversivo.

Sem a assimilar (politicamente), a «Aliança Democrática» englobou (eleitoralmente) a Direita, retirou aos radicais de direita a credibilidade contestatária que inteiramente ela assumiu contra Eanes, contra o Conselho da Revolução e no que concerne a diligência «restauracionista». Quanto ao projecto «restauracionista», a «Aliança Democrática» apresentou-se com capacidade tecnocrática para substituir a Direita, e reduzir ao silêncio núcleos de opinião e tentativas partidárias. Marginalizando-os ocupou um espaço político que era o possível território da Direita.

Assim — e apesar de cristãos democratas, democratas-cristãos, democratas liberais e sociais-democratas que às suas fileiras aderiram e com ela votaram — a dita «Aliança Democrática» converteu-se, nela inexorável lógica do activismo político e do arrastamento eleitoral, no projecto político, na convergência obrigatória e absorvente, das forças dispersas e da força organizada da Direita.

Quando Francisco Pinto Balsemão, reivindicando a Diogo Freitas do Amaral em nome da superioridade aritmética do PSD a liderança da «AD», decidiu acumular a sucessão partidária e a sucessão na chefia da «coligação», assumiu objectivamente, a direcção da Direita.

Nessa dupla qualidade foi contestado. Na «AD» derrotada em Dezembro, e ferida pela ausência do político que naturalmente a liderava, havia quem entendesse prosseguir a «guerra» contra Ramalho Eanes para, de algum modo, inventar cimento unitário e comum pretexto de intervenção política. De um «projecto político AD», não falemos. Há mistérios impenetráveis. Os vagos devaneios retóricos, demagógicos, podem arrebatos os fiéis ou impressionar a assistência a comícios, mas não oferecem substância à análise crítica. Ninguém poderá, com um mínimo de seriedade, atribuir a dignidade teórica de um «projecto político» ao resumo de motivações e ao enunciado de intenções referidas, há dias, por Diogo Freitas do Amaral (comunicação televisiva, 6/8/1981).

(5)

A conversão do Partido Popular Democrático (PPD), constituído, sob pressão logo após o 25 de Abril, em Partido Social-Democrata (PSD), surgiu como corolário de uma decisão concorrential em relação ao Partido Socialista. Concorrência a nível europeu, por um lado: o PSD interessado em aproximar-se dos partidos sociais-democratas europeus e na filiação na Internacional Socialista; por outro lado, concorrência com o Partido Socialista nas áreas urbanas, nas camadas trabalhadoras da indústria e dos serviços.

O Partido Socialista cortou ao PSD o acesso à Internacional Socialista e o estreitamento de relações com os partidos sociais-democratas e socialistas da Europa, mas aceitou, com os trabalhadores filiados no PSD e outros, constituir uma estrutura sindical: a UGT.

No plano político, em sucessivas ocasiões, a perspectiva de uma cooperação parlamentar, governamental e eleitoral terá sido encarada. E tanto pelos socialistas e sociais-democratas do PS, como pelos sociais-democratas e liberais do PSD.

Na vontade política de alguns dos seus dirigentes e militantes, e no discurso crítico dos dissidentes da ASDI, ou dos contestatários do MSD, o Partido Social-Democrata (PSD) não soube corresponder ao espírito e

Continua na pág. 4



● Lurdes Pintasilgo e Melo Antunes estiveram em Belém, com Ramalho Eanes, na noite de sábado. O encontro do Presidente da República com a antiga primeiro-ministro e o actual presidente da Comissão Constitucional não mereceu qualquer comentário da parte de Belém. Segundo a ANOP Pintasilgo e Melo Antunes jantaram com Ramalho Eanes.



O secretário-geral do Partido Comunista Português manifestou na Bulgária «profunda preocupação» pela decisão do governo norte-americano de produzir a bomba de neutrões. Álvaro Cunhal — de férias em Varna — encontrou-se com o seu homólogo búlgaro, Todor Vivkov, e ambos manifestaram a opinião de que Washington decidiu produzir a bomba de neutrões com o objectivo de conquistar «uma superioridade unilateral que constituirá uma nova ameaça para a paz mundial». Entendem que os Estados Unidos são responsáveis pelo recrudescimento da tensão internacional e que a atitude norte-americana cria «um novo instrumento para aniquilação de massas na Europa». O tema bomba de neutrões foi também abordado pelo general Costa Gomes. O antigo presidente português declarou ao correspondente da TASS em Lisboa que a decisão norte-americana de iniciar a produção da bomba de neutrões significa mais uma atitude política do que militar. Vice-presidente do Conselho Mundial da Paz e Presidente do Conselho Português para a Paz e a Cooperação, o general Costa Gomes afirmou que a decisão do executivo norte-americano implicará inevitavelmente uma fase mais perigosa na corrida aos armamentos. O antigo chefe do Estado português declarou ainda que a bomba de neutrões «contradiz a própria essência da humanidade».

● O embaixador Fernando Reino partiu já para Genebra onde vai ocupar o cargo de representante diplomático português junto da EFTA e dos organismos internacionais com sede naquela cidade suíça. Fernando Reino é licenciado em direito pela universidade de Coimbra, e foi até há um mês chefe da Casa Civil da Presidência da República, tendo então assumido essas funções José Caldeira. Fernando Reino já esteve em missão diplomática em Paris, Tóquio, Tenerife Cidade do Cabo, Tunes e Bruxelas.



● Os fundamentos do veto presidencial ao decreto da Assembleia da República que altera o controverso estatuto dos deputados serão apreciados pela próxima reunião da conferência dos líderes parlamentares. «A defesa da dignidade da função dos deputados tem de ser entendida como uma condição indiscutível da consolidação e do reforço da democracia» — explica o presidente ao fundamentar o veto. Tudo se deve fazer para que os deputados «disponham dos meios necessários ao funcionamento mais eficaz possível da sua actividade política de representantes dos portugueses» — prossegue. «A dignidade de qualquer órgão de soberania está directamente relacionada com o exemplo que deverá dar em todas as circunstâncias de compreensão das condições políticas gerais». Deverá ainda dar exemplo «de consciência dos limites impostos pela carência de recursos, de adequação às normas que regem os serviços prestados ao Estado democrático e a dedicação à defesa da democracia» — acrescenta. «Neste sentido», o presidente afirma concordar «com a necessidade de actualizar o vencimento e algumas regalias acessórias» dos deputados. O Presidente acrescenta no entanto logo a seguir que «não se poderá deixar de procurar evitar situações em que regalias específicas e diferenciadas venham pôr em causa a ligação democraticamente indispensável entre o eleitor e o deputado, o cidadão e a Assembleia da República».

● Os sociais-democratas venceram ontem as eleições intercalares para as Assembleias de Freguesia do Salão, ilha do Faial, e da Faja Grande, ilha das Flores. Dos 352 eleitores inscritos na freguesia do Salão votaram 255, cabendo 149 votos ao PSD e 103 a uma lista de independentes. Houve ainda dois votos brancos e um nulo. Na freguesia da Faja Grande, conselho das Lajes, ilha das Flores, exerceram o seu direito de voto 139 dos 223 eleitores inscritos. Votaram na lista do PSD 72 e 52 na APU. Verificaram-se também 13 votos nulos e dois brancos.

A "atitude digna" de Balsemão não passou de mero "bluff?"

Uma demissão a prazo?

COMO REGRESSAR? Neste momento é este, provavelmente, o dilema maior de Francisco Pinto Balsemão. Há uma semana, soube COMO SAIR. Em termos de estratégia política, a "jogada", que chegou a ser classificada como brilhante, exigiria agora que a reviravolta fosse de igual valor.

Os críticos foram pelo menos, temporariamente, vencidos. Freitas do Amaral, por arastamento, «entalado». A primeira AD, que se anuncia, deverá constituir outra vitória para Balsemão. Mas isto chega?

Jogar com um dos mais importantes cargos da hierarquia do Estado para ultrapassar problemas partidários, será lícito?

Não surpreende, porque nem sequer é inédito, que um Primeiro-Ministro se demita quando a situação na maioria que o apoia o impede de governar. Mas já será surpreendente, e colocará sérias interrogações, se, afinal, se constatar que a tal «grave crise» teve solução numa semana e que, tão curto espaço de tempo, serviu para ultrapassar o que antes era considerado insalvável.

É certo que a «birra política» quase entrou na rotina portuguesa — Sá Carneiro, Mário Soares... No entanto não foi essa a imagem que, de si mesmo, Balsemão tentou dar. Foi antes a de um negociador, a de um político arrastando-se de conciliação em conciliação, até à inevitável (e afinal oportuna) ruptura. E agora?

Um regresso ainda que triunfante, parece prematuro, porque pouco hábil, antes do Congresso do PSD — Congresso que, numa jogada também de belo recorte político, não deverá ser extraordinário, como o pretendiam os «críticos», mas uma antecipação do ordinário, o que, pese a

subtileza estatutária, é substancialmente diferente. Mas um Congresso leva tempo a organizar (um mês? dois meses? Outubro ou Novembro?). E até lá, quem vai governar?

Nas originalidades do processo político português, a situação presente de Balsemão não deixa de ser mais uma: um Primeiro-Ministro demissionário que mantém a confiança política do Presidente da República e do Parlamento. Mas isto não lhe fornece, constitucionalmente, condições para se manter «em gestão» por tão longo tempo. Qual será a saída?

Nomear um Governo, sem Balsemão para cair exactamente no momento em que o Congresso exigir, entusiasticamente, o regresso do sucessor de Sá Carneiro? Levar os parceiros da AD a secundarem o Conselho Nacional e, eles também, a quase suplicarem o regresso de Balsemão, reconhecendo-o como líder incontestado da coligação?

Qualquer dos cenários é viável, embora tudo indique ser o segundo o mais provável. Poderá então dizer-se que a situação está clarificada, que estão criadas as condições para um Governo forte que, finalmente, governe. Mas a credibilidade, o prestígio, da instituição democrática terá sofrido mais um abalo. A ninguém passará o absurdo de uma demissão a prazo — e a tão curto prazo!

Eduardo Rebelo

tem a palavra o leitor

Predomina a indifença, mas...

Pinto Balsemão demitiu-se, vítima da contestação mas o PSD reconduziu-o. Mesmo os opositores (dentro do PSD, claro) renitentes chegaram a «consenso». O sucessor de Sá Carneiro pediu uns dias para reflectir. Que pensa desta dança-contra-dança o povo português, que para esta questãozinha não foi tido nem achado?

— Eu penso que é uma falta de maturidade dos próprios políticos, já deviam ter pensado isto nas reuniões anteriores e escusava o povo de estar a viver na indecisão. Acho que foi bom ele ter sido reconduzido porque ainda é cedo para ver do que é capaz de fazer — respondeu Vítor Caetano, agente comercial de 24 anos.

Ana Maria Neves, de 16 anos, é estudante mas actualmente ocupa os tempos livres cuidando de jardins municipais por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. Começa por dizer «não sei, eu disso não sei nada...». Depois, sorridente, com boa vontade, lá vai respondendo:



Rosa da Silva



Vítor Caetano



Manuel Ramos



Ana Maria Neves

tade, lá vai respondendo:

— Se eles se entenderem uns com os outros, acho bem que ele tenha voltado. Não me parece que a vida esteja muito má... bom não sou eu que faço as compras, é a minha mãe e ela queixa-se de que está tudo muito caro. Se estiver doente? Ah, não me preocupo, o meu pai era militar e nós temos assistência». Manuel Ramos, de 24 anos, bebe água num chafariz do mesmo jardim. Enquanto sacode as mãos, responde:

— No momento actual acho que ele é a pessoa indicada para ser

Primeiro-Ministro. Há muitas coisas melhoradas...

— ... como por exemplo...

Continua a sacudir as mãos: — Isso agora é que é pior... isso agora é que é pior. É um problema, sabe?

— Qual é a sua profissão?

— Estou desempregado. Mas não me preocupo muito com isso porque vou entrar proximamente para a PSP.

Lina Santos, de 20 anos, é estudante e tem agora um trabalho provisório: substitui uma pessoa que está de férias.

— Eu de política tenho uma

ideia mesmo muito fraquinha. Ligo muito pouco à política. Mas isto tudo mostra uma grande desorganização dentro do próprio partido do Primeiro-Ministro. Eu nem sei o que seria melhor...

Opinião igualmente pouco li-songeira manifestou Rosa da Silva, de 22 anos, escriturária.

— Não me parece muito aconselhável ele lá continuar. A AD é o pior Governo que a gente teve depois do 25 de Abril. Basta dizer-se que nos outros Governos os preços aumentavam uma ou duas vezes, agora já vai aí na quarta...

política de A a Z

Continuação da pag. 3

à prática política do partido social-democrata que tem querido ser. Foi-lhe fatídico o crescimento rápido; descaracterizou-se pelo recrutamento indiscriminado. Os marcelistas neocanitalistas, os liberais reformadores, os democratas sinceros e os de rosto nálido, ficaram submersos por vagas de aderentes que tinham militado nas sucessivas versões do «partido único» ou vegetado nas suas margens. A desilusão revolucionária nestes casos, concretizou-se numa ânsia de recuperação de posições e de privilégios, num apressado «restauracionismo».

Este, incompatível, quer ideologicamente, quer nos planos económico e político, com uma prática política social reformadora e efectivamente democrática. No limite a restauração da esfera da económica e dos privilégios sociais, implicando condicionamentos, restrições, um certo restauracionismo na esfera da política e da governação. As ilusões reformistas conformaram-se com a «mitologia da ordem», quando, no Governo, os sociais-democratas do PSD se deixaram conduzir, ou consentiram ser condicionados, pelo CDS.

A campanha Sá Carneiro — Soares Carneiro, sempre assistida e participada por Diogo Freitas do Amaral e Adelino Amaro da Costa, teve um claro significado: era o termo do «projecto social-democrata». Com ela oficializou-se o «golismo restauracionista». Como linha política do PSD? Enquanto aliado do CDS, enquanto componente da «Aliança Democrática», teremos que responder afirmativamente.

(6)

Na declaração televisiva, de Diogo Freitas do Amaral (6/8/1981), a questão ficou nitidamente posta: «... era essencial à democracia e ao projecto da AD a vitória do general Soares Carneiro». Vem aqui a mais a palavra «democracia», mas não nos detenhamos a contestar a tortuosa utilização do termo, e como sabemos do discurso amargo (e digno) de Francisco Balsemão no Conselho Nacional do PSD (9 de Agosto ou madrugada de 10 de Agosto) que, no Partido Social Democrata, «havia pessoas que anostavam na solução Freitas do Amaral», ou, decifrando, que para algum PSD a chefia do Governo AD deveria ser confiada ao presidente do CDS, ficamos em condições favoráveis para entender o que se pretende como uma «institucionalização da AD» ou aquilo a que se refere Diogo Freitas do Amaral quando fala da sua presença na «estrutura coordenadora da Aliança Democrática».

Da crise interna do PSD surgiu esta segunda crise ministerial (a demissão de Carlos Macedo) e logo as duas crises foram interpretadas severamente na sequência de uma declaração do ex-ministro de Sá Carneiro, eng. Eurico de Melo: «Quer isto dizer que dexo de existir uma crise ministerial — que era de resto perfeitamente relativa — para passar a existir uma crise pessoal ao mais alto nível do poder político. A partir de agora, terminou a discricção das palavras, e deixou de ter validade a cortina de fumo com que durante mais de uma semana se pretendia ocultar, com uma qualquer remo-

delação ministerial, o problema fundamental da crise do poder.» (Francisco Soares Tavares, «A Capital», 3-18/1981).

Na realidade, Costa «a questão a mim», avultava a terceira crise: «o problema fundamental da crise do poder» que era, igualmente, crise de poder, de autoridade de liderança, no PSD e na AD. A partir da declaração de Eurico de Melo o problema do PSD e da AD estavam postos: estava colocado o problema do reconhecimento oficial da falta de autonomia política de um Governo prisioneiro do CDS, de um PSD dividido pela aposta na «solução Freitas do Amaral».

Das suas reacções, falou Eurico de Melo aludindo: «a um sentimento pessimista sobre o próprio futuro do partido, condenado talvez a ser um pequeno partido situado entre uma grande força conservadora e a massa progressista do P.S.» («A Capital», 3/8/1981).

Pela primeira vez, nas palavras de Eurico de Melo, se nos denara uma referência pública à eventual emergência de «uma grande força conservadora» como consequência da actual crise política. Pela primeira vez, claramente, um membro do PSD admite que este se transforme num «pequeno partido». Todavia essa é a consequência lógica do «projecto Sá Carneiro-Soares Carneiro». O golismo restauracionista detido pela vitória de Ramalho Eanes nas eleições presidenciais, frustrado pelo processo normal de revisão constitucional, contrariado pelo Conselho da Revolução, procura um instrumento adequado da intervenção política: um partido conservador.

A «institucionalização da AD» — chamemos-lhe assim — poderá ser o caminho para esse partido conservador.

Da natureza desse partido conservador, do carácter da sua chefia, da personalidade do caudilho, e da própria lógica do restauracionismo que lhe será a substância política, dependem a rapidez da sua transformação em partido único (da Direita) e a vocação para partido único do Estado.

(7)

Canta Manuel Alegre: «A esquerda a que pertencio é muito antiga». E diz-nos que é «fogo e festa mais do que poder». Os poetas sabem ler a História, mas o problema hoje, não é o «fogo» ou «a festa», é o «poder». A «legitimidade» atribuída à AD para governar é apenas um formalismo jurídico que a própria «coligação» e os seus dois maiores componentes, à comita, estão inviabilizando. O Governo AD padece de um mal incurável: o restauracionismo. E por entre as malhas que a reacção tece, e nas quais Francisco Pinto Balsemão se deixou enlevar espreitadamente, conspíram, avancam já, os entusiasmas de «uma grande força conservadora», anticomunista e antidemocrática.

E a Esquerda? A nossa Esquerda «muito antiga», dignamente resistente e timidamente respeitadora, que contas faz à sua, à nossa vida? Como se pode, dia sim, dia não, dizer que a AD deve governar e que a AD é incapaz de governar?

20% DESCONTO

ANDRÉ MERCULANO

de 17 a 22 de AGOSTO

LIVRO DA SEMANA

NAS LOJAS BERTRAND de LISBOA

A roda dos partidos já começou esta manhã em Belém

“Esmagada” a minoria de críticos

Conselho Nacional PSD decide indicar novamente Balsemão

O Conselho Nacional do PSD, que esteve reunido desde as 10 horas da noite de sexta-feira até às seis da madrugada de domingo, designou de novo Pinto Balsemão, para o cargo de Primeiro-Ministro.

Este, que esteve sempre em contacto telefónico com os seus apoiantes no Conselho Nacional, foi ontem «oficialmente» informado do teor da moção negociada com os seus críticos e aprovada por 58 votos a favor, um contra e três abstenções, e pediu um prazo até quarta-feira para responder se aceita ou não a indicação do seu nome para chefe do próximo Executivo.

Durante esse curto período de tempo Balsemão deverá convocar uma cimeira da AD e estabelecer vários contactos com elementos que gostaria de ver no novo Governo. De acordo com um destacado dirigente do PSD esta manhã contactado pelo «DL», Balsemão considera que a reviravolta dos críticos criou, dentro do PSD, as condições políticas para poder avançar de novo para S. Bento, mas «há ainda muitas e decisivas questões a resolver no seio da AD».

Uma delas deve ser a posição de Freitas do Amaral, que garantiu-nos a mesma fonte — «não poderá ficar de fora e terá que se empenhar a fundo no Executivo». Isto apesar de Moura Guedes, de resto, acompanhado por muitos outros dirigentes do PSD com quem conversámos ao longo da reunião, ter considerado que «a única cabeça que rolou foi a de Freitas do Amaral». Entretanto o dirigente centrista, em declarações prestadas esta manhã ao «DN», declarou-se desde já «favorável» à designação de Pinto Balsemão. Mas a «batata quente» está nas suas mãos, e se ele não aceitar as condições que lhe vão ser impostas

feliz que fez deitar por terra a imagem que conseguira criar em anteriores intervenções noutras reuniões. As três da manhã de sábado estava a falar para os órgãos de informação demarcando-se das críticas que havia sido alvo e anunciando o ultimato que havia feito para que um seu artigo explicando as bases do Partido fosse publicado no «Povo Livre».

Entretanto, a discussão de questões processuais — nomeadamente quem é que, estatutariamente, tinha obrigação de apresentar ao Conselho o nome ou nomes de primoministeriáveis — ocupou grande parte do tempo útil da reunião e dos intervalos.

No sábado à tarde a Comissão Jurisdicional do PSD, que entretanto havia reunido, acabou por entender que a responsabilidade da formalização de candidaturas pertencia ao Conselho Nacional e não apenas à Comissão Política Nacional.

A decisão — foi dito aos jornalistas — baseou-se na interpretação dos estatutos com base no argumento de que eles «servem para o funcionamento e não para a paralisação do partido». Qualquer conse-

lho e se condenava pública e violentamente o comportamento dos críticos.

A Comissão Política Nacional pediu então a interrupção dos trabalhos, eram 17 e 15 de sábado, para que a reunião das distritais se pudesse efectuar.

Nessa altura, vários conselheiros deram a entender aos jornalistas que «o fim dos críticos estava próximo». «Não se pode conciliar mais. Temos que avançar e eles apenas criticam e nada de concreto adiantam» — disseram ao «DL» dois membros do Conselho Nacional que se mostravam desiludidos com o «triste espectáculo» que o PSD ao fim e ao cabo estava a dar.

Pouco depois sabia-se que a moção das distritais continha quatro pontos e era de «descasca pessegueiro» em relação aos críticos, que, via-se no seu comportamento, estavam preocupados. Cavaco e Silva abandonou o Penta dizendo que voltava dentro de dez minutos, mas não voltou mais (falou-se então de problemas de saúde da sua mulher). Helena Roseta e Santana Lopes não tinham cara de «estarem numa boa». Eurico de Melo nada dizia.

Cerca das 21 e 30 os trabalhos foram de novo interrompidos (aliás o Conselho Nacional, enquanto plenário, havia funcionado apenas cerca de meia hora desde as 17). Foi dito aos jornalistas que se tinha estado a discutir se a moção das distritais poderia propor críticas e discutir se o teor da moção das distritais poderia ser aceite, uma vez que estava fora de ordem de trabalhos... E a verdade é que essa questão arrastou o desenvolvimento dos trabalhos e viria a ser o ponto da viragem após o jantar.

As voltas dos críticos

A reunião do Conselho Nacional recomeçou cerca da meia-noite de sábado, para votar a moção das distritais. Os encontros durante o jantar entre membros das diversas facções foram intensos. Começou então a falar-se da possibilidade de se chegar a um consenso, pois os críticos (nomeadamente Helena Roseta, Santana Lopes e gente das distritais do Porto, Setúbal e Castelo Branco, uma vez que Eurico de Melo os tinha «largado» e já estava provavelmente em Braga...), em troca do desaparecimento das críticas públicas ao seu comportamento, estariam dispostos a apoiar a moção redigida de outro modo.

Ai foi nitido o mal-estar causado em alguns dos apoiantes de Balsemão, que consideravam um «erro de consequências incalculáveis» estar a procurar o consenso. O plenário foi de novo interrompido, os críticos reuniram com as distritais para redigirem uma moção de consenso e ao que nos disseram, começaram por transformar alguns dos pontos da moção em considerandos...

Foi então que Moura Guedes saiu dizendo para quem o quis ouvir: «Isto é miserável. Vou-me deitar» afirmou, revelando que ainda não tinha havido qualquer votação e que não admitiria cedências.

Alguns conselheiros foram atrás dele e conseguiram fazer com que Moura Guedes voltasse.

Santana Lopes, cerca da 1 e 30 disse aos jornalistas que «o consenso era possível». O impasse, no entanto, continuava, o cansaço apoderava-se das pessoas, alguns dos militantes de base que se mantiveram no Penta apoiando Roseta e Santana Lopes davam mostras de receio de «traição» por parte destes dois dirigentes às suas bases, e surgiu então a cena, que relatamos noutra local, da saída de Roseta e Santana para uma mesa de um dos bares do hotel, onde conferenciaram.

E a partir daqui ninguém se entendia. Pelo menos cá fora, onde os jornalistas se interrogavam sobre o que se estaria a passar e qual era o sentido de toda aquela longa reunião que afinal não procurava a clarificação mas um consenso que todos sabiam nada iria resolver e seria apenas um «recurso tático» de uma das partes.

E com o tempo a andar lentamente constou então, já a madrugada ia alta, que os críticos, ao aperceberem-se do interesse manifestado por Balsemão no consenso já faziam de novo «certas imposições».

«Basta»...

Mota Amaral, que entretanto já se tinha retirado para o seu quarto que tinha reservado no hotel, foi chamado de novo. Disseram uns que era para a votação. Disseram outros que era para se sair do impasse.

Ao certo, ao certo, soube-se que o presidente do Governo regional dos Açores, que teve intervenções decisivas no andamento do Conselho — nomeadamente na resposta esmagadora que deu a Cavaco e Silva — depois de chamado, e talvez irritado pelo adiamento da hora (dizem que ele gosta de dormir cedo...) gritou «Basta!» e começou a dizer de sua justiça.

A ANOP, que veicula esta informação, cita também uma fonte do Conselho Nacional revelando que a intervenção de Mota Amaral no sentido de obrigar os críticos a adoptar uma posição definitiva em relação à moção foi seguida de um «apelo à concórdia» formulado por Leonardo Ribeiro de Almeida.

E então — disse a mesma fonte — após breves minutos de «silêncio expectante», Pedro Santana Lopes levantou-se, dirigiu-se à mesa do Conselho e assinou a moção já subscrita por 16 comissões distritais.

Compreendendo as razões patrióticas que Santana Lopes tinha em mente ao tomar tal gesto — repare-se que não se limitou a votar a moção, antes a subscreeveu — Helena Roseta seguiu o seu camarada especialista em questões constitucionais. Logo após levantarem-se os representantes das distritais de Castelo Branco e Setúbal, afectas aos críticos.

A moção foi finalmente votada. Pelos corredores do Penta ouviu-se uma salva de palmas (Moura Guedes não contribuiu com os seus aplausos, porque entretanto, de novo aborrecido com o espectáculo, foi-se embora, e de vez, antes da votação). Os problemas estavam resolvidos (estariam?), mas nem assim a satisfação voltara a todos os rostos na hora da saída.



António Queirós (UDP) com os jornalistas



António Galhordas: o MDP defende eleições antecipadas



Nos corredores de Belém: o MDP sai (Helena Cidade Moura e António Galhordas) a UEDS entra (Lopes Cardoso)

Primeiro-Ministro na forja, partidos políticos em Belém

Nos termos constitucionais, e após ter ouvido o Conselho da Revolução, o Presidente da República iniciou esta manhã a audição dos partidos políticos com assento parlamentar tendo em vista a indagação de um novo Primeiro-Ministro.

Em Belém, as primeiras delegações partidárias a serem recebidas foram as da UDP e MDP/CDE, seguindo-se, já ao fim da manhã, a UEDS. Para esta tarde estão marcadas audiências com representações da ASDI, PPM, PCP, CDS, PS e PSD.

A delegação da UDP — Francisco Rosa e António Queirós — chegou a Belém cerca das 9.30 horas. À saída António Queirós afirmou que o próximo Governo, se chefiado pela AD, será mais claramente antipopular que o anterior. No entanto, para este dirigente, a solução não passa necessariamente pela realização de eleições antecipadas, embora considere que, neste momento, há uma ausência de alternativa de parte dos partidos da oposição. Neste sentido, adiantou, a UDP tenciona apresentar dentro de uma semana «uma proposta política de mudança e solução popular para a crise».

Ao contrário de António Queirós, António Galhordas, que

falou em nome da delegação do MDP/CDE, que incluía ainda Helena Cidade Moura e António Gonçalves, disse que havia sido expressada ao Presidente da República a opinião de que a solução seria a realização de eleições gerais antecipadas. Para António Galhordas a crise da AD foi indevidamente transportada para o País, depois da AD ter fracassado na prometida estabilidade para todos os portugueses. Este dirigente fez ainda um apelo a todos os democratas no sentido de apoiarem a realização de eleições antecipadas e criticou o que classificou como actual indefinição do PS.

Na opinião de Lopes Cardoso (UEDS), «o Presidente da República deve esgotar todas as hipóteses previstas no actual quadro parlamentar, ou seja, o problema das eleições antecipadas apenas se deve colocar quando se verificar que na actual Assembleia da República não há uma maioria susceptível de formar Governo».

Neste contexto, Lopes Cardoso afirmaria ainda aos jornalistas que «cabe à AD o encargo de formar novo Governo».

A delegação da UEDS era constituída, além de Lopes Cardoso, por Fernando Guedes e Lopes Mendonça.



A grande gargalhada vem dos Açores. Fim da AD à vista?

por Balsemão será o fim da AD».

Questões processuais

A reunião do Conselho Nacional do PSD foi mais um conjunto de intervalos que outra coisa.

Pinto Balsemão apareceu no início dos trabalhos, teve uma curta intervenção que foi largamente aplaudida e saiu para não mais voltar. Quis com isso — disse — «criar condições para que se pudesse discutir a questão à vontade». A questão, obviamente, era a designação de um novo Primeiro-Ministro, e ele, que sabia bem as linhas com que se cosia, não queria ser parte numa causa que directamente lhe dizia respeito.

Depois foi o que já se sabia que ia acontecer: as intervenções sucederam-se e os apoiantes de Balsemão esperavam que os críticos apresentassem alternativas ao presidente do Partido como chefe do Governo.

O ambiente aqueceu por várias vezes. Eurico de Melo pôs-se no que alguns hama-

lhoro podia, assim, propor ao Conselho Nacional o nome de um candidato.

No entanto, nenhum dos críticos ousou avançar com alternativas a Balsemão, que, apesar de ausente, continuava a dominar o Conselho.

A Comissão Política, entretanto, estava de novo reunida e nos contactos telefónicos com Pinto Balsemão, que deu o seu aval à procura do consenso, continuaram (houve uma altura em que não se sabia de Balsemão, que havia saído da residência oficial. Mas como Mota Amaral confirmou mais tarde ao «DL», os contactos foram depois reiniciados).

O triste espectáculo

Neste quadro — e não vale a pena falar dos intermináveis pedidos de esclarecimento, protestos e contra-protestos que se verificaram, com os críticos em posição cada vez mais crítica — os representantes das 16 Comissões Políticas Distritais favoráveis a Balsemão, mais os representantes dos Açores e Madeira decidiram avançar com uma moção em que se propunha Pinto Balsemão para Primeiro

Os críticos voltam para casa ou jogam em força para o Congresso?

Cavaco e Silva, um homem que se enganou

Só nós dois é que sabemos ou as botas que lhe faltam

Alto, esguio, semblante algo triste, Cavaco e Silva, copo de água numa mão, uma pequena pasta e alguns documentos noutra, sentava-se num dos «maples» do átrio do rés-do-chão do Hotel Penta. Eram cerca das 16 horas de sábado, a reunião do Conselho Nacional do PSD havia recomeçado momentos antes e todos sabiam já que o ministro das Finanças de Sá Carneiro era um homem derrotado que não mais poderia dizer «nunca me engano e raramente tenho dúvidas».

Sorriu educadamente quando o «DL» se aproximou perguntando-lhe que saída via para a situação criada dentro do PSD. E respondeu com uma certa melancolia na voz:

«Sabe, as declarações que tinha a prestar publicamente já as prestei esta madrugada.»

(Cavaco e Silva não o disse, mas nós sabíamos: momentos antes tinha procurado, na sala de imprensa montada no hotel, um jornalista da RTP-1, órgão de informação ao qual pretendia fazer declarações. Apesar de um camarada da RTP-2 se ter oferecido para registar o que aquele conselheiro nacional do PSD tivesse para dizer, Cavaco e Silva recusou. Só a RTP-1 interessava àquele homem que, nitidamente, não estava «numa boa»).

«E quanto a alternativas ao dr. Balsemão, sempre apareceram? O professor Cavaco e Silva tem alguma?»

Tenho. Mas como disse esta madrugada, exige que o «Povo Livre» publicasse a minha posição sobre toda esta situação. Ai serão esclarecidas todas as questões e também essa da alternativa.

«O seu nome foi defendido por dirigentes do PSD como possível, e até desejável, alternativa a Balsemão. Qual a sua posição?»

Ninguém me consultou. Como sabe, adiantaram o meu nome sem previamente terem falado comigo. Sou apenas e exclusivamente um militante do PSD actualmente membro do Conselho Nacional do partido.

«Acredita, ou receia, que esta complicada situação, com todas as evidentes divisões existentes dentro do maior partido da coligação e dentro da própria coligação, seja o princípio do fim da AD? Houve já quem dissesse, sendo aplaudido, que a AD foi um casamento de conveniência...»

Espero bem que tudo isto não seja o fim da AD, pois como social-democrata ainda estou convencido que neste momento o melhor projecto de estabilidade governativa, de progresso económico e social para este país, de revisão constitucional e de descolectivização da economia continua a ser a AD.

«Disse o melhor projecto de estabilidade governativa?»

Disse. Mas espero que me compreenda: não quero prestar mais declarações públicas, já disse o que tinha para dizer e peço-lhe que me deixe só.

Só nós dois é que sabemos...

Cavaco e Silva ficou só, lendo alguns apontamentos e

rabiscando outros. Entraria pouco depois no Conselho Nacional, de onde sairia por volta das 17 e 30 para não mais voltar. Ao que consta, por razões ligadas com o estado de saúde de sua mulher, embora também não faltasse que interpretasse essa ausência de maneira substancialmente diferente.

De qualquer modo, uma coisa parece não merecer dúvidas a ninguém: a imagem de Cavaco e Silva, dentro e fora do partido, sofreu um enorme desgaste neste Conselho Nacional. Não só teve uma intervenção no próprio Conselho que foi considerada generalizadamente como «bastante infeliz», como fez declarações aos órgãos de informação que o fizeram cair no ridículo mais completo. Entre os jornalistas, por exemplo, já havia quem cantasse o «Só nós dois é que sabemos», depois de Cavaco e Silva, sem pudor, ter referido, a despropósito ainda por cima, que Sá Carneiro lhe havia escrito uma carta em que afirmava que eles os dois é que iam comandar as operações... E ainda teve tempo de dizer, «ingenuamente», que Sá Carneiro «exagerava nos elogios que fazia ao seu ministro das Finanças».

De resto — e nisso honra seja feita a Cavaco e Silva — a figura de Sá Carneiro pairou continuamente nas salas e corredores do Lisboa Penta Hotel, com a generalidade dos conselheiros do PSD mais parecendo pobres órfãos que necessitam de dizer a toda a gente que sentem muito a falta do falecido (por quem têm muito respeito) que lhes indicava o caminho que agora não sabem bem onde se encontra.

Das botas que faltam ao ultimato no CN

A «desgraça» de Cavaco e Silva começou exactamente no momento em que todos os conselheiros do PSD perceberam que ele não era capaz de apresentar qualquer alternativa a Pinto Balsemão. No sábado, no intervalo do almoço, pude ouvir calmamente, no terraço do bar que dá para a piscina, vários membros do CN que, enquanto tomavam café, diziam as «últimas» de Cavaco. Nomeadamente, apontavam o tom autoritário da sua intervenção, o ar irritantemente auto-suficiente do



O ministro das Finanças de Sá Carneiro preferiu então ficar só

professor que, afinal, não cumprira o que prometera: apresentar uma alternativa a Balsemão.

«Gostei da intervenção dele no último Conselho Nacional. Mas agora foi uma desilusão» — comentava um dos conversadores.

«Pode ser que seja social-democrata como garante sempre. Mas a maneira como falou mostra claramente que tem uma estrutura mental de ditador, uma vontade, que não consegue esconder, de mandar, de apresentar a última palavra. É professor, foi ministro das Finanças, só lhe faltam as botas.»

Mas, com botas ou sem elas, Cavaco e Silva, que na sexta-feira entrou para o CN a garantir aos órgãos de informação que o que tinha a dizer só diria lá dentro, saiu, já de madrugada, a falar pelos cotovelos. Numa verdadeira conferência de imprensa já passava das duas horas da manhã, rejeitou as acusações de que tinha tido «um comportamento reprovável» como militante do PSD e disse para quem o quis ouvir que havia lançado um ultimato ao Conselho Nacional: ou o «Povo Livre», órgão oficial do partido, publicava um artigo seu em que punha tudo em pratos limpos, ou então ele partia a loiça toda... Se até terça-feira, dia 18 (amanhã, portanto) não receber qual-

quer resposta da direcção do «Povo Livre», ou se a resposta for negativa — disse — tomará as necessárias providências para o publicar junto dos militantes do PSD. O que, afinal, não será preciso, pois a ANOP — como veremos mais adiante — já o tornou público...

Mas voltando às declarações de Cavaco e Silva na madrugada de sexta-feira para sábado: sobre a sua reunião com Freitas do Amaral, afirmou que não permite (sic) que ninguém comente os seus encontros, isto pela simples razão de viver num país livre e, como tal, poder encontrar-se seja com quem for (respeitando as ideias do professor não comentamos, pois); sublinhou que se recusa a «entrar na intriga palaciana, jornalística ou de café», salientando de seguida que não foi, não é, nem será líder de qualquer facção ou grupo dentro do PSD; reafirmou que considera Eanes um adversário político da AD e do PSD, declarando contudo não ser a favor de qualquer guerrilha contra ele; acrescentou depois que «Eanes nada fará para beneficiar a AD e o PSD» e que «quanto mais crises houver nos partidos democráticos maior é o peso político de Eanes no País», concluindo que «a AD e o PSD têm dado excessivos triunfos a Eanes».

(Cá está: Eanes, como Sá

Carneiro, também esteve sempre presente no Penta. O general não sai das cabeças de tão ilustres dirigentes políticos. E isso sentia-se de tal maneira que, nas longas horas de espera que passámos nos corredores do Penta, estávamos sempre à espera de ver aparecer em qualquer esquina o fantasma sorridente do «frande estratega» desaparecido ou o ar sério, duro e castigador do Presidente dos portugueses).

A vontade das bases

Falemos agora do artigo que Cavaco e Silva exige ver publicado no «Povo Livre» e a ANOP já revelou. Ai, o professor e ex-ministro de Sá Carneiro começa por escrever que os problemas actuais do partido «são políticos e não de pessoas, e não têm nada a ver com a questão de alternativas que obviamente eu não sou».

«Em Dezembro de 1980, nunca tive dúvidas de que a solução do problema da sucessão de Sá Carneiro seria uma solução monárquica: a chamada do filho mais velho» — diz ainda o antigo ministro de Finanças, no texto lido na sua intervenção no Conselho Nacional que antecedeu à demissão de Balsemão.

«Também hoje sei bem as exigências que se põem à liderança do PSD e não tenho dúvidas que qualquer solução só terá força e credibilidade se traduzir muito claramente a vontade das bases e não tenho veleidade a isso» — continua.

«Nunca fui, não sou, nem serei líder de qualquer grupo ou facção dentro do PSD e vejo mesmo, às vezes, coisas na vida partidária que não vão bem com a minha maneira de ser» — prossegue.

Na opinião de Cavaco e Silva «é possível que já seja tarde para encontrar, com possibilidade de sucesso, uma solução para os problemas que afectam o PSD e a AD».

«É possível que as políticas que podem ser seguidas nos próximos anos já estejam de tal forma determinadas que já não se consigam reunir em simultâneo todas as condições que são necessárias para responder eficazmente às promessas feitas ao eleitorado. É possível que já seja difícil evitar a derrota» — precisa Cavaco e Silva noutro momento da sua análise.

Para ele, a crise surgiu quando «a dúvida, natural

após o trágico acidente de 4 de Dezembro, sobre se o Governo era capaz de levar por diante o projecto da AD, em lugar de se desvanecer, se comece a instalar».

Cavaco e Silva acusa o Governo de só ter o apoio inequívoco de Eanes, de ter perdido credibilidade e de ter deixado suscitar «a esperança no futuro».

Relativamente ao PSD diz que nos últimos meses «não conseguiu transmitir a imagem de certeza e segurança na execução da sua estratégia».

Afirma que os repetidos apoios a Pinto Balsemão dos membros do Governo e da Comissão Política Nacional do PSD mostram «a fase de formalismo que atravessámos».

O que interessa hoje saber é se cada um está disposto a desligar-se de «compromissos formais» ou «expressar apenas o sentir das bases» — diz ainda.

«Se a resposta for afirmativa não é preciso qualquer Congresso Extraordinário. Sou contra que este Conselho Nacional convoque um tal Congresso, porque lançaria custos muito elevados sobre o partido que é preciso evitar a todo o custo» — continua.

Cavaco e Silva critica o facto de Morais Leitão ter ido a Belém traçar as perspectivas da situação económica e financeira do País por assim ter contribuído para «acentuar o peso político» de Eanes.

Considera que «o folhetim a que assistimos na imprensa, durante um mês, sobre a demissão ou permanência do governador do Banco de Portugal afectou a credibilidade do País e do seu Governo».

Diz que o PSD tem dado a ideia de «oscilar» e frequentemente corrigir trajectórias, que tem estado «à defesa» e que «quando atacava não o fazia no momento exacto».

Afirma que, tal como em 1979, largas camadas da população estão novamente receptivas à mudança e que ou é o PSD e a AD que a assumem ou são «os nossos adversários, PS, PC e PR».

«Se nós próprios tivermos a coragem de assumir a mudança só haverá vencedores no partido e ninguém que procurou honestamente expressar a vontade e o sentir das bases, mesmo que diferente do expresso por outros, poderá ser dispensado» — acrescenta.

R C

Jardim «não tem feito para as intermináveis discussões da classe política»

Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, considerou a vitória de Francisco Pinto Balsemão no seu partido como «um acto natural», lamentando todavia que se tivesse perdido tanto tempo com uma questão «mais cedo solucionável», e «dado semelhante espectáculo ao País».

Neste conjunto de declarações, prestadas à ANOP, no Funchal, o «leader» madeirense, que é também presidente do PSD local, explicou a causa da

sua ausência nas reuniões do Conselho Nacional do seu partido realizadas nos dois últimos fins-de-semana.

Tudo se deve à opinião que ele próprio tem sobre a crise.

«Eis porque não interrompi as férias para deslocar-me a Lisboa. Contem comigo para coisas concretas e de utilidade colectiva, para trabalhar e executar. Não tenho feito para as intermináveis e sucessivas reuniões e discussões da classe política».

Sobre as conclusões do Conselho Nacional do PSD, Jardim

diz que surgiram dois factores novos, entre os quais «um é a louvável revisão de posições do sector que provocou toda esta instabilidade», e acrescentou que «o CDS só terá a ganhar se esta «contrição» for sincera e definitivamente desligada dos grupos de pressão revanchistas e conservadoristas».

O outro factor, adiantou ainda Alberto João Jardim, «é sermos nós próprios os que sempre apoiámos Balsemão, a partir de hoje, tornarmo-nos mais exigen-

tes para com ele, a começar pela urgência do seu regresso, no sentido de o Partido Social Democrata, e o Governo da República, se prepararem com força e dinamismo redobrados para as batalhas políticas que se avizinharam».

«Para já — acrescentou o dirigente madeirense — e pela política desta região autónoma, continua definido o seguinte: primeiro, o actual regime constitucional deve ser alterado; o regime democrático tem de ser defendido à direita e à esquerda».

Alberto João Jardim referiu-se também à posição do Governo Regional da Madeira: «É solidário com o Governo Balsemão e da Aliança Democrática, considerando esta uma coligação e não um projecto político, entendendo que o projecto político do PSD é a social-democracia e considerando ainda que a Aliança Democrática é necessária até 1984, a não ser que alguns dos parceiros do PSD tenham perturbado a liderança social-democrata ou faça uma

inadmissível institucionalização da AD».

O chefe do Executivo madeirense disse por outro lado que uma vez mais considera como inimigos principais «não o Presidente da República, conforme o conselho admitiu, mas o Partido Comunista e os titulares das antigas ideias obscurantistas».

Sobre a autonomia disse que ela terá de ser crescente, a par de uma efectiva descentralização no continente português, e encarada como forma de intervenção na vida do País.

Pinto Balsemão quer até quarta-feira "para pensar"

A reviravolta de Roseta e Santana Lopes

Ternos patriotas

As duas da manhã de domingo Helena Roseta e Pedro Santana Lopes, dois dos mais encarniçados críticos de Balsemão, saíram da reunião do Conselho Nacional e dirigiram-se para um dos bares do hotel.

De imediato foram rodeados pelos jornalistas. Estes, alertados pela hora antes pelo próprio Santana Lopes, que havia dito que «o consenso é possível», queriam saber o que se passava. Mas Roseta e Lopes nada adiantaram.

Não há nada para ninguém —

disse Helena Roseta, visivelmente mais bem disposta que às três da tarde, quando, sentada numa mesa de um outro bar, ar abatido e olhos tristes, pediu a repórteres fotográficos para não «dispararem». Ou então, mais bem disposta que às seis da tarde, quando saiu lamentando-se que «até cancro do partido me chamaram».

Não tenho nada para dizer — confessou por seu turno o jovem Santana Lopes, de facto uma das figuras mais em evidência, por mais triste que fosse, neste Conselho Nacional.

E já libertos da presença incómoda dos jornalistas, Roseta e Lopes sentaram-se num recatado recanto do acolhedor bar, provavelmente traçando inteligentemente estratégias, sob o olhar amigo de uma dúzia de «elementos das bases» de Lisboa que, pelos corredores do hotel, acompanharam de princípio ao fim o desenrolar dos trabalhos.

Minutos depois os dois políticos voltaram para o salão onde decorriam as intermináveis negociações para encontrar uma saída para a «crise». E os jornalistas — pelo menos nós — só muito mais tarde, quando o sol raiava e o sono era muito, é que perceberam que as idas ao bar, os contactos, as trocas de opinião, a roda-viva pela noite dentro daqueles conhecidos (e de outros provavelmente) críticos de Balsemão se deviam a razões patrióticas. Na verdade, devêmo-lo confessar: lamentavelmente, apenas quando Leonardo Ribeiro de Almeida leu o comunicado final da reunião — aí pelas seis e trinta — e respondeu depois às perguntas que lhe foram dirigidas, entendemos claramente que foram os interesses do País que levaram os críticos a retirar as críticas e a dar o dito por não dito. Tudo se tornava claro: por razões patrióticas Balsemão passava a servir como Primeiro-Ministro e os dirigentes do PSD comprometiam-se a não discutir na praça pública o que deve ser discutido dentro de casa.

Aliás, o eng. Ângelo Correia, que reapareceu, resplandecente, nas suas funções de porta-voz, insistiu também nas razões patrióticas e, naquele seu estilo inconfundível («Há três ordens de razões a considerar»...)

garantiu que não houve vencedores nem vencidos e que a paz do Senhor reinava de novo naquela casa. Não fosse haver quem pensasse o contrário...

A reviravolta

Mas voltemos um pouco atrás, ao momento em que Santana Lopes disse a alguns jornalistas que iria anunciar o seu pedido de demissão do Conselho Nacional do PSD quando, no plenário, fosse avançada a proposta do primeiro-ministeriável, que ele sabia ir ser Pinto Balsemão.

Escusando-se a explicar os motivos de tal atitude, que, disse, só adiantaria na altura própria dos trabalhos, Santana Lopes, então ainda não ganho para as razões patrióticas, limitou-se a mostrar-se convencido que ainda hoje será proposto e aceite Pinto Balsemão. O que, evidentemente, parecia ao vice-presidente da Área Metro-

politana de Lisboa do PSD uma desgraça para a AD e para o País.

Mas isso, é conveniente recordar, foi na primeira parte da longa reunião, e ainda não se falava da moção que as 16 Comissões Políticas Distritais afectas ao presidente do partido tinham na manga condenando violentamente os críticos. Acabaram-se as conciliações. Ito já é de mais e a bagunça tem que terminar. Vão levar uma ensinadela e não se metem noutra — disse ao «DL», ao princípio da tarde de sábado, um dos conselheiros do PSD. E nessa altura já alguém responsável dos social-democratas tinha feito chegar aos jornalistas (é essa a nossa sina: servem-se de nós quando querem...) que na Área Metropolitana de Lisboa do PSD havia um abaixo-assinado a correr que tinha já recolhido perto de três mil assinaturas para convocar uma reunião onde Helena Roseta e Santana Lopes seriam criticados e «apeados» dos seus cargos directivos.

E ainda por cima vai ser no Pavilhão dos Desportos. Aquele Cabecinha é na verdade uma máquina e uma grande cabeça. A Helena e o Pedro vão ter um lindo enterro — confessava, sorridente, o mesmo dirigente PSD.

No entanto, os dirigentes,

como os jornalistas, também falam e nem sempre conseguem entender tudo logo à primeira vista. Este de quem vos falamos, esquecia-se também das razões patrióticas que viriam a originar a reviravolta.

Não iremos recordar o que ouvimos a Helena Roseta e Santana Lopes na quinta-feira de manhã, durante uma conferência de imprensa convocada pela Área Metropolitana de Lisboa. Seria cruel falar dos protestos de coerência que ali foram proferidos. E das considerações feitas sobre Pinto Balsemão. Ou das assinaturas recolhidas para um Congresso Extraordinário, que era apresentado como absolutamente indispensável para que as bases se pronunciassem, uma vez que os actuais dirigentes não estariam a interpretar correctamente os sentimentos das bases. De nada disso vamos falar agora, esmagados que estamos pelas razões patrióticas aduzidas.

Por dever de ofício lembraremos apenas as atitudes diferentes assumidas por Helena Roseta e Pedro Santana Lopes ao saírem, já o dia tinha nascido, do Conselho Nacional.

Roseta, com o que nos pareceu ser um rosto amargurado, recusou-se a prestar declarações, o que, no mínimo, pode ser considerado como um comportamento adequado ao que se havia passado e iria ser revelado dentro de minutos com a leitura do comunicado final. Já Santana Lopes, que assistiu, de semblante carregado, à conferência de imprensa final, deu entrevistas para a rádio, para a televisão, para os jornais. Com o ar mais natural deste mundo, disse então que tinha dado a sua confiança a Pinto Balsemão para o exercício do cargo de Primeiro-Ministro «por razões patrióticas». Falou da unidade necessária dentro do partido, da urgência do reforço da AD e concluiu candidamente:

Nós esperamos que o esforço patriótico que fizemos, e que os portugueses com certeza avaliam, seja correspondido pelo presidente do partido. E estou certo de que assim vai ser.

Nós também. E o povo português idem, aspas. E, claro, o dr. Pinto Balsemão, de quem, em entrevista saída num semanário na quinta-feira passada, Santana Lopes dizia:

Ele tinha a maioria. Se se quis afastar foi por decisão pessoal, patriótica, e não seguramente política.

Ternos patriotas, estes.

Ribeiro Cardoso



Até «cancro do partido» me chamaram, confessou Helena Roseta. Quanto a Santana Lopes acabaria, como ele, por abandonar Cavaco e Silva «por razões patrióticas», aderindo ao regresso de Balsemão

Eurico de Melo Cavaco e Silva vai para casa como eu

Eurico de Melo exigiu, no Conselho Nacional do PSD, que o «inquérito disciplinar aos críticos de Balsemão», proposto publicamente pela Comissão Concelhia de Sousel, seja iniciado no prazo de quinze dias. Se tal não vier a acontecer, «isso ainda é uma questão a pensar», acrescentou. Apoiantes de Eurico de Melo interpretam estas palavras como estando o seu líder disposto a repensar o seu empenhamento partidário caso o inquérito não vá por diante.

Antes, Eurico de Melo tinha afirmado, acerca de Cavaco e Silva, que este só deveria aceitar o lugar de primeiro-ministro se para tal fosse indigitado em Congresso do partido. O antigo ministro da Administração Interna de Sá Carneiro disse que a Comissão Política deveria ter ouvido Cavaco e Silva, e não o fez, antes da reunião e depois da sua escolha pela «Metropolitana» de Lisboa. «Se ele dissesse que sim — concluiu Eurico de Melo — a Comissão tinha o problema resolvido e até poderia indicá-lo como candidato em alternativa ao seu próprio candidato. Agora, nas condições actuais, Cavaco e Silva vai para casa como eu».

Aparentemente, porém, Eurico de Melo continuava, pelo menos antes do desfecho da reunião do Conselho Nacional, a defender a realização de um Congresso, «pois este partido tem bases e estamos num momento em que todos os problemas têm de passar por elas».

Freitas do Amaral satisfeito

Freitas do Amaral considerou-se já favorável à indigitação, pelo Conselho Nacional do PSD, de Pinto Balsemão novamente para Primeiro-Ministro. «O CDS — lembra Freitas do Amaral — sempre declarou que a decisão de manter ou substituir o Primeiro-Ministro era um problema do PSD, e por isso aceita a designação do dr. Francisco Pinto Balsemão para a chefia do próximo Governo da AD, embora não saiba se ele próprio aceitará ou não.» E acrescenta: «Uma vez clarificada a situação interna no PSD, que considerávamos a primeira causa da crise política, torna-se indispensável atacar as restantes causas de modo a consolidar, reforçar e relançar politicamente a Aliança Democrática.»

Quanto a Gonçalo Ribeiro Telles do PPM, a escolha de Balsemão vem ao encontro da confiança depositada pelo directório dos monárquicos no Primeiro-Ministro. O directório do PPM reúne, aliás, amanhã, para análise de todos os acontecimentos relacionados com esta crise de Governo e da maioria que o sustenta.

Vasco Pulido Valente demite-se do Conselho

Vasco Pulido Valente, que foi secretário de Estado da Cultura de Sá Carneiro, pediu a demissão de membro do Conselho Nacional do PSD. Numa carta que apresentou ao Conselho, Pulido Valente faz a defesa da AD e reitera o seu profundo desacordo com Balsemão.

Pulido Valente tinha sido eleito membro do Conselho Nacional no Congresso de Fevereiro, numa lista patrocinada por Pinto Balsemão. Assessor do Primeiro-Ministro para os Assuntos Políticos, demitiu-se deste cargo e passou a ser conhecido como um dos animadores de um movimento nortenho «por uma nova AD». No Conselho Nacional anterior terminara a sua intervenção com um «senhor Primeiro-Ministro, fora!» mas, ao que parece, esta tirada não fora particularmente aplaudida. Silva Domingos, secretário de Estados dos Transportes e Exteriores do Governo Balsemão, já foi nomeado para o substituir no Conselho Nacional. A entrada de Silva Domingos significa que o sector que contestava Balsemão neste órgão do PSD passou de 15 para 14.

Mário Soares acha insólito que Balsemão regresse

Ao regressar, ontem, de Belgrado, Mário Soares, secretário-geral do PS, considerou «um pouco insólito que Pinto Balsemão volte a ser Primeiro-Ministro depois de se ter demitido».

«Os partidos que são a maioria devem resolver a crise ou dizer claramente ao País que não são capazes de o fazer», disse ainda Soares, antes de considerar que a demissão do Governo aconteceu «em detrimento das instituições democráticas».

O secretário-geral do PS reafirmou a disposição dos socialistas de «defender os interesses dos trabalhadores por todos os meios legais ao seu alcance, inclusivamente em manifestações de rua».

Interrogado acerca de como os seus interlocutores no estrangeiro consideram a crise portuguesa Mário Soares afirmou ser generalizada a estranheza com que nos outros países se vê a «forma inesperada e pouco clara como um Governo que não é posto em causa, nem pelo Presidente da República nem pelo Parlamento, se demite».

Mário Soares regressava de uma visita oficial de cinco dias à Jugoslávia, onde manteve conversações com as autoridades daquele país.

Anteriormente, Mário Soares havia estado na Grécia, numa reunião dos partidos socialistas da Europa do Sul.

A negociada moção

Depois de longas negociações para se chegar ao que foi chamado o consenso, críticos e não críticos, falcões (alguns, pois Cavaco e Silva e Eurico de Melo não estavam presentes na altura da votação) e pombas aprovaram, com 58 votos a favor, um contra e três abstenções a seguinte moção de nove considerandos:

1. Considerando que o Primeiro-Ministro pediu a sua demissão por entender não possuir o apoio político e colaboração exigíveis de todos os militantes do Partido;

2. Considerando dever testemunhar publicamente o apreço pela elevação moral do seu gesto;

3. Considerando que após ter sido aberta a discussão no órgão competente do Partido, as alternativas políticas ou pessoais

apresentadas por alguns membros deste Conselho Nacional ou publicamente por militantes e órgãos do Partido não foram assumidas;

4. Considerando que não pode ser imputada à Comissão Política Nacional a responsabilidade de não terem sido encontradas soluções de consenso na reunião anterior do Conselho Nacional;

5. Considerando que um Partido com as responsabilidades do PSD não pode participar na degradação da situação nacional e das instituições democráticas nem permitir a criação de condições internas que paralysam a expressão e execução das deliberações políticas da maioria, sem prejuízo pelo respeito dos direitos das minorias;

6. Considerando que o PSD é o maior Partido português e que

não pode nem deve abdicar desse mandato, sob pena de defraudar a expressão da vontade, a esperança e a confiança do eleitorado;

7. Considerando que deve ser reafirmada a linha política do Partido aprovada no VIII Congresso Nacional, e que é essa a linha política de todo o Partido;

8. Considerando que é exigível de todos os militantes, e a todos os níveis nos termos estatutários, a colaboração política e pessoal para a prossecução e implementação das opções do Partido;

9. Considerando que não é admissível que o exercício do direito de opinião e de crítica pelos dirigentes e militantes se faça fora dos órgãos próprios do Partido e com prejuízos graves para este e que se deverá circunscre-

ver a essa sede o exercício de tal direito e dever;

O Conselho Nacional delibera:

1. Manifestar a Francisco Pinto Balsemão a sua confiança para o exercício das funções de Primeiro-Ministro e, em consequência, designá-lo para o desempenho destas funções.

2. De acordo com a vontade do presidente do PSD e da Comissão Política Nacional, suscitar a eventual antecipação do Congresso Ordinário na próxima reunião deste Conselho.

3. Finalmente, o Conselho Nacional apela à unidade de todos os dirigentes e militantes social-democratas e à sua disponibilidade para o diálogo a todos os níveis, para o engrandecimento do PSD e desenvolvimento do ideal da social-democracia.

de ontem para hoje

Faísca matou sete pessoas

Sete pessoas, cinco das quais da mesma família, morreram ontem de manhã electrocutadas, na freguesia de Campeã (distrito de Vila Real), quando fugiam das suas residências pouco depois de uma faísca ter incendiado o contador de uma das casas e estabelecido contacto com um posto de alta tensão. Ao fugirem em pânico, as vítimas, de idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos de idade, em contacto, segundo a PSP local, com o piso molhado em consequência das chuvas que caíram durante a madrugada, morreram electrocutadas. Os mortos são: António Augusto Moreira, de 50 anos, há 15 anos emigrado em França, sua mulher, Maria Teixeira de 45 anos, seus filhos, Maria Maxima Teixeira Moreira, de 22 anos, que se encontrava grávida de sete meses, e José Mário Teixeira Moreira, de 18 anos e, ainda, a mãe do primeiro, Ana Dias Balsa, de 73 anos, Agostinho Eduardo Nogueira, de 19 anos, e Joaquim Afonso Selxas, de 34 anos. Para o hospital de Santo António, no Porto, foram conduzidas cinco pessoas que sofreram queimadura, com certa gravidade.

Na Batalha:
«Primeira Feira Artesanal e Industrial»



A tradicional feira com que desde D. João I a Batalha comemora a vitória de 1385 sobre os espanhóis transformou-se, a partir de ontem, na «Primeira Feira-Exposição Artesanal e Agro-Industrial da Batalha». «A iniciativa ainda muito em princípio» na opinião do presidente da Câmara local, Soares Coutinho, «já começa a ter pés para andar». Entretanto, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória está patente uma exposição fotográfica de Mário Novais, falecido em 1967 e cujos trabalhos ilustram obras de Mário Chicó, Virgílio Correia e Reynaldo dos Santos, sobre a Batalha. **Em Porto de Mós: cinco mortos num choque em cadeia**

Cinco mortos e quatro feridos graves foi o saldo de um acidente de viação ocorrido na tarde do último sábado perto de Porto de Mós, numa colisão entre três veículos ligeiros. Os mortos são, Rui Manuel Santos Pereira, emigrante em França, Sónia Alexandra das Neves, Maria Helena Lourenço das Neves, António Maria Gilde e Fernando António Pereira dos Santos, que residiam em Leiria. Os quatro feridos foram socorridos nos hospitais do Porto de Mós, Alcobaça e Leiria, tendo os mais gravemente atingidos sido transferidos para o Hospital de Coimbra.

Já se encontram em Lisboa: os dois cargueiros que colidiram no Cabo da Roca

Dois cargueiros que colidiram no sábado próximo do Cabo da Roca já se encontram fundeados no Tejo. São eles o «Sibylla», de bandeira grega, e o «Elazig», de nacionalidade turca. O navio grego encontra-se ancorado no Cais de Alcântara com pequenos danos enquanto o turco se encontra fundeado ao largo do Tejo, com dois porões alagados, estando a água a ser esgotada com bombas da Armada e dos bombeiros. Um porta-voz do Estado-Maior da Armada revelou que não se registaram desastres pessoais e os navios voltaram a Lisboa pelos seus próprios meios, não necessitando da assistência da corveta da Marinha de Guerra portuguesa que imediatamente se deslocou ao local.

Desviado para o Funchal: falso alarme num avião da «Transair»

O alarme de uma bomba, na última sexta-feira à tarde, a bordo de um avião da «Transair» no Funchal era falso, segundo afirmou o director daquele aeroporto, Emanuel França. Uma brigada especializada da PSP fez uma rusga a toda a carga e não encontrou qualquer engenho, referiu Emanuel França. O aparelho com 126 passageiros aterrou no Funchal às 16 e 7 locais após um alarme transmitido do Aeroporto de Lisboa. O tráfego foi reaberto duas horas depois.

Em reparação: Setenave: petroleiro liberiano que poluiu o Elba

O petroleiro «Afran Zenith» de registo liberiano, que poluiu recentemente o rio Elba, na RFA, encontra-se no estaleiro de reparação naval da Setenave, em Setúbal. O «Afran Zenith» transportava 76 716 toneladas de petróleo bruto, de Cabinda (Angola) para uma refinaria de Hamburgo. O acidente, segundo os técnicos «afectará» a fauna e a flora do Elba nos próximos anos.

Trânsito interrompido: carruagem em chamas na estação do Rossio

A circulação de comboios da estação do Rossio para Benfica e vice-versa esteve interrompida entre as 23 horas de ontem e as 00.25 de hoje em consequência do incêndio numa carruagem. O fogo deflagrou numa das composições estacionadas no Rossio com destino a Sintra. Por enquanto desconhecem-se as causas do sinistro. Não se registaram acidentes pessoais.

Aconteceu em Faro: «ressuscitado» após um mês de férias em Badajoz

Um jovem de 20 anos, Carlos Alberto Nunes, reapareceu na última sexta-feira em casa dos pais, em Faro, após ter sido dado como morto e efectuado o respectivo funeral. O equívoco teve por base um acidente de viação ocorrido há cerca de trinta dias perto de Setúbal, no qual pereceram dois indivíduos, que ficaram irreconhecíveis, transportando um deles o passaporte de Carlos Alberto Nunes, emigrantes na Alemanha, não só efectuaram o funeral como receberam indemnizações pela sua morte no valor de novecentos contos. Só que na sexta-feira e, perante a esbuteção dos presentes, o jovem apareceu num café da capital algarvia, de regresso a casa, e após o gozo de um período de férias na cidade espanhola de Badajoz.

Operário português abatido pela Polícia depois de 12 horas de cerco

Em França

Um trabalhador português foi abatido a tiro pela polícia francesa no sábado de manhã em Rouen, Normandia, após doze horas de cerco à sua residência onde se barricara, mantendo como reféns a mulher e os cinco filhos do casal que ameaçava matar.

Na sexta-feira, Albino dos Santos, de 53 anos, que residia

há alguns anos num bairro operário de Rouen a 150 quilómetros a Oeste de Paris, zangou-se com a mulher e filhos ameaçando-os com um pistola e duas caçadeiras. Os filhos mais velhos conseguiram fugir de casa e deram o alarme.

Fora de si, segundo parece por ter bebido, terá recebido a Poli-

cia a tiro atingindo gravemente na cabeça um inspector policial quando disparava à toa sobre tudo quanto mexesse no exterior.

A Polícia cerca então o bairro, fez evacuar as casas vizinhas e monta um dispositivo especial com recurso ao grupo de intervenção da Polícia, que consegue introduzir-se pelo telhado

e evacuar por ali a mulher e os três filhos que ainda permaneciam em casa.

No sábado de manhã, um ataque com granadas lacrimogéneas, obrigaria o Albino a sair de casa. Este, ao fazê-lo, abriu fogo contra os polícias que ripostaram à figura atingindo-o mortalmente.

Dia da Infantaria mostrou «unidade e coesão dos quadros»

— considera uma fonte militar

As cerimónias do Dia da Infantaria foram marcantes pela demonstração de confiança que os subordinados e comandos depositam no director da arma, general Aurélio Trindade, segundo afirmou uma fonte militar.

As comemorações, que decorreram na sexta-feira no Regimento de Infantaria de Tomar, mostraram bem, a unidade e coesão dos quadros em torno do seu director de Arma, o que ficou realçado pela forma como aderiram à ideia de lhe oferecerem uma espada de general, facto que ocorre pela primeira vez na Infantaria, acrescentou o mesmo informador.

Na cerimónia foram definidos os objectivos da Infantaria, que representa mais de metade do exército e 25 por cento das Forças Armadas Portuguesas.

A mesma fonte sublinhou ainda o apoio transmitido ao director da Arma pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, e pelo chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Melo Egidio, o primeiro através de uma mensagem e o segundo — que é oriundo da Infantaria — ao estar presente no almoço-convívio no final das cerimónias.

Presentes, às cerimónias, que foram presididas pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, estiveram os conselheiros da Revolução Victor Alves e Marques Júnior e a maioria dos oficiais generais oriundos da Infantaria e os comandantes de todas as unidades da Arma do continente e ilhas.

O general Aurélio Trindade referiu na ocasião, depois de fazer um resumo histórico da Infantaria, ser necessário um grande esforço para que ela cumpra com eficiência a sua missão, seja qual for a evolução tecnológica que se verifique.

Antes de serem entregues os prémios de uma prova de estafetas, foi lida uma mensagem de felicitações de Melo Egidio e entregue, pelo comandante de unidade mais antigo, a espada de general ao director da Arma.

Seguiu-se o desfile das forças em parada, uma demonstração técnica da companhia de combate, com todo o seu material, e a inauguração de exposições sobre a história das unidades e sobre o armamento de Infantaria.

As cerimónias oficiais encerraram com duas demonstrações tácticas realizadas nos arredores de Tomar. Estas foram interrompidas quase no final para que os militares combatessem um incêndio nas proximidades, o qual foi rapidamente extinto.

O Presidente da República disse que «a Infantaria deverá ser o suporte fundamental do Exército e das Forças Armadas». Em mensagem enviada ao chefe do Estado-Maior do Exército por ocasião do Dia de Infantaria, Eanes escreve que... «a Nação tem de saber que a sua Infantaria saberá honrar, apoiar e eficazmente defender o Exército, as Forças Armadas, os interesses do País e a soberania democrática das terras e gentes de Portugal». O general Ramalho Eanes refere ainda a confiança da Nação na Infantaria que «deverá ser hoje, como sempre foi, a personalização recortada das melhores qualidades da grei-lusitana».



Laranja com «mosca» é outra coisa

Eram seis amigos a bordo de um rebocador, no Tejo. Preparavam-se para almoçar e puxaram dos pitões. Um deles levava uma garrafa de laranja da marca «Cirel». Até aqui, nada de novo. Mas, e se a garrafa incluisse «brinde»? E, ainda por cima, uma mosca?! Não havia dúvidas: lá estava uma enorme «varejeira», a flutuar no líquido dentro da garrafa hermetica-

mente fechada, como pudemos comprovar na Redacção, ao analisar o recipiente. Que explicação dar ao sucedido? Mosca com sede, ou a fugir do calor que se tem feito sentir? Irresponsabilidade do embalador? O certo é que o nosso leitor perdeu a sede de imediato. E talvez tenha jurado nunca mais querer nada com a «Cirel». É o mínimo que se pode decidir.

comunicação social

Nova CA da RDP

Abstenção da oposição e divisão na AD

A Comissão Administrativa da RDP, nomeada pelo Conselho de Ministros (que exonerou a anterior como noticiámos na nossa edição de quinta-feira), dividiu, a nível do Conselho de Informação, os partidos da AD. (Membros da nova CA: Manuel Magro, José Vicente Ferreira e Francisco Coelho Mascarenhas, sucedendo, respectivamente, ao presidente João Barreiros Cardoso, nomeado em 8 de Fevereiro de 1980, e aos vogais Pereira da Costa e Arlindo Gomes de Carvalho).

Embora votada favoravelmente pelo CI no dia 3 de Agosto, a proposta do PSD recolheu apenas dez votos a favor (PSD e PPM), cinco contra (CDS) e 13 abstenções (PS, PCP, UEDS e MDP/CDE).

Todos produziram declarações de voto, tendo o PS e a UEDS sustentado a sua abstenção por «não haver totais garan-

tias de independência da RDP relativamente ao Governo através da simples nomeação dos nomes propostos».

O PCP, congratulando-se embora com a exoneração de Barreiros Cardoso e de Pereira da Costa, «cuja actuação contribuiu para a degradação dos serviços da RDP», absteve-se por entender que «as pessoas ora propostas não oferecem garantias para empreender a remodelação profunda que o cumprimento das leis impõe».

O MDP/CDE, por sua vez, defendeu a posição, mesmo tendo em conta a anterior CA, que «embora Manuel Magro e Francisco Mascarenhas estejam inseridos no campo democrático, não há garantias de que a independência e o pluralismo na RDP façam ao poder político, este, ser agudado».

Por outro lado, o CDS votou contra todo o processo e não

contra as pessoas, considerando que o secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro «não justificou cabalmente a intenção de exonerar a anterior equipa». Além disso, o CDS não concordou com o pedido de parecer, ao Conselho de Informação, antes de exonerados os titulares da CA, na altura ainda em funções.

Finalmente, atendendo ao «currículo» de cada um dos propostos, o PPM votou favoravelmente por achar que «os futuros gestores podem desenvolver a sua actividade com independência e respeito pelas instituições e legalidades democráticas».

O mais antigo elemento da Comissão Administrativa, e que se mantém em funções ao lado dos agora nomeados, é António Martins Aguiar, em funções desde Janeiro de 1979.

Flashes

● Os 27 trabalhadores do «Correio do Minho» suspenderam a publicação do jornal para obrigar a Administração a pagar os salários em atraso. Um porta-voz dos trabalhadores declarou à ANOP que o jornal só voltará a ser publicado quando a Administração pagar, pelo menos, os salários de Junho. O mesmo informador acrescentou que desde aquele mês não é efectuado qualquer pagamento por alegada falta de verba.

● A UGT repudiou a suspensão do jornalista Júlio Pinto, de «o diário», classificando-a como «um atentado contra o direito de opinião».

● A administração do jornal «New York Daily News» anunciou o despedimento de 320 dos seus quatro mil empregados e o propósito de encerrar dentro de duas semanas o vespertino «To night». Os ordenados dos directores irão ser reduzidos 10 por cento e cancelados os bonus. Tudo por motivo da difícil situação económica que afecta o sector da imprensa nos EUA.

Tribunal da Relação de Lisboa dá razão ao "DL"

A crítica política é perfeitamente legítima

O Tribunal da Relação de Lisboa mandou arquivar um processo movido contra o «Diário de Lisboa», nas pessoas do director adjunto Piteira Santos e do jornalista Daniel Reis, em que se criticava a acção do secretário de Estado da Habitação do II Governo Constitucional (eng. Ferro Gomes, do Partido Socialista) que beneficiava em sobrelucros de milhares de contos as empresas de construção civil em prejuízo de centenas de famílias compradoras de andares para habitação própria.

«Pretendia-se apenas uma crítica à actividade política do então secretário de Estado», diz o acórdão assinado pelos desembargadores Borges de Lacerda (relator), Cerqueira Vahia e Monteiro Marques, e como «crítica política é perfeitamente legítima» pois não teve a intenção de difamar o membro do Governo.

O artigo fora publicado em 5 de Junho de 1978 e o procurador-geral da República, em representação do secretário de Estado (do Ministério da Habitação e Obras Públicas da responsabilidade do eng. Sousa Gomes) requereu o julgamento por crime de abuso de liberdade de imprensa alegando que a parte final do artigo queria «fazer ver ao leitor do jornal que aquele membro do Governo tinha recebido dinheiro a troca da sua intervenção na resolução do problema com a Opercal».

O juiz na primeira instância mandou arquivar o processo com o fundamento na inexistência de tal intenção e sublinhando que se tratou apenas de «uma severa crítica à actuação do secretário de Estado o que é lícito».

O agente do Ministério Público recorreu da decisão, mas o recurso não foi aceite nos termos do acórdão de 22 de Abril deste ano, do Tribunal da Relação de Lisboa, que transcrevemos na íntegra dada a sua importância, até pela jurisprudência nele contida susceptível de aprofundar o esclarecimento do que é a liberdade de Informação e do que não é o abuso da liberdade de imprensa a que tão expeditamente se recorrem quando os jornais ousam correr o risco de criticar a administração pública pelos seus actos político-administrativos lesivos dos interesses gerais ou restritos dos cidadãos.

Vale apenas uma nota complementar: os interesses da Opercal, empresa de construção civil cujo anúncio nos jornais serviu de base ao artigo em questão, eram representados pelos advogados drs. Francisco Sousa Tavares e Eduardo Ângelo Jardim de Gouveia.

Segue o texto do acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa: Acordam no Tribunal da Relação de Lisboa:

No 8.º Juízo Correccional de Lisboa o ex-mo procurador da República requereu o julgamento de Fernando António Piteira dos Santos e Daniel Esteves dos Reis por haverem cometido, cada um deles, um crime de abuso da liberdade de imprensa p. e p. nas disposições combinadas dos arts. 25.º e 26.º n.º 2, al.a) do Decreto-Lei n.º 85-C/75 de 26 de Fevereiro e 181.º do C. Penal porquanto:

Requerimento do procurador da República

«Na sua edição de 5 de Junho de 1978 o vespertino «Diário de Lisboa» que se publica nesta cidade, na altura dirigido pelo arguido Piteira Santos, inseriu na rubrica «Anotar e Reaja» um artigo intitulado «A eficaz intervenção de Sua Excelência» escrito pelo segundo arguido e publicado com o consentimento do primeiro e que aqui se dá por reproduzido.

Começa o escrito por fazer referência a um anúncio publicado em vários jornais por uma organização de construção civil, a Opercal.

Salienta logo de seguida o mesmo escrito que segundo aquele anúncio, não tinha sido possível «por culpa exclusiva dos serviços do Ministério da Habitação negociar-se sequer a minuta do contrato». Transcrevendo ainda extractos do mesmo anúncio, acrescentava o artigo que «só o Ministério da Habitação, pela inércia inexplicável dos seus serviços durante três anos, é responsável pela situação criada, similar aliás à de cerca de 40 empresas».

Elucida depois o escrito em causa que «no dia 6 de Maio, portanto menos de três meses depois, a mesma empresa comunicava ao jornal da manhã «Dia» que procedera à venda dos andares daquela urbanização «de acordo com as normas estabelecidas pela Secretaria de Estado da Habitação e que a Opercal pareciam justas e adequadas».

Perante o facto de, durante três anos, não ter sido sequer possível negociar a minuta do contrato e de, menos de três meses depois, terem sido postos à venda os andares da mesma urbanização o articulista pergunta «o que se teria passado». E é ainda ele que responde, transcrevendo o comunicado feito pela Opercal e assinado pelos seus advogados no jornal «O Dia», segundo o qual tinha havido «perseverantes negociações com o Fundo de Fomento de Habitação» e que, além disso, era resultado «da eficaz intervenção de Sua Excelência o senhor secretário de Estado da Habitação».

Acabava o articulista, o arguido, por dizer que «só se esquecia de revelar o comunicado em quanto do contrato a parcelas de milhões de escudos» se traduzira a eficácia da intervenção de Sua Excelência o senhor secretário. A gente um dia conta».

Ora, dado o teor do comunicado da Opercal, transcrito parcialmente pelo articulista e atento o contexto em que as afirmações e perguntas ou inquirições foram feitas, a parte final do artigo revela que houve, por parte do seu autor, o propósito de atingir o bom nome a honra e consideração devidas ao então secretário de Estado da Habitação, pois que a maneira como termina o artigo não pode ter outra interpretação que não seja a de querer fazer ver ao leitor do jornal que aquele membro do Governo tinha recebido dinheiro a troca da sua intervenção na resolução do aí mencionado problema da Opercal.

Crítica lícita

O meretíssimo juiz, porém, considerou que o artigo em causa não contém qualquer frase que atinja a honra e consideração do secretário de Estado da Habitação, mas apenas uma severa crítica à sua actuação, o que é lícito, e assim não existem indícios de que os arguidos houvessem praticado o crime apontado ou qualquer outro, pelo que não recebeu o requerimento acusatório e ordenou o arquivamento dos autos.

Inconformado, recorreu o digno agente do Ministério Público, que, na sua douda alegação, concluiu:

a) O escrito em causa é objectivamente ofensivo do bom nome e prestígio do membro do Governo nele visado;

b) Deve, pois, conceder-se provimento ao recurso e ordenar que seja recebida a acusação.

Os recorridos não contralegaram.

O meretíssimo juiz a quo manteve o doudo despacho recorrido nos seus precisos termos. Nesta instância, o ilustre procurador da República, no seu doudo parecer sustenta que, como se está no domínio da indicação ou do juízo de probabilidade, pode entender-se que a acusação deveria ter sido recebida, deixando-se a decisão final para julgamento, pelo que entende

que merece provimento o recurso.

Obtidos os vistos dos exmos desembargadores adjuntos, cumpre decidir.

1 - É objecto do presente recurso saber-se se dos autos resultem indícios bastantes de que os recorridos praticaram o crime de abuso de liberdade de imprensa que lhes é imputado na douda queixa.

Necessários indícios dos factos

Para que exista requerimento-acusação e despacho que a admita, necessário é que hajam indícios bastantes ou suficientes do facto presumível.

É por demais sabido que a doutrina e a jurisprudência vêm a afirmar que esses indícios consistem naqueles elementos de facto trazidos ao processo através dos meios probatórios e que, livremente analisados e apreciados, criam a convicção de que há crime e de que por ele são responsáveis os arguidos.

Muito embora não seja preciso uma certeza da existência da infracção e dos seus agentes, é contudo necessário que os factos indiciários sejam suficientes e bastantes para que, logicamente relacionados e conjugados, formem um todo persuasivo de que, a manterem-se com a discussão ampla em julgamento, os arguidos virão a ser condenados.

É ainda de ponderar que o julgador deve avaliar a suficiência dos indícios em cada caso concreto, tendo presente que não devem sujeitar-se os arguidos a vexames e despesas inúteis.

No caso em apreço é imputado ao requerido um crime de abuso de liberdade de imprensa. A liberdade de imprensa implica que a expressão do pensamento através dela não possa conhecer outro limite que não seja a violação dos direitos alheios, e, ainda que os responsáveis pelo jornal não possam ser punidos por virtude dos escritos senão quando se provar terem praticado um crime previsto e punido pela lei penal (Decreto-Lei n.º 85-C/75, Art.º 4.º e 25.º).

Mandado arquivar o processo crime por abuso de liberdade de imprensa, contra o director adjunto Piteira Santos e o jornalista Daniel Reis, por um artigo em que se desmontava a intervenção do Secretário de Estado da Habitação, eng.º Ferro Gomes, do II Governo Constitucional, propiciadora de sobrelucros de milhares de contos a empresas de construção civil.

A própria Constituição da República, no n.º 3 do seu Art. 37.º impõe limites ao direito de exprimir e divulgar o pensamento. Assim, a liberdade de expressão e de informação não pode prevalecer sobre os direitos fundamentais dos cidadãos ao bom nome e reputação, à sua integridade moral e à reserva da sua vida privada (Const. da Rep. Art.ºs 26.º e 33.º). Do mesmo modo, essa liberdade não pode utilizar-se para praticar actos que possam afectar gravemente a manutenção ou restabelecimento da ordem pública, em virtude da publicação ser susceptível de provocar tumultos ou graves danos (Dec.º Lei n.º 85-C/75, Art.º 66.º n.º 1 al. f).

É evidente que quem ofende todos estes direitos, não está a usar o direito de liberdade de imprensa mas a abusar desse direito.

Está em causa a apreciação do artigo jornalístico que foi escrito pelo recorrido Daniel dos Reis e inserido na rubrica «Anotar e Reaja» da edição de 5 de Junho de 1978 do vespertino «Diário de Lisboa», intitulado «A eficaz intervenção de Sua Excelência».

Para bem se analisar aquele artigo jornalístico, vamos transcrevê-lo:

(Segue a transcrição - Documento 1)

Benefício para as empresas em prejuízo das famílias

São estes os termos do aludido artigo jornalístico e, muito embora a sua parte final seja

dúbia, não pode ser mais concluir-se que o articulista teve o propósito de atingir o bom nome, a honra e consideração devidas ao então secretário de Estado da Habitação.

No inquérito preliminar unicamente foram ouvidos, além do director António Pedro Pinto de Ruella Ramos que na oportunidade daquela publicação estava ausente no estrangeiro, o director adjunto Fernando Piteira Santos, que referiu que não teve conhecimento prévio do escrito e indicou o seu autor, e o articulista Daniel Esteves dos Reis que declarou não ter tido qualquer intenção em difamar o secretário de Estado da Habitação e não vê no escrito algo que possa levar alguém a tal suposição, tendo sido sua intenção apenas criticar uma política seguida por aquele membro do Governo que beneficiava empresas privadas em prejuízo de centenas de famílias que procuravam casas para habitação.

Seria esta unicamente a intenção do articulista?

Parece-nos que a resposta tem de ser afirmativa, como doughtamente concluiu o meretíssimo juiz a quo.

Na verdade, logo na primeira página da aludida edição do «Diário de Lisboa», depois de em letras garrafais se ter exarado a preto «Despacho agrava problema da habitação», e a vermelho «Compradores de andares não esperavam o 115», escreveu-se:

(Segue transcrição - Documento 2)

Ora é precisamente nesta secção «Habitar/Viver» que vem inserido o artigo jornalístico posto em causa no presente processo.

Crítica política perfeitamente legítima

É assim evidente que se pretende apenas uma crítica à actividade política do então secretário de Estado da Habitação que, através da sua intervenção, fez publicar um decreto regulamentar e um despacho normativo que permitiram que as empresas de construção civil viessem a ganhar muitos milhares de escudos.

Daí que quando se faz a referência ao comunicado da Opercal, se diga que esse comunicado se esqueceu de revelar quantos milhões de escudos a mesma amealhou, mercê da política que foi seguida com a publicação dos mencionados diplomas.

E não se diga que o leitor vulgar do «Diário de Lisboa» concluiria em sentido contrário porque os seus leitores não o adquiriram unicamente para ler o artigo jornalístico em causa mas para fazerem uma leitura completa do jornal e através desta chegariam sem dúvida à conclusão de que os grandes beneficiários com a política seguida seriam as empresas de construção civil.

Por isso, sendo embora uma crítica política que, por forma alguma atinge o bom nome, a honra e a consideração devidas ao então secretário de Estado da Habitação (Decreto-Lei n.º 85-C/75, Art.º 4.º n.º 3).

Consequentemente,

entende-se que não existe indícios de que os arguidos houvessem cometido o crime de abuso da liberdade de imprensa que lhes é imputado ou qualquer outro, pelo bem se decidiu, mandando arquivar o processo.

De resto, mesmo que crime existisse, este seria de qualificar jurídico-formalmente, por ser atingido um membro do Governo, como constituindo o crime do § 1.º do Art.º 166.º do CP.

Com efeito, a «injúria ou ofensa à honra e consideração devidas aos membros da Assembleia da República, do Governo e do Conselho da Revolução e aos magistrados judiciais e do Ministério Público nunca poderá ser punível pelo corpo do Art.º 181.º do Código Penal, antes devendo ser considerado um crime contra a segurança do Estado, previsto e punido no Art.º 166.º § do mesmo Código, não sendo mister que a ofensa tenha lugar na presença e no exercício das funções do ofendido ou fora das mesmas funções mas por causa delas» (Acórdão desta Relação de 20/5/1978, no B.M.J. 278-72).

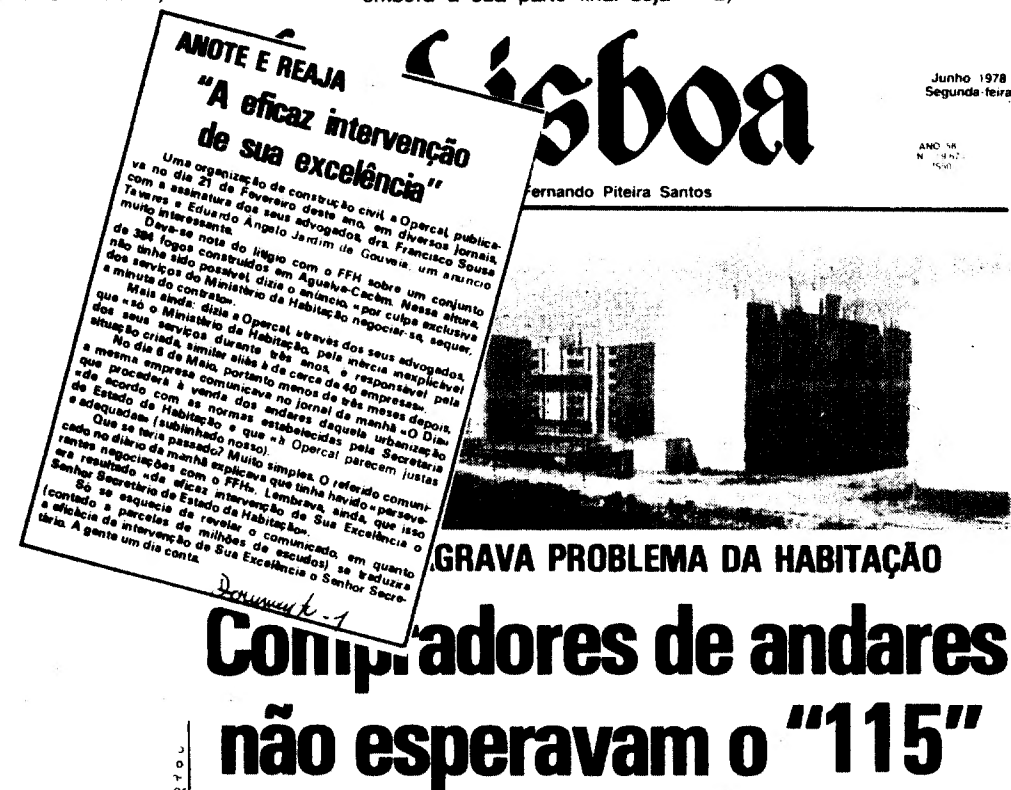
Negado provimento ao recurso

Ora um tal crime - a existir e tendo sido cometido em 5 de Junho de 1978 - estaria amnistiado pelo Art.º 1.º do n.º 1 da Lei n.º 74/79 de 23 de Novembro, como tem sido jurisprudência uniforme desta Relação (conferir Acórdão da Relação de Lisboa de 19/3/1980, na Col. de Jurisp. V-2-236).

De tudo quanto exposto fica, que improcedem as conclusões da douda alegação do digno magistrado recorrido pois o decidido não nos merece qualquer censura.

2. Nestes termos, acordam em negar provimento ao recurso confirmando-se inteiramente o doudo despacho recorrido. Não é devido imposto de justiça.

Lisboa, 22 de Abril de 1981
Francisco Pinheiro Borges de Lacerda
António Cerqueira Vahia
José Monteiro Marques



Um decreto regulamentar de 15 de Maio último (n.º 15/78) e um despacho normativo que, ironicamente, leva o n.º 115, ambos da responsabilidade do actual secretário de Estado da Habitação, acabam de vibrar forte machadada nas expectativas de milhares de portugueses compradores de andares para habitação própria. Ao fim de três anos, as empresas de construção civil conseguiram fazer subir o preço genérico das habitações já construídas, pela execução de contratos de desenvolvimento anteriormente aceites.

Houve quem tivesse entregue dinheiro de sinal para a compra de um andar, assinando para isso o contrato prometido a um preço determinado. Passaram-se meses, as casas foram sendo concluídas, mas nunca libertadas para ocupação pelos compradores. Até que em meados de Maio, construtores civis davam a notícia: os interessados, os andares passavam a custar mais do que o contratado e os promitidos compradores eram obrigados a pagar, de amortização, mensalidades maiores do que aquelas com que estavam a acordar. São várias centenas de famílias atingidas. Em contra partida calcula-se que uma só empresa da região de Lisboa receba por esta via o sobrelucro de uns esperados 40 mil contos.

O III Governo Provisório lançou estes programas de desenvolvimento na habitação para salvar empresas em risco de falência, manter postos de

trabalho e revitalizar o mercado de andares, a preços acessíveis às classes médias, ou em renda limitada para os mais carenciados. As empresas foram recalcitrando, adiando a conclusão das obras, reagindo. Não obstante, foram lançados 11.450 fogos em 1974 e 1976.

No Programa do II Governo Constitucional previam-se mais 12.000. Nenhum foi lançado.

O despacho normativo n.º 115 quebrou finalmente o equilíbrio, cedendo às reivindicações, ilicítas, construtoras. Os andares construídos e a construir sofrem operações na ordem dos 100 contos médios. Um andar ao abrigo destes contratos passa agora a custar entre

800 e 900 contos, o que o preço médio dos preços praticados no mercado livre, onde não há as isenções fiscais nem as facilidades que as empresas receberam. O sobrelucro empresarial vai sair do bolso dos chefes de família que não encontram casas livres para alugar ou não podem pagar as rendas especulativas que hoje se praticam por aí.

O II Governo Constitucional mostra, com este conjunto de decisões, a sua fragilidade (ou debilidade) perante as reivindicações da iniciativa privada. Como dissemos atrás, calcula-se que só um construtor civil do distrito de Lisboa receba, por esta via, uns bens 40 mil contos.

(Ler em «Habitar/Viver», págs. 6/7) —

Os textos publicados no «DL» de 5 de Junho de 1978 e que o Procurador-Geral de República alegou quererem fazer ver ao leitor que um membro do Governo «tinha recebido dinheiro a troca da sua intervenção na resolução do problema com a Opercal».

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 - Rua Augusta, 86, 96

SALDOS

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM
E SENHORAS DAS MELHORES MARCAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios • Sedas • Algodões • Malhas • Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

CENTRO REGIONAL DE SEGURANÇA SOCIAL DE AVEIRO

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 164 - 3800 AVEIRO

AVISO

Avisam-se os eventuais interessados, que até ao dia 31/8/81, se encontra aberto concurso para admissão de Educadoras de Infância, para os Centros Infantis de Arrifana, Aveiro, Espinho I, Espinho II, Fiães, Ilhavo, Lourosa, Ovar, St.ª Maria de Lamas, S. João da Madeira e Vila da Feira.

Os requerimentos devem ser feitos em papel selado, com selo fiscal de 100\$00, deles devendo constar: Identificação, Escola que frequentaram, nota de curso, locais onde porventura tenham trabalhado e respectivos períodos e Centros Infantis por ordem de preferência.

EXCELENTES VANTAGENS DE PAGAMENTO



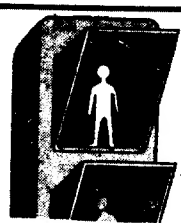
- TECLA IDEAL COLOR
- TECLA DE SINTONIA AUTOMÁTICA
- ECRAN OPTIMO: 56cm
- QUALIDADE ALEMÃ

SCHAUB LORENZ



O MELHOR DA TÉCNICA ALEMÃ

ARCADA COMERCIAL
R. GUILHERME GOMES FERNANDES
ODIVELAS



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



Guarda-Viseu-Aveiro-Coimbra-Castelo Branco

Chamas não deixaram bombeiros comemorarem o seu Dia Nacional

O Dia Nacional do Bombeiro ficou assinalado na região Centro pela perda de mais milhares de hectares de área florestal. De Arouca a Vale de Cambra (serras de Freita e Fuste) a Coja e Orvalho, nos concelhos de Arganil e Oleiros, arderam florestas e mato. Os habitantes da povoação de Vale do Torno, em Coja (Arganil) chegaram mesmo a ser ameaçados pelas chamas, ao que se presume ateadas por raios das trovoadas que se abateram sobre a zona. A chuva miudinha que entretanto caiu no Centro contribuiu para uma mais pronta acção dos bombeiros, ajudando aqueles a extinguir várias frentes de incêndio com mais celeridade.

A situação era calma esta manhã nos concelhos de Arganil e Oleiros, que entre sábado e ontem foram palco, uma vez mais, de fogos de grande envergadura. Os Voluntários de Oleiros, contudo, encontravam-se esta manhã a contas com o reacender das chamas entre Vilar do Barro e Orvalho, depois do fogo ter sido dado como extinto ao princípio desta madrugada.

Ontem, a situação parecia dramática naquela zona: o fogo ameaçava assumir grandes proporções e o pessoal encontrava-se cansado. Segundo uma fonte dos bombeiros de Oleiros contactada pela ANOP, esse facto dificultava o combate ao sinistro, a cargo também dos Serviços Florestais da Lousã, que têm sido inextinguíveis no combate às chamas na região Centro.

Enquanto isso, um homem, ao que parece sofrendo de «perturbações mentais», foi surpreendido por populares a atear fogos e arbustos secos em determinada zona de Viseu. Foi preso e entregue à PSP, que o terá hoje mesmo apresentado ao Tribunal.

Desconhecia-se esta manhã a sua identificação. Os bombeiros (Municipais e Voluntários) da cidade viseense conseguiram

de imediato extinguir o incêndio, que ameaçava uma subestação da EDP, um posto de feixes hertzianos dos CTT e uma bomba de gasolina.

Por outro lado, autarcas de Arganil, um dos concelhos portugueses mais sacrificados pelas chamas, nos últimos anos, concluíram que o surto de incêndios que tem deflagrado no País constitui «uma acção programada da guerra de guerrilha», acção essa «eventualmente apoiada por razões de ordem política». O documento aprovado durante a referida reunião autárquica, que decorreu este fim-de-semana na Câmara Municipal, exige também que o Exército organize um sistema de vigilância à floresta da região.

Incendiário preso em Viseu

Os dois fogos de maiores proporções, manifestados nos últimos dias nos concelhos de Arganil e Oleiros, no primeiro caso em Vila Cova e Coja, foram já extintos, como atrás referimos, embora em Oleiros as chamas tenham voltado em força esta manhã em Vilar Barro e Orvalho, conforme nos afirmou um responsável pelos Voluntários daquela vila do distrito de Castelo Branco. Entretanto, um outro ontem deflagrado na Lameira, no mesmo concelho, de fácil acesso para os bombeiros oleirenses, foi facilmente extinto por aqueles, do mesmo modo que as chamas que chegaram a ameaçar Estreito e Pereiros, povoação esta cujos idosos foram evacuados, por medida de precaução, ao fim da tarde de sábado.

O fogo lavrou em pinhais próximos das localidades de Zebreira, Longra, Pesseguero e Sobra, no concelho de Oleiros, destruiu uma casa. Por outro lado, as chamas continuam a consumir mato fútil na serra do Moradal, na mesma área, apareceu um fogo que o vento tem alimentado e propagado e que está a ser combatido pelos Bombeiros de Oleiros. O comandante

dos BV oleirenses, ante o recrudescimento dos fogos na área, foi peremptório em declarações prestadas à ANOP: «As pessoas que vivem no ar condicionado do Terreiro do Paço não ligam nada a isto e nem imaginam a situação em que vivemos». Os bombeiros não dormem há duas semanas e, quando se esperava que, finalmente, pudessem refazer-se do esforço despendido, tiveram que enfrentar o incêndio da serra do Moradal, depois de terem combatido, nos últimos dias, quatro fogos provocados por raios de trovoadas.

Se a trovoadas esteve na origem desses fogos, o mesmo não afirmou as populações de Presa (concelho de Soure) e Pinhanços, Lages e Lapa de Dourais (Seia), onde eclodiram fogos que poderão ter origem criminosa. Os naturais e residentes naquelas quatro povoações estão persuadidos que as chamas que até ontem à tarde devastaram vários hectares de mata e floresta, e que no primeiro caso impediram a circulação rodoviária entre Condeixa e Venda-a-Nova, na EN n.º 1, entre Lisboa e Porto, foram ateadas por incendiários. Idêntica acusação é assumida pelos habitantes das três últimas povoações do concelho de Seia, onde o incêndio que desde sexta-feira lavrava na área, foi extinto ao fim da noite de sábado, reacendendo-se ontem de madrugada. O fogo deflagrou num lugar isolado, sem estradas de acesso, razão por que os bombeiros admitem tratar-se de acto criminoso. Cinco operações de voluntários combateram as chamas, que destruíram pinheiros numa extensão de dez quilómetros.

Origem criminosa

O distrito de Viseu, não menos sacrificado, nos últimos dias, que os de Castelo Branco e Coimbra, tudo no Centro do País, e de longe mais afectado que os da Guarda e Aveiro (os incêndios

das serras da Freita e Fuste, nos concelhos de Arouca e Vale de Cambra, foram dominados a tempo pelos bombeiros), teve ainda chamas a três quilómetros de Santa Comba Dão durante onze horas consecutivas. As quatro corporações de bombeiros que as combateram evitaram a sua propagação ao concelho de Tábua.

Do fogo que desde há dias lava na área de Pampilhosa da Serra pouco se sabe, uma vez que as chamas destruíram cabos telefónicos, impedindo assim informações concretas sobre o evoluir do sinistro. As chamas, segundo as últimas indicações, ultrapassaram as margens do rio Zêzere, alastrando a Oleiros, onde foram dominadas pelo menos parcialmente. Extintos foram também os fogos declarados nos concelhos de Miranda do Corvo e Oliveira do Hospital, igualmente no distrito de Coimbra, prontamente dominados pelos bombeiros.

Por outro lado, os dois incêndios de grandes proporções que eclodiram no concelho da Guarda, bem como um outro no mesmo distrito, mas no concelho de Celorico da Beira, mais propriamente em Prados, foram entretanto também extintos. No primeiro caso, o facto dos bombeiros terem dominado as chamas com prontidão, permitiu que o trânsito na estrada internacional Guarda-Vilar Formoso, em parte anteriormente afectado, voltasse à normalidade. Os bombeiros da região manifestaram a sua convicção de ter origem criminosa.

O material lenhoso queimado pelo fogo, em várias zonas do País, tem sido, entretanto, normalmente escoado numa proporção de 90 por cento, aos preços correntes, segundo uma nota do MAP. Os principais canais de consumo (celulose, serrações, aglomerados e postes), ainda segundo o mesmo documento, têm reagido favoravelmente à penosa situação.

Mais de 40 milhões de crianças cegas

Falta de assistência médica adequada é uma das causas desta dramática situação

Existem actualmente no mundo quarenta e dois milhões de crianças cegas, segundo divulgou a UNICEF.

Esta situação dramática poderia ter sido evitada em oitenta por cento dos casos, afirma a UNICEF, se essas crianças tivessem tido acesso a uma assistência médica adequada.

O problema da cegueira infantil manifesta-se de modo diverso nos países desenvolvidos e nos países em vias de desenvolvimento. Nos primeiros, a cegueira é, geralmente, o resultado de factores congénitos ou de acidentes, poupando as crianças de tenra idade.

Nos segundos, são sobretudo factores externos que condicionam o aparecimento da cegueira, nomeadamente a má nutrição que afecta as crianças logo após o nascimento. As deficientes condições de salubridade são outro dos factores que intervêm em alto grau no caso das crianças cegas do Terceiro Mundo.

De acordo com estatística da Organização Mundial de Saúde, cerca de trezentas mil crianças cegas todos os anos devido a carência de vitamina «A» na sua alimentação. Para se ter uma ideia da importância deste elemento nas condições de visão, basta recordar que só no Bangladesh, em 1973, cento e cinquenta mil recém-nascidos ce-

garam por carência de vitamina «A».

Em África, a rubéola é uma das principais causas de cegueira das crianças, mas as suas consequências estão longe de atingir a gravidade das provocadas pela má nutrição.

A criança mal alimentada começa por ter dificuldade de visão na obscuridade. Em breve, porém, passa a ver mal, mesmo durante o dia, até que deixa de ver completamente.

Esta doença é provocada por uma carência de calorías e proteínas e, em particular, por falta de vitamina «A» nos primeiros meses de vida.

Conhece-se ainda mal o fenómeno que leva à destruição da córnea da criança, mas a relação entre as carências vitamínicas e a cegueira encontra-se hoje perfeitamente estabelecida.

A falta de assistência médica na primeira infância e, mesmo, no período pré-natal, bem como as deficientes condições de salubridade são causa de muitas outras doenças.

A malária, a varíola, a diarreia, o sarampo e a rubéola são algumas dessas afecções, responsáveis pela alta mortalidade infantil em vastas zonas do mundo, as mais pobres, as mais populosas.

Mas ocorre, neste capítulo, uma circunstância que torna ainda mais dramática a situação

das crianças nos países em vias de desenvolvimento.

Número de crianças cegas aumenta

É que actualmente, graças a uma certa melhoria das condições médico-sanitárias é possível tratar doenças como a malária e a varíola ou até recuperar crianças afectadas por má nutrição.

Porém, se a mortalidade infantil diminuiu, o número de crianças cegas que atinge a idade adulta aumentou, criando-se um fosso cada vez maior entre os países ricos e os países pobres no que toca ao número de invisíveis.

Nos países desenvolvidos, procura-se detectar precocemente as deficiências de visão da criança, sendo certo que muitas nunca se queixam disso, até porque, se a perturbação é congénita, elas nunca viram o mundo de outro modo.

Nos Estados Unidos, onde uma criança em vinte, dos três aos cinco anos, sofre de perturbações visuais, tem sido divulgado um teste domiciliário que permite aos pais verificarem se o filho carece de tratamento oftalmológico.

Actualmente, nos países industrializados, os serviços de saúde e as direcções escolares aconselham os pais a tomarem

certos cuidados para detecção de qualquer doença no aparelho visual.

Se a criança esfrega ou pisca os olhos com frequência, se costuma fechar um olho ou inclinar a cabeça para melhor fixar os objectos, se manifesta dificuldade de leitura ou se irrita por ter de olhar durante muito tempo para um ponto, é razão para se consultar de imediato um médico especialista.

Esta deve, aliás, observar a criança quando ela nasce e, de novo, quando atinge os quatro anos. A menos que, entretanto, a criança tenha dado sinais de outras perturbações como estrabismo, pálpebras inchadas, olhos inflamados ou purulentos.

Uma criança que sofra de «traçolhos» frequentes deve ser observada por um oftalmologista, do mesmo modo se se queixa de vertigens, dores de cabeça, dupla visão ou qualquer outra perturbação visual, sobretudo após uma fixação prolongada dos olhos.

A UNICEF, que tem desenvolvido vastas campanhas de apoio às crianças cegas, distribuindo milhões de cápsulas de vitamina «A» pelas áreas mais pobres do mundo, afirma que é muito mais fácil prevenir a cegueira do que curá-la.

(Por Maria Antónia Palla, da ANOP)

Macau

Almas penadas em férias

Milhares de fogueiras ao longo das ruas de Macau, ao cair da noite, lembram-nos a chegada do «K'uai Tchit» ou «luet lan Tchit», pulgada festividade das almas penadas em especial.

Celebrada em Macau ao longo de todo o sétimo mês lunar (31 de Julho a 28 de Agosto neste ano do calendário gregoriano), a festividade culminou esta semana no catorze da sétima lua — quando se abriam de par em par as portas do inferno para as almas penadas virem ao mundo dos vivos.

Os crentes, sobretudo as mães e avós, dizem que as almas penadas vêm visitar a família, matar saudades ou, simplesmente, passear. Fazem-se portanto pequenas fogueiras quer junto aos altares do lar para as almas penadas dos antepassados ou mesmo na berma das ruas para os espíritos dos pobres diabos, atropelados, assassinados, mortos na rua, ou que foram «deserdados e esquecidos» pelos descendentes.

Os altares enchem-se de iguarias, fruta, dinheiro e barras de papel dourado e prateado, com números e cifrões, que lenta e ordenadamente vão sendo queimados, tal como a roupa, automóveis e até avioneta de papel, dando um aspecto fantástico à cena, com uma velha de côcoras junto à fogueira.

A alma penada vem das profundezas, sem vintém... cabe aos vivos, aos crentes velar para que tenha a barriga cheia e nada lhe falte, uma vez ao ano, nestas férias «humanas».

Ao contrário do que sucede habitualmente nas festividades, quanto às oferendas de comida, não aparece frango (a galinha, nesta região do globo, é substituída pelo pato). O porquê explica-nos uma das velhas pacientemente e traduz a indiscutível lógica chinesa: «a galinha tem o bico afiado em forma de agulha, o pato não. Suponha que a galinha se lembra de bicar e furar o dinheiro e o ouro, deixando aquela pobre alma sem mesada para se divertir?...»

O respeito e temor das crenças chinesas, e macaenses em geral pelas almas penadas dos finados tem o seu quê de supersticioso e leva a que por exemplo os mais velhos evitem, sobretudo falar neles ou chamar-lhes «K'uai» (diabo ou alma penada que actualmente traz carga pejorativa) — uma das alternativas mais frequentes é o chamar-lhes «não gente».

Há que fazer um esforço para não incorrer na fúria de qualquer alma mais sensível ou irritadiça. Já o facto de se apaziguarem ou subornarem as almas dos pobres diabos e esquecidos com ofertas de dinheiro, ouro (de papel), arroz e pato, para os mais crentes e generosos traduz o receio das represálias ou quaisquer tropelias.

É necessário entretê-los e mantê-los afastados ao longo dos 29 dias que têm de «licença para vir ao Mundo», convencendo-os a regressar depois.

As piores desgraças poderão acontecer durante este período pouco auspicioso a quem, por exemplo, passe por

um local onde ocorreu uma morte violenta, atropelamento, assassinio, suicídio, etc. O fenómeno temível do «T'ai san» (substituição...) levará a que a alma, farta de penar naquele local, procure provocar outra morte ali, para se libertar, deixando outra alma a penar. Daí o ver-se em Macau muitas vezes não só neste período, mas ao longo dos anos velas de bambu e cera vermelha a arderem em alguns locais.

Até os rapazes aprenderam em pequeninos o respeito às almas deambulantes.

Um hábito que ainda se mantém, embora quase esteja em desuso é o de se pedir em voz baixa «dá licença?», quando se urina, seja no ralo de um esgoto ou atrás de uma árvore. Grandes malefícios se podem esperar de um espírito enfurecido e molhado...

O período é pouco propício aos negócios e poucos são também os chineses que se atrevem a desafiar o «Tchong K'uai» (dar um encontro no diabo), casando numa altura tão pouco auspiciosa.

A origem da festividade como a maior parte das que a comunidade chinesa de Macau ainda comemora, perdeu-se no tempo. Macau será também ainda o único lugar onde se dedica, não apenas a data de catorze da sétima lua mas todo o mês lunar ao culto das almas penadas e espíritos seculares.

«Se há festividades para tudo e todos, porque não também para estes, que vêm desforrar-se um pouco das misérias do inferno?...»

Cecília Magalhães
ANOP/«DL»

Número de refugiados em todo o Mundo é igual ao da população portuguesa

O número de refugiados e de pessoas deslocadas no mundo é actualmente superior a dez milhões, ou seja, igual ao de toda a população residente em Portugal.

Consequência trágica da violência, dos conflitos e da opressão, os refugiados são pessoas que abandonaram o seu território de origem e que estão a viver a muitas centenas ou milhares de quilómetros, quantas vezes em condições precárias.

Mais de 130 organismos não-governamentais de numerosos países têm vindo nos últimos tempos a cooperar com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados na reinstalação e apoio a todos aqueles, especialmente africanos e asiáticos, que tiveram de fugir da aldeia ou do país onde nasceram e se criaram.

Encontrar médicos, enfermeiros, professores, agrónomos e assistentes sociais que se queiram dedicar à causa dos refugiados é uma das tarefas de todas as organizações que desejam colaborar com a ONU neste campo. E aos órgãos de Informação cabe despertar a consciência dos que, nos países mais ou menos ricos, possam contribuir de algum modo para resolver os problemas das populações deslocadas.

No entanto, o Alto Comissariado de que é titular Paul Hartling já divulgou uma opinião suíça segundo a qual todas as subvenções estatais do Mundo jamais poderão substituir o calor emanado pelo auxílio individual, de um ser humano a outro seu semelhante. Só o homem, pela

sua caridade pessoal, poderá verdadeiramente socorrer outro homem que esteja em aflição.

Sem a presença do indivíduo que entrega o pão a quem tem fome, que trata dos doentes, de nada serve que exista potencialmente muito pão ou que existam medicamentos para os refugiados. Por isso é que nunca será demais a existência de organizações de voluntários que se disponham a contactar e a colaborar com as vítimas de numerosos conflitos, sejam eles em Timor-Leste, no Sara Ocidental ou no Afeganistão.

«O meu pai morreu / minha mãe morreu / meus irmãos morreram / veio a guerra / jamais os verei / estou só em Kousseri / N'Djamena, túmulo de meu pai...» — assim começa um emocionante poema escrito por um chadiano refugiado nos Camarões, testemunha da tragédia que se vive na África e noutras regiões do Globo.

Géneros alimentares de base e suplementares, abrigos e vestuários, cuidados médicos, água e sistemas sanitários, transportes e logística, ensino... de tudo isso carecem os refugiados, tanto no Vale do Jomor como nos campos da Argélia, do Paquistão ou da Somália.

O tipo de alimentação deverá ser idêntico àquele a que estavam habituados, as tendas ou outras habitações deverão ter um mínimo de espaço vital para cada família, os acampamentos não podem ficar em lugares baixos facilmente sujeitos a inundações. E assim por diante. Múltiplos os problemas que se levantam a qualquer país que aceite

populações deslocadas e a qualquer organização que lhes queira ser útil.

Nos últimos meses, abundantes chuvas caídas no Corno da África vieram atenuar a grande seca que se fazia sentir na Somália, país que abriga o maior número de refugiados de todo o continente. Os leitos dos rios, algumas semanas antes praticamente secos, transformaram-se em torrentes tumultuosas, inundaram os acampamentos dos refugiados e colocaram em perigo a vida de tantos que até aí sofriam com a falta de água.

Milhares de refugiados tiveram de ser retirados em 50 canoas pneumáticas que o Alto Comissariado das Nações Unidas enviou por avião e em dois barcos a motor adquiridos em Mogadixo, a capital somali. Três acampamentos da região de Hiran ficaram completamente inutilizados.

Mais de um milhão na Somália, meio milhão no Sudão e assim por diante, homens deslocados e aflitos de que a Europa raramente se lembra, porque nas últimas décadas têm vivido em paz, com as suas populações relativamente alheadas do que vai pelo resto do Mundo.

No entanto, podemos recordar — entre outros casos — 245 mil refugiados da Indochina (Camboja, Laos e Vietname) que se encontram na Tailândia, largas dezenas de milhares de salvadorenhos que procuraram abrigo na Nicarágua, Honduras, Costa Rica, Guatemala e Belize, toda a nação palestina à espera de pátria... um drama apontado à consciência humana.
(Por Jorge Heitor, da ANOP)

* SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS *

GRANDIOSA CAMPANHA DE SALDOS JOFRAMA

SÃO 100 000 COBERTORES A PREÇOS DOS «SALDOS JOFRAMA»
VARIADOS LOTES ADQUIRIDOS A PREÇOS INCRÍVEIS NAS MELHORES FÁBRICAS
E QUE VÃO SER VENDIDOS A PREÇOS QUE JAMAIS SE REPETIRÃO

COBERTOR VELUDO SINTA GIGANTES LINDOS eram de 1350\$ AGORA 995\$	FABULOSO LOTE DE CAMISEIROS SENHORA eram de 500\$/600\$ AGORA apenas por 195\$ e 245\$	PIJAMAS TURCOS CRIANÇA todas as idades eram de 325\$ AGORA 225\$	PIJAMAS HOMEM eram de 950\$ AGORA 695\$	JOGOS FLANELA c/ 2 lençóis eram em 1980 - 1675\$ AGORA só 1195\$	SOMOS O REI DOS PANOS DE LENÇOL	RESTOS DE LINGERIE - CINTAS e SOUTIENS a 30% e 50% de desconto RESTOS DE MALHAS DE VERÃO BIKINIS E FATOS DE BANHO com 30% a 50% de desconto
CORTINADO EL TAMPADO 3m LARGURA eram de 175\$ AGORA 95\$	COLCHAS ALGODÃO CASAL eram de 425\$ AGORA 295\$	PANO LENÇOL 2,7 m BRANCO E CORES era de 275\$ AGORA 195\$	CORTINADO RENDADO 3m de largura eram de 735\$ AGORA 495\$	CAMISAS DORMIR LINDAS eram de 475\$ AGORA 335\$		CAMISAS HOMEM s. e p/ manga eram de 650\$ AGORA 354\$

JOFRAMA

LISBOA: R. DOS FANQUEIROS, 226-232
LG. DA GRAÇA, 14 — LG. SÃO BENTO, 49-51
R. DA MADALENA, 203, 217
R. JOÃO DAS REGRAS, 4-B/C
ARMAZÉM DE RETÉM (PR. AIRES DE ORNELAS)

PORTO: L. DOS LÓIOS, 24-26
VISEU: R. DO COMÉRCIO, 46-54
AVEIRO: AV. LOURENÇO PEIXINHO, 169
ÉVORA: R. ROMÃO RAMALHO, 29
V.N. FAMALICÃO: R. LUÍS BARROSO, 66-69

SEDE: R. DOS FANQUEIROS, 226/232 — 1100 LISBOA — Telef. 868572 — telex 12786 JOFAMA P.

* SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS *

SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS

SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS

24 horas

PLANO DE IMIGRAÇÃO CONDENADO — Um novo plano anunciado pelo Governo americano do presidente Ronald Reagan para regular a imigração de trabalhadores está a provocar uma onda de reacções negativas no México. A uma série de declarações condenatórias formuladas pela central de trabalhadores, organismos profissionais, parlamentares e políticos, somou-se um severo pronunciamento da central camponesa, Mecex, contra a iniciativa de Washington que endurece as fronteiras do país vizinho para a entrada dos trabalhadores migrantes.

DESEMPREGO NO BRASIL — Existem actualmente cerca de 900.000 desempregados com mais de 15 anos de idade nas seis maiores cidades brasileiras, segundo informou o Instituto Brasileiro de Esta-

tística (IBGE). De acordo com os dados agora vindos a público, o índice de desemprego no país aumentou entre 1 e 1,5 por cento em relação a Junho de 1980.

EXPULSÃO DE JAIME CASTILLO — O presidente da Comissão Chilena dos Direitos do Homem e dirigente da Democracia Cristã do seu país, Jaime Castillo, chegou sábado à Venezuela, depois de expulso pelo Governo do general Augusto Pinochet. Nas suas primeiras declarações à imprensa venezuelana, o político chileno afirmou ter saído pela força e não o terem deixado trazer sequer os seus haveres pessoais.

RECONTRO SINO-VIETNAMITA — Nove soldados chineses e «vários» vietnamitas morreram sábado à

noite num recontro armado na fronteira dos dois países, segundo a agência Nova China.

UNIFICAÇÃO DOS PREÇOS DO PETRÓLEO — O ministro do petróleo dos Emiratos Árabes Unidos pediu aos estados membros da «Organização dos Países Exportadores de Petróleo», (OPEP), a unificação dos preços à volta de 34 dólares por barril. A sugestão de Mana Said Al-Oteiba foi formulada em Beirute, na véspera da reunião em Genebra do «comité para a estratégia a longo prazo» da organização, que integra cinco dos treze membros.

Trata-se de um encontro preparatório da conferência de urgência prevista para quarta-feira naquela cidade suíça, com a participação da totalidade dos Estados membros, e que foi convocada pelos «duros» da organização: Argélia, Líbia e Nigéria.

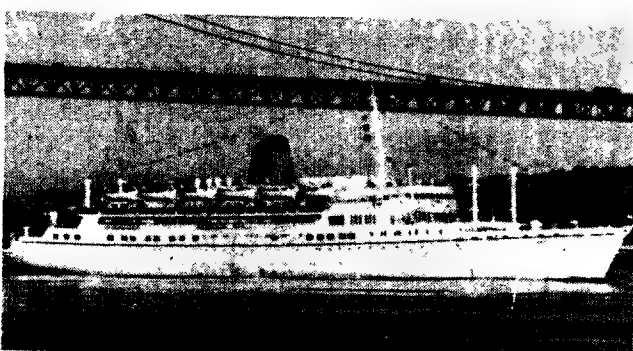
CONDENAÇÕES NA JUGOSLÁVIA — Cinco pessoas foram condenadas a penas de quatro a onze anos de prisão por alegada implicação em motins de cariz nacionalista na província jugoslava de Kosovo, anunciou a Tanjug. Com estas prisões, aumenta para 83 o número de pessoas de

ascendência albanesa presas na sequência dos motins. Pelo menos nove pessoas morreram e 250 ficaram feridas em recentes confrontos entre elementos de etnia albanesa daquela província, que pedem uma república independente para Kosovo e sua união com a Albânia.

EVITADO SUICÍDIO COLECTIVO — A Polícia colombiana evitou na madrugada de sexta-feira, um suicídio colectivo de mulheres e crianças semelhante ao ocorrido na Guiana. O suicídio havia sido programado para o dia 20 pelo pastor adventista Hugo Mora, que se faz chamar «Deus», um ex-estudante de Teologia expulso em 1979 da Igreja Adventista por apresentar sintomas de loucura. A comuna de Mora foi localizada numa inhospita região da cordilheira oriental, rodeada de profundos precipícios, a que o pastor chama «o paraíso perdido».

Ref. Com.

OS CRUZEIROS DO «FUNCHAL»



O FUNCHAL Descendo o TEJO para mais um CRUZEIRO «ABREU».

Saiu ontem de Lisboa o paquete «Funchal» para mais um Cruzeiro organizado pela conceituada Agência Abreu. Desta vez o «Funchal» dirige-se a Palma de Maiorca e aos Portos Francos do Estreito de Gibraltar. Dado o grande sucesso deste Cruzeiro a «Abreu» decidiu repeti-lo para atender inúmeros pedidos e, por isso, está garantida outra partida em 23 do corrente para a qual ainda há alguns lugares disponíveis.

A seguir, com partida em 30 de

Agosto realizar-se-á o Cruzeiro a Marrocos e 4 Portos Francos, visitando Gibraltar, Melilla, Agadir, Lanzarote e Las Palmas — turismo e compras, uma dupla aliciante!

Em Setembro o «Funchal» fará mais 2 Cruzeiros, ambos também organizados pela «Abreu».

Se ainda não se decidiu quanto às suas férias, aqui fica uma boa sugestão: opte por um Cruzeiro Abreu e desfrute o verdadeiro prazer de viajar!

Polónia: marchas suspensas

O sinal de que uma trégua temporária pode ter-se instalado na Polónia foi dado domingo pela decisão de desconvocar manifestações de protesto que deviam principiar hoje.

Numa decisão surpreendente, os organizadores estudantis das marchas de protesto cederam a pressões do Governo, da central sindical Solidariedade e do chefe da Igreja Católica.

As manifestações, conhecidas como Marchas da Estrela, porque deviam principiar em cinco cidades e convergir para Varsóvia, foram originalmente convocadas para protestar contra a prisão de cinco membros de um grupo político clandestino.

Durante mais de duas semanas as autoridades desencadearam uma campanha para impedir as marchas, declarando-as «provocatórias» e prometendo «utilizar todos os meios possíveis» para que não se realizassem.

As marchas deviam principiar hoje em Bialystok, Lodz, Lublin, Radom e Plock, coincidindo com o recomeço do julgamento em Varsóvia de quatro membros de um pequeno grupo dissidente, a Confederação da Polónia Independente.

Enquanto isto, dados alarmantes sobre a actual situação económica da Polónia foram publicados em Varsóvia quando o líder partidário e o primeiro-ministro polacos se encontravam na União Soviética, este fim-de-semana.

Segundo esses dados, a actividade económica polaca recuou em todos os sectores em comparação com o ano passado. A produção de carvão diminuiu em 20,3 por cento, a dos carros de turismo em 26,4, a dos aparelhos de televisão em 14, a de manateira em 27,1 e a de leite em 13,4 por cento.

As exportações foram diminuídas em 18,3 por cento e as importações em 9,4 por cento.

No comunicado do encontro entre o líder do Partido Operário Unificado da Polónia, Stanislaw Kania, e do primeiro-ministro, Wojciech Jaruzelski, os líderes soviéticos, é assinalado que os problemas económicos derivam de erros anteriores e da actividade de forças anti-socialistas. Essas forças segundo o comunicado, pretendem agravar as dificuldades para delas se servirem na luta contra o POUN e o poder popular.

O comunicado sublinhou que as greves e manifestações, bem como a propaganda contra o Estado e a União Soviética, ameaçam seriamente a segurança e independência da Polónia e os interesses vitais do povo polaco.

Dois polícias foram apunhalados e outros treze feridos em menor gravidade numa manifestação ocorrida sábado no bairro de Toxteth, Liverpool, para protestar contra a «perseguição policial».

Mais de duas mil pessoas, sobretudo jovens, iniciaram a manifestação junto às instalações que até poucas horas antes funcionaram como esquadra da polícia daquela localidade, evacuada para mudança de instalações para outra parte da cidade.

Os manifestantes percorreram cinco quilómetros, tendo a polícia acompanhado a marcha guardando alguma distância, mas a certa altura os confrontos começaram, tendo resultado dois polícias apunhalados, que

estão em estado grave e outros treze feridos.

Por outro lado, dezassete pessoas foram presas, três polícias e numerosos civis ficaram feridos na noite de sábado para domingo em Sheffield durante incidentes entre jovens, principalmente negros, e as forças da ordem.

Estes incidentes eclodiram quando os polícias pretenderam aproximar-se de um jovem negro que cuspiu sobre os transeuntes. As forças da ordem foram imediatamente cercadas pelos cerca de 500 jovens presentes no local.

Quase a morrer

Um décimo militante republicano irlandês em greve da fome na prisão de Maze encaminha-

-se para a morte — atiraram familiares.

Outro preso em Maze juntou-se à campanha de greve da fome para conseguir do governo de Londres o estatuto de preso político para os militantes do Exército Republicano Irlandês.

Michael Devine, 25 anos, a cumprir uma pena de prisão de 12 anos, por posse ilegal de armas de fogo, encontra-se «totalmente cego, incapaz de se manter consciente» e vomitando sangue quando entra no quinquagésimo oitavo dia de jejum — revelaram familiares.

Devine pertence ao Exército Irlandês de Libertação Nacional (INLA), o grupo próximo do IRA, que reivindicou a responsabilidade pela morte do membro da Câmara dos Comuns britânica, Airey Neave, assassinado num atentado bombista em West-

Ainda a «vedeta» iraniana desviada

Autoridades francesas acusadas em Teerão

O hojatoleslan Sadegh Khalkhali acusou hoje, perante o Parlamento iraniano, as autoridades francesas de terem ordenado o desvio da vedeta, ocorrido na quinta-feira ao largo de Gibraltar.

«A contra-Revolução, por ordem do Governo francês e de Mitterrand, desviou a vedeta com um rebocador a partir de um porto espanhol», declarou o religioso, célebre por ter ordenado centenas de execuções enquanto juiz islâmico itinerante e, mais tarde chefe da luta antidroga.

O hojatoleslan Khalkhali considerou também o ministro executivo Behzad Navabi responsável pelo desvio da vedeta.

Numa intervenção particularmente violenta declarou-se igualmente opositor dos ministros da Economia, do Interior, da Educação e da Agricultura nomeados há quatro dias pelo primeiro-ministro hojatoleslan Bahonar. «Pedimos-lhe que nomeie os homens mais competentes», afirmou perante o chefe do Executivo.

Fim-de-semana agitado

Dois destacados religiosos

iranianos foram assassinados por elementos antigovernamentais, numa altura em que as autoridades reforçam a sua campanha contra grupos esquerdistas clandestinos — anunciou Rádio Teerão.

Mais de 200 membros dos Mujahideen Khalq e outros grupos marxistas de oposição foram presos em quatro cidades iranianas segundo a rádio estatal. Neste fim-de-semana, foram anunciadas mais de 50 execuções, elevando o total de pessoas fuziladas para 400 desde fins de Junho, data da demissão do ex-presidente Abolhassan Bani-Sadr.

Em Babol, uma cidade costeira do Cáspio, a agência PARS anunciou que o Hojatoleslam Twhidi foi morto sábado por três homens armados com automáticas que emboscaram o carro do dignitário muçulmano. Towhidi foi ferido no pescoço e morreu antes de chegar ao hospital.

Em Sanandaj, no ocidente do Irão, o Mullah Saleh Khosrav e seu filho de 18 anos foram mortos por dois mercenários americanos quando saíram de uma mesquita na companhia de ou-

tros religiosos bem conhecidos — disse Rádio Teerão. Foram feridas três pessoas, identificadas como curdos.

Estes assassínios seguem-se a uma tentativa mal sucedida de atentado contra o presidente do Supremo Tribunal Iraniano, Ayatollah Musavi Ardebili. Dois motociclistas atiraram uma granada para o quintal da casa de Ardebili em Teerão, tendo o engenho explodido sem ferir ninguém — segundo os jornais de Teerão. Um dos motociclistas foi preso por um dos guar-costas de Ardebili, disse Rádio Teerão. No sábado à noite, no seu primeiro discurso emitido pela Rádio desde a sua nomeação no mês passado, o presidente iraniano, Mohamed Ali Rajai, acusou os Mujahideen Khalq de terrorismo brutal.

Por outro lado, a rádio anunciou que uma operação de «limpeza» levada a cabo pelas forças governamentais iranianas em várias aldeias do Curdistão fez 42 mortos entre os «contra-revolucionários». Os «Guardas da Revolução», segundo a Rádio não tiveram «qualquer perda» durante esta operação.

Anunciado em Israel

Fim do embargo militar americano

O primeiro-ministro israelita Menhaem Begin anunciou ontem o fim do embargo militar americano ao seu país. Falando aos jornalistas à saída da reunião de conselho de ministros, consagrada ao estudo das relações entre Israel e os Estados Unidos, Begin anunciou o fim do embargo, classificando-o como um dos «maiores prejuízos a Israel» causados pelo Governo americano, «ao manter no solo aparelhos que pertenciam já ao Estado hebreu».

Segundo fontes americanas, Israel teria tido que aceitar fazer certas concessões para o desbloqueamento dos aviões. De acordo com a rádio israelita, o Governo de Telavive teria sido obrigado por um acordo não escrito, a não utilizar os aviões e todos os outros fornecimentos militares americanos para fins ofensivos. Comentando esta informação, Begin desmentiu-a formalmente, atacando a atitude

de certos dirigentes judeus americanos, que, quando da visita de Sadate, acolheram melhor as suas ideias que as defendidas por Israel. Tal ataque, pode ser interpretado como um severo reparo ao «lobby» judaico, que, apoiando as posições do presidente egípcio, favoreceu o isolamento temporário de Israel. Relembra-se que o embargo americano surgiu na sequência do bombardeamento do reactor nuclear iraquiano de Tamuz, e dos ataques perpetrados pela aviação israelita contra alvos civis em Beirute.

Encontro França/Iraque

A reconstrução do reactor nuclear será um dos temas fulcrais nas conversações que o presidente francês, François Mitterrand, manterá com o vice-primeiro-ministro iraquiano,

Tarik Aziz. Nas conversações, a realizar na próxima quarta-feira, será também confirmada a intenção francesa de vender aviões Mirage ao Iraque.

Desnuclearizar o Médio Oriente

O director da Agência Norte-Americana de Desarmamento e Controlo de Armas manifestou-se favorável à desnuclearização do Médio Oriente.

Eugene Rostow apontou duas razões para a declaração da região como uma zona desnuclearizada: a destruição recente de um reactor nuclear iraquiano por aviões israelitas, e a instabilidade política no Médio Oriente.

Rostow, que na sexta-feira recebeu a notícia de que a Casa Branca apoia a ideia, salientou o êxito do Tratado de Tlatelolco, que proibiu a instalação de

armas nucleares na América Latina e ao qual aderiram 22 países.

Conferência no próximo

Uma Conferência afro-árabe «reunindo destacados dirigentes, personalidades e representantes dos partidos políticos das organizações de massas, das forças nacionais e democráticas de África e do mundo árabe», vai realizar-se em Luanda entre 6 e 9 de Dezembro deste ano.

Esta decisão resultou de conversações mantidas na capital angolana entre uma delegação internacional, dirigida por Omar Al-Hamidi, presidente do secretariado internacional de solidariedade com o povo árabe e a Palestina, e de que fazia parte Silas Cerqueira, da presidência ali-

Thatcher lentos Sheffield

Em 11 de Março de 1979, Jackie McMullan, 25 anos, a cumprir pena de prisão perpétua por tentativa de assassinio de um polícia em Belfast, tomou a sua última refeição domingo à noite, juntando-se ao protesto na substituição de Tom McIlree, que morreu em 8 de agosto.

Enquanto isto, o primeiro-ministro irlandês, Garret Fitzgerald, e o cardeal Primaz de Toda Irlanda, monsenhor Thomas Fiaich, atacaram a política de Margaret Thatcher para o Ulster. Garret Fitzgerald acusou a senhora Thatcher de «rigidez» na abordagem do problema, e monsenhor Thomas O'Fiaich falou da «despreocupação» do governo britânico e do «desconhecimento» do problema irlandês por parte do primeiro-ministro. Fitzgerald disse que a forma

como o governo britânico está a encarar a crise «criou um sentimento antibritânico na República e um clima de ressentimento» em toda a ilha.

O cardeal afirmou que a senhora Thatcher não considera «o Ulster como problema de solução prioritária» e disse que a primeira-ministra «ainda não se deu conta do impacto que as mortes dos grevistas da fome tiveram na comunidade católica irlandesa».

Entretanto, o jornal «Sunday Times» sugere num editorial que a Grã-Bretanha renuncie à sua soberania sobre a Irlanda do Norte devendo esta província tornar-se um Estado independente.

E o jornal acrescenta que a política britânica para o Ulster «não funcionou, não está a funcionar e não funcionará».

EUA

Manifestação sindical de apoio aos controladores em greve

Várias centenas de pessoas, apresentando cinquenta sindicatos desfilaram em Miami, correspondendo ao apelo da federação «AFL-CIO», frente ao Centro de Controlo Aéreo de Miami, manifestando o seu apoio aos controladores despedidos.

Professores, caixeiros, pedreiros, empregados dos transportes e funcionários públicos estavam-se entre os participantes nesta manifestação.

Enquanto isto, o juiz John Fennelly recomendou que seja retirado ao Sindicato dos Controladores Aéreos o direito de negociação em nome dos seus filiados, participação e apoio a uma greve ilegal, anunciaram círculos prais norte-americanos.

A recomendação constitui uma importante vitória para a administração Reagan, que deu à autoridade para as relações de trabalho que retire o reconhecimento à organização dos controladores profissionais de tráfego aéreo, precisamente o envolvimento numa paralisação ilegal.

Por seu lado, os secretários de Transportes, Drik Lewis, afirmou que o presidente Reagan manterá a sua decisão de despedir os 12 mil controladores

aéreos em greve, mesmo se a pressão da opinião pública se voltasse contra ele.

A administração começou entretanto os preparativos para uma das maiores operações em tempo de paz para a contratação de trabalhadores federais a tempo inteiro.

Dezenas de milhares de candidaturas começam a ser analisadas hoje.

Lewis esclareceu, numa entrevista pela televisão, que a administração readmitiu 89 controladores que puderam provar que tinham sido impedidos de atravessar os piquetes grevistas. Enquanto isto, a greve, que se aproxima do fim da sua segunda semana, está a causar grandes dificuldades nas companhias de aviação.

Centenas de empregados, desde pilotos a amanuenses, foram já despedidos e muitos milhares mais poderão sê-lo nas próximas semanas ou meses.

No entanto, Lewis afirmou estar convencido de que as companhias de aviação, que estão a perder 30 milhões de dólares por dia, não estarão em dificuldades por muito mais tempo.

Afro-Arabe em Luanda no mês de Dezembro

Conselho Português para a Cooperação e uma delegação angolana chefiada por Nuno Van-Dunem. A delegação internacional integrava a Abu Fahed, embaixador da RPA e Edward Dilinga, assessor nacional do ANC da África do Sul.

As conversações mantidas por dirigentes angolanos sublinham «a grande importância e a unidade da realização da conferência afro-árabe», visto «desenvolver e aprofundar a luta comum contra a política imperialista, sionista e

racista e pela plena independência política e económica, a democracia, o progresso social e a paz».

A Conferência será aberta com uma sessão inaugural em que intervirão o presidente da OLP, Yasser Arafat, o presidente Oliver Tambo do ANC (África do Sul), o presidente Sam Nujoma da SWAPO (Namíbia) e o presidente José Eduardo dos Santos, do MPLA-PT e da RPA.

Os congressistas assistirão em 10 de Dezembro às comemorações do 25.º aniversário da fundação do MPLA.

El Salvador: guerrilheiros iniciaram nova ofensiva

Os guerrilheiros em luta contra o regime de El Salvador terão iniciado a ofensiva mais enérgica dos últimos oito meses — admitiram em São Salvador jornalistas.

Informações procedentes de Sueste de El Salvador dão conta de que unidades guerrilheiras da «Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional» estão a avançar, com grandes efectivos, sobre a capital provincial de São Francisco de Gotera e de que isolaram uma localidade de cerca de oito mil habitantes, Osiacala, tendo tomado ainda a localidade de Arambala.

Os guerrilheiros estão a ser combatidos por forças governamentais de infantaria, bem armadas, e que incluem brigadas antiguerrilha.

Os combates da Frente iniciaram a ofensiva com a tomada de Perquin (cerca de quatro mil habitantes), onde terão feito prisioneiros 24 guardas nacionais e conseguido estabelecer uma «zona libertada» no interior na província de Morazan, tendo além disso, constituído ali um governo revolucionário.

Na noite de sábado, em São Salvador, foi atacado com granadas um quartel a cinquenta metros do palácio presidencial e explodiram quatro bombas.

Enquanto isto, o arcebispo de São Salvador, Arturo Rivera y Damas, criticou no domingo as violações dos direitos humanos pelas forças de segurança, fazendo notar que só em Junho morreram 819 pessoas em consequência de violência.

Conferência da ONU sobre energia

É imperativo pôr termo à dependência do petróleo

elementos de um grupo de pressão que integram a delegação dos EUA.

O jornal «The Nairobi Times», em editorial publicado na sua edição de hoje, qualificava os 70 milhões de dólares de «soma ridícula» e acentuava que «a soma está a ser atribuída numa base bilateral e não numa base multilateral».

Membros da organização dos Países Exportadores de Petróleo aparentemente não desejando serem deixados como os principais financiadores, anunciaram que estão prontos a contribuir para um fundo de energia se outros países também actuarem como «doadores».

Diplomatas da OPEP afirmaram em privado estarem a referir-se aos Estados Unidos e aos seus aliados europeus.

A União Soviética, afirmando que os seus recursos energéticos são «muito diversificados» evitou cuidadosamente qualquer menção sobre assistência financeira a um programa internacional de energia. Os seus aliados europeus orientais e cubanos permaneceram igualmente calados.

A conferência está a centrar os seus trabalhos nas 14 fontes energéticas não convencionais, que actualmente fornecem 15 por cento das necessidades energéticas mundiais, não estando portanto a concentrar atenção nas principais fontes de energia mundial — petróleo, carvão, gás e energia nuclear.

Ulf Lantzke, director executivo da Agência Internacional da Energia, afirmou que a principal tarefa nos anos 80 é a de implementar tecnologias que sejam possíveis e já estuda-

das: energia hidroeléctrica, alguns tipos de energia solar, energia eólica, e biomassa que produz energia a partir dos resíduos animais e vegetais.

«Embora existam estimativas optimistas de que as energias renováveis serão uma grande fonte de energia no ano 2000 — disse — não devemos confundir o desejo, não obstante admirável, com o que se pode alcançar».

Este ponto de vista foi partilhado por vários oradores, incluindo o ministro indonésio das minas e energia, que salientou: «dar um tal salto para o desconhecido, perseguindo fontes de energia com um rendimento ainda não provado, em particular para os países em vias de desenvolvimento com recursos escassos, será obviamente prematuro, se não uma loucura declarada».

O ministro da Indústria do Zimbábue, Simba Makoni, e o ministro dos Negócios Estrangeiros do Sri Lanka, Shahul Hameed, sublinharam que as fontes de energia novas e renováveis não deverão ser transformadas na energia para os pobres — deixando as fontes de energia convencionais para satisfazer «os apetites insaciáveis» do mundo industrializado.

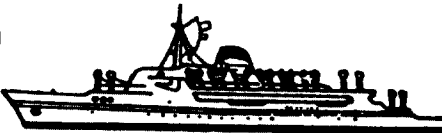
«Nós, nos países em vias de desenvolvimento, não podemos aceitar a posição visível nas entrelinhas de que os povos rurais têm de ser para sempre os herdeiros do carvão de madeira — disse Hameed — temos o mesmo direito de utilizar tecnologias que aumentem a produtividade, o rendimento e em consequência o bem estar».

CRUZEIROS abreu

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única * Serviço de 1.ª cl.



especialmente fretado para estes cruzeiros

3.º CRUZEIRO A PALMA E PORTOS FRANCOS — 7 DIAS

23 a 29 de Agosto

LISBOA - TÁNGER (porto franco) - PALMA DE MAIORCA - CEUTA (porto franco) - LISBOA
A sua melhor semana de 1981!

CRUZEIRO DOS 4 PORTOS FRANCOS — 9 DIAS

30 de Agosto a 7 de Setembro

LISBOA - GIBRALTAR (porto franco) - MELILLA (porto franco) - AGADIR (Marrocos) - LANZAROTE e LAS PALMAS (portos francos das Ilhas Canárias) - LISBOA
Turismo e "Shopping" — uma dupla aliciante!

6.º GRANDE CRUZEIRO NO MEDITERRÂNEO — 18 DIAS

8 a 25 de Setembro

LISBOA - LA VALETTA (Ilha de Malta) - DUBROVNIK e SPLIT (Jugoslávia) - VENEZA, TRIESTE e PALERMO (Itália) - GIBRALTAR (porto franco) - LISBOA
18 dias maravilhosos no Mediterrâneo e Adriático!

8.º CRUZEIRO À MADEIRA E CANÁRIAS — 9 DIAS

26 de Setembro a 4 de Outubro

LISBOA - FUNCHAL (Ilha da Madeira) - TENERIFE, LAS PALMAS e LANZAROTE (portos francos das Ilhas Canárias) - LISBOA
9 dias de encanto e repouso!

SEM AVERBAMENTO NO PASSAPORTE — Estes Cruzeiros, por serem feitos num navio português, estão isentos de averbamento no passaporte.

PREÇOS EXCEPCIONAIS DESDE 3.650\$ POR PESSOA E POR DIA

Desfrute o verdadeiro prazer de viajar: Faça um Cruzeiro / por menos do que gastaria / numa simples estadia / em Hotel no estrangeiro!

EXCELENTE OPORTUNIDADES! LUGARES LIMITADOS! INSCREVA-SE JÁ!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telef. 37 13 41

LISBOA — Av. de Roma, 66-B — Telef. 80 50 96

PORTO — Av. Aliados, 207 — Telef. 31 79 21

COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telef. 2 70 11/2

FARO — Av. República, 124 — Telef. 2 50 35/6

FUNCHAL — Rua Gorgulho, 1 — Telef. 3 10 77/8

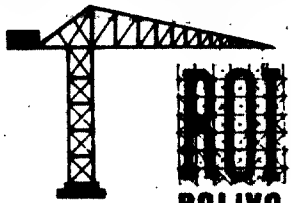
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 13 de Novembro de 1979, lavrada de fls. 83v.ª a folhas 86v.ª, do Livro A-131, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, António Neto Rodrigues e Maria Rosália Nunes Rodrigues Ventura Pinto, cederam as quotas que possuíam na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «Avimafra — Granja Agrícola, Limitada», com sede no Casal da Mangancha, freguesia de Santo Isidoro, deste concelho a Dionísio Maria Lopes, Dionísio Borges Lopes, Dionísio Fernandes Lopes e João Paulo Lopes. Simultaneamente substituíram, integralmente, o pacto social da referida sociedade, o qual ficou com a seguinte redacção: — 1.º — A sociedade continua a adoptar a denominação «Avimafra — Granja Agrícola, Limitada», tem a sua sede no Casal da Mangancha, freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado, a partir da data da sua constituição. — 2.º — O seu objecto é a criação e matança de gado, fabrico de enchidos e o comércio de carnes verdes e fumadas, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. — 3.º — O capital social é de 90.000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de 4 quotas iguais de 22.500\$00, uma de cada sócio. 4.º A gestão da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária e suficiente as assinaturas em conjunto de qualquer dos sócios Dionísio Borges Lopes ou Dionísio Maria Lopes com um dos outros sócios. — § 1.º em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos gerentes. — § 2.º É vedado aos sócios gerentes o uso da denominação social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. — § 3.º Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. — 5.º A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso dos outros sócios a cessão a estranhos. — § 1.º Gozam do direito de preferência os sócios não cedentes, em 1.º lugar e a sociedade. — § 2.º Os sócios que pretendam alienar a sua quota, quando haja lugar ao exercício do direito de preferência, avisarão os outros e a sociedade, por meio de carta registada com a antecedência mínima de 10 dias, declarando o nome do adquirente e as condições da cessão, devendo a resposta ser dada dentro do mesmo prazo. — § 3.º O valor da cessão em caso de exercício do direito de preferência será o valor que lhe for atribuído por balanceamento a dar na ocasião, acrescido de eventuais lucros não distribuídos. 6.º Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretenderem fazer parte dela, nomeando entre si, um que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa. — § Único — Na hipótese de os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdição não quiserem continuar na sociedade, apenas, terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanceamento a dar, nessa ocasião. — 7.º As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 10 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades. Está conforme o original, Mafra, 1 de Julho de 1981.

O Ajudante,
(MARIA MANUELA BEIRÃO CLÍMACO DELGADO)



ROLIVO CONSTRUÇÕES, LDA.

ANDARES:

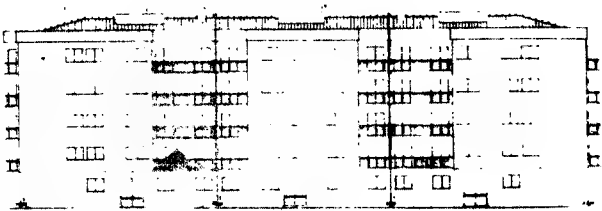
2, 3 e 4 ASSOALHADAS
QUINTA DA
BOA HORA
Lotes 26 • 47 • 48 • 50
ARRENTELA
2840 SEIXAL

INFORMAÇÕES

TELEFONES: 275 21 14 - 275 09 93

Das 9 às 13 e das 15,30 às 19 h.

NO LOCAL: Todos os dias incluindo Sábados,
Domingos e Feriados
das 10 às 18 horas



exclusivo

América Latina

EUA "exportam" organizações religiosas para contrariar "teologia da libertação"

□ Frank Viviano

■ IPS

ENQUANTO a guerra civil salvadorenha aumenta, outra batalha está a travar-se numa remota região das Honduras entre os fundamentalistas cristãos e os teólogos católicos da libertação.

No centro da controvérsia está a «Caritas», uma organização católica suíça de carácter humanitário, e a «World Vision», uma organização cristã de auxílio que opera a partir de Monrovia, na Califórnia. Ambos os grupos lidam com os refugiados salvadorenhos nas Honduras.

A diferença entre as duas organizações é profunda e centra-se, directamente, no papel crucial que a igreja católica desempenha nas mudanças sociais da América Latina e no que parece ser um esforço deliberado dos governos da América Central por neutralizar este papel com a colaboração dos grupos religiosos conservadores.

A irmã Irma, uma religiosa franciscana que trabalha na Caritas em Santa Rosa de Copan, diz que a «World Vision» recruta membros que trabalharam no departamento da polícia de investigações das Honduras (DNI).

«O nosso conflito não é religioso, é político», diz a irmã Irma ao explicar a diferença entre ambos os grupos. É uma questão de teologia da libertação contra a tecnologia da repressão.

A «Caritas» apresenta uma força crescente na chamada te-

ologia da libertação que nasceu na América Latina e que desde então atraiu seguidores de todas as partes do mundo.

Os refugiados instalados próximo da vila «La Virtud», o maior acampamento de refugiados da «Caritas», formaram os seus próprios comités de governo para organizar a sua própria segurança, naquilo que é apresentado como um exemplo da teologia da libertação levada à prática.

Os comités organizam igualmente a actividade agrícola para disporem de abastecimento de alimentos. Além disso, criaram-se escolas e ensinou-se às famílias a fazer casas com lona impermeáveis de camiónes que estão espalhadas ao longo de um pequeno riacho.

A uns 300 km, no aeroporto de Tegucigalpa, capital das Honduras, distribuem-se folhetos entre os passageiros que parecem estar precisamente contra o tipo de activismo sócio-religioso que é tão evidente em «La Virtud».

Os folhetos, nos quais se lê «achamos que um homem da igreja não deve misturar-se em política», expressam o dogma principal dos missionários fundamentalistas dos Estados Unidos, os quais começaram a trabalhar nas Honduras e El Salvador a partir da década de 70.

Não obstante o arrebatador catolicismo do povo hondurenho, a única literatura que se vende no aeroporto controlado pelo governo consiste em material protestante fundamentalista proveniente dos Estados Unidos e traduzido para castelhano.

Assim, por exemplo, nas prateleiras exibem-se os livros de Tim Lahaye, um homem próximo de Jerry Falwell, líder do grupo

«Moral Majority» (maioria moral), e director de um poderoso grupo político conservador dos Estados Unidos.

Os seguidores da «Caritas» dizem que o esforço do governo para neutralizar o conflito através de uma mistura do cristianismo fundamentalista, da ideologia conservadora norte-americana, é um assalto aberto à teologia da libertação e encaixa muito bem na filosofia da «World Vision».

Hugh Wire, director do gabinete de assistência da igreja mundial protestante, da costa oeste dos Estados Unidos, diz que a «World Vision» ajudou os norte-americanos a «tomarem consciência de que existem terribles problemas noutros países», no entanto acrescenta que «trouxeram uma versão estritamente norte-americana dos problemas. É uma focalização terrivelmente imperialista, à qual falta qualquer tipo de compreensão das condições locais».

World Vision:
«O comunismo é o inimigo»

O padre Fausto Milla, pastor da paróquia hondurenha de Corquín, afirma que no dia 30 de Junho os membros do «staff» da «World Vision», em colaboração com as tropas hondurenhas, salvadorenhas e guatemaltecas, «desembarcaram helicópteros em lugares onde havia grandes concentrações de refugiados, dizendo-lhes: «o comunismo é vosso inimigo e arruinou tudo nas Honduras».

Segundo Milla, «desde que a «World Vision» chegou à América Central pregou de forma constante aos refugiados contra os

trabalhadores religiosos e sacerdotes «comunistas» exercendo pressão para obter denúncias contra eles».

As entrevistas efectuadas a refugiados que puderam abandonar o acampamento de «La Guarita» — controlado pela «World Vision» —, e no qual vivem cerca de 2400 refugiados, parecem confirmar a acusação mais grave que se imputa a esta organização: permitir a incursão de tropas armadas de El Salvador e da organização paramilitar «Orden» nos acampamentos, a fim de procurarem ou localizarem supostos guerrilheiros.

Esta não é a primeira vez que se fazem este tipo de acusações contra a «World Vision». Durante a guerra do Vietname a organização foi criticada por passar informações dos serviços secretos ao pessoal militar dos Estados Unidos, que não estavam autorizados a entrar nos campos de refugiados.

Segundo um artigo publicado no «Christian Century», em 1979, no Campuchea, «os camiónes e helicópteros militares dos Estados Unidos estavam sempre à disposição dos programas da «World Vision», e a Agência Central de Informações (CIA) utilizava informação obtida dos grupos de trabalhadores, como parte normal do seu trabalho de informação».

Desde que a organização foi fundada em 1950, desenrolou grandes operações em 85 países, especialmente onde as populações de refugiados foram aumentando em consequência da onda de violência política. Actualmente, os seus maiores projectos envolvem os refugiados do Campuchea, do Laos, da Tailândia, os vietnamitas em embarcações e os somalis.

Canadá

Onda de nacionalismo económico irrita a Casa Branca

□ Antoine Char

■ IPS

O primeiro-ministro canadiano, Pierre Elliot Trudeau, disse uma vez que «o Canadá é como um rato acossado por um elefante», num comentário alusivo às difíceis relações entre o seu país e os Estados Unidos.

Embora nunca tenha estado numa posição muito cómoda, Otava denota com efeito um crescente temor por se ver dominado pelo seu vizinho do Sul.

«Se um país deseja manter a sua identidade, há certos sectores da economia que devem estar sob seu controlo», disse Trudeau recentemente, acrescentando que há um certo limite no qual «demasiado» investimento externo torna-se «suficiente». Em certas áreas já se chegou ao ponto suficiente, acrescentou.

Durante os últimos 30 anos entraram no Canadá 34 mil milhões de dólares em investimento externo e saíram do país 84 mil milhões de dólares de lucros.

Uma das consequências da sua aptidão para atrair investimentos estrangeiros foi o facto de no ano passado a dívida externa do país ter chegado aos 17 mil milhões de dólares.

Os críticos da política económica liberal de Trudeau sustentam que a propriedade estrangeira no Canadá atingiu níveis que mais nenhum país do mundo permitiria.

A necessidade de atrair investimentos estrangeiros já não é, no entanto, uma ideia fixa nos círculos governamentais.

Otava está a abandonar a sua política liberal para adoptar um firme compromisso rumo à nacionalização da indústria do gás e do petróleo, assim como do sector da manufactura, e para restringir o fluxo de investimento externo.

Se bem que esta onda de nacionalismo seja muito popular no Canadá, os críticos do exterior, nomeadamente os dos Estados Unidos, afirmam que é injusta e discriminatória.

Alguns funcionários norte-americanos temem que o Canadá haja empreendido um caminho que poderia pôr em perigo as relações comerciais entre os dois países da América do Norte cujas economias estão estreitamente inter-relacionadas.

O «programa energético nacional» de Otava dado a conhecer em Outubro passado e que procura que pelo menos 50 por cento da indústria canadiana do petróleo esteja sob controlo nacional até 1990, causou um certo ressentimento e irritação no Governo de Reagan.

Das 25 maiores empresas que produzem petróleo e gás no Canadá, 19 são de propriedade americana. Estas transnacionais, que dão conta de 75 por cento das exportações canadianas de gás e petróleo, enviaram lucros para o exterior no montante de 2.100 milhões de dólares entre 1975 e 1979.

Embora o Canadá seja uma potência industrial menor (um velho dito reza que é a menor avançada do mundo industrializado), é indiscutivelmente uma potência em energia, enquanto que os Estados Unidos o não são.

Recentemente Washington mostrou-se cada vez mais hostil para com o Governo de Otava. O presidente Reagan protestou pela política energética e dois congressistas americanos apresentaram projectos de lei visando dificultar que as empresas canadianas assumissem o controlo das subsidiárias canadianas de empresas americanas no sector energia.

Um funcionário americano disse a um diário canadiano que o Congresso poderia empreender acções de repressão se o Canadá se recusar a explicar ou modificar o seu programa energético.

«Há muitos exemplos de investimentos canadianos consideráveis nos Estados Unidos que poderiam ser onerados, regulados ou controlados legalmente, duma ou de outra maneira», advertiu.

Durante os últimos 10 anos, os investimentos directos do Canadá nos Estados Unidos triplicaram, passando de 3 mil milhões de dólares aproximadamente para 10 mil milhões.

Embora os investimentos directos americanos no Canadá se elevem a uns 50 mil milhões de dólares, mais que o total em toda a América Latina, estes cresceram mais lentamente do que os investimentos canadianos nos Estados Unidos.

Neste momento é evidente que no que respeita aos assuntos económicos e políticos, Otava e Washington têm diferentes interesses e que a maré de nacionalismo que surge no Canadá está a fazer ondas na Casa Branca.

Controladores aéreos portugueses começaram um "boicote" de dois dias aos aviões de e para os EUA

Desde a 1 hora da madrugada de hoje (0 horas TMG) que os cerca de 300 controladores aéreos portugueses deixam de servir os voos de e para os Estados Unidos. O «boicote» (designação que os controladores recusam) é por 48 horas e foi decidido na sexta-feira como manifestação de solidariedade para com 12 mil dos cerca de 13 mil controladores norte-americanos recentemente despedidos pela Administração Reagan por terem feito greve considerada ilegal.

Durante dois dias, portanto, aviões provenientes dos EUA ou com destino aos EUA não deverão passar no espaço aéreo português, a não ser, eventualmente, pela ilha Terceira, dos Açores, onde o controlo de tráfego na base norte-americana das Lajes está entregue a militares dos EUA. As consequências desta «recusa» (já que os controladores portugueses se recusam a chamar-lhe «boicote» tem consequências cuja extensão (maior ou menor) se desconhece, para a parte portuguesa. Da parte norte-americana, pensa-se que

os efeitos serão muito reduzidos, além de limitado o seu impacto.

Segundo os meios de Informação norte-americanos, serão afectados 20 por cento dos voos transatlânticos, ou seja, quarenta e cinco voos por dia, nas rotas de Lisboa, Madrid, Roma e Atenas. Isto além de algumas rotas do Norte de África e do Médio Oriente. Autoridades da aeronáutica dizem que o «boicote» português é sobretudo simbólico. Oportunamente, foram preparadas três rotas pelo Atlântico Norte, que servirão, apesar de mais demoradas e custosas. Haverá atrasos de horas, mas não cancelamentos.

Ainda segundo as mesmas fontes, os efeitos seriam muito mais graves, se a decisão dos controladores portugueses tivesse sido aplicada ao mesmo tempo que as acções idênticas dos controladores canadianos na segunda e na terça-feira da semana passada. Nessa altura, os controladores portugueses poderiam ter feito paralisar por completo todos os voos transatlânticos.

De qualquer modo, o Depar-

tamento de Estado americano apelou para a Embaixada de Portugal em Washington no sentido de que o Governo português fizesse o que estivesse ao seu alcance para impedir este boicote. Segundo notícias provenientes de Washington e veiculadas pela ANOP, muitas comunicações portuguesas radicadas nos EUA ter-se-ão manifestado desfavoravelmente em relação à acção dos controladores portugueses.

Da parte destes, o comunicado emitido na sexta-feira, e do qual constava o anúncio desta decisão que começou hoje a ser aplicada, acusava a Administração Reagan de «violar os Direitos Humanos» e de «usar métodos repressivos para lidar com um conflito laboral». Recorde-se que a luta dos controladores norte-americanos apontava fundamentalmente para aumentos salariais.

Entretanto, assinala-se que esta decisão dos controladores portugueses, que chegou a ser anunciada para sete dias, antes da decisão que se quedou em apenas dois, foi aprovada com um sentido emergente de soli-

diedade para com os seus homólogos norte-americanos. Durante toda a semana passada, os controladores aéreos de todo o Mundo, através das suas associações, foram pressionados por praticamente todos os organismos internacionais de navegação aérea no sentido de reconsiderarem as suas posições, sobretudo no tocante à consideração sobre a alegada insegurança do espaço aéreo norte-americano.

Quando os controladores portugueses assentaram nos dois dias de «boicote», considerava-se que não havia dados bastantes para avaliar a situação. Estava-se na recolha de dados, e anunciava-se uma reunião da Federação Internacional dos Controladores Aéreos para o próximo dia 22, para análise de novos dados e resolução de atitudes a assumir a partir de então. A essa reunião — que deverá analisar não apenas a situação no espaço aéreo, mas ainda a situação dos doze mil controladores norte-americanos despedidos — deverá estar presente uma delegação portuguesa.

Acidentes de trabalho

CGTP acusa o Executivo de desprezar os direitos dos deficientes

A CGTP-IN emitiu um comunicado reclamando a revogação imediata do despacho normativo 180/81, respeitante a acidentes de trabalho e indemnizações.

O despacho 180/81 data de 11 de Junho e, na interpretação daquela central sindical, põe seriamente em questão a demais legislação em vigor — apesar de mesmo esta legislação dever ser considerada muito aquém do que seria de exigir. O despacho questiona designadamente o Decreto-Lei n.º 39/81 e o n.º 360/71.

A CGTP-IN lembra sucintamente a história mais recente da legislação respeitante a acidentes de trabalho, começando pela «definição, em 1975 e pela primeira vez, de «valores mínimos para as pensões devidas por acidente de trabalho ou doença profissional que tivessem provocado a morte ou a incapacidade

permanente (de grau igual a 30 por cento) do trabalhador». Valores mínimos, relacionavam-se no entanto com os salários mínimos então em vigor.

A evolução dos salários desactualizou tais valores, e progressivamente. Por isso, em Maio de 80, foi publicado o Decreto-Lei n.º 97, o qual satisfazia a reivindicação das pensões mínimas alargando o princípio da existência de mínimos a todas as pensões por incapacidade permanente. Apresentava, todavia — diz a CGTP — «o grave inconveniente de ser só aplicável nas doenças profissionais de responsabilidade da Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais e vir estabelecer uma discriminação entre os pensionistas de primeira, os da Caixa Nacional, e os de segunda, os restantes — como foi oportunamente denunciado».

Perante esta situação, a CGTP reivindicou a aplicação do Decreto-Lei n.º 97/80, a todos os pensionistas, em particular no caderno reivindicativo apresentado ao Governo em Janeiro do corrente ano.

Sai entretanto, em Março, o Decreto-Lei n.º 39/81, definindo critérios de actualização. A CGTP diz que, «na generalidade dos casos, conduzem à uniformidade de tratamento das pensões por morte ou por incapacidade permanente de grau ou superior a 30 por cento».

É nesta sequência que surge o despacho normativo n.º 180/81, com data de 11 de Junho. De que se trata?

A CGTP diz que «alguns conselhos de gestão de companhias de seguros, por entenderem que tais critérios conduziram a um acentuado aumento de despesas (com a protecção dos traba-

lhadores), movimentaram-se no sentido de limitar o alcance deste diploma». E o Governo satisfaz estas reclamações.

Para a CGTP-IN, trata-se, agora, de revogar o despacho de 11 de Junho. O comunicado lembra que em 18 de Julho saiu o Decreto-Lei 227/81 transferindo, a partir de Outubro que vem, para a Caixa Nacional de Seguros e Doenças Profissionais, as responsabilidades das pensões, a cargo das companhias de seguros — «o que permite a uniformidade de tratamento de quase todos os doentes profissionais».

Diz o comunicado que o Governo da AD pretende que «continuem a existir pensionistas de primeira e pensionistas de segunda, no período de Maio a Setembro, quanto a doenças profissionais, e sem fixar um prazo, quanto aos acidentes de trabalho».

A situação nos CTT FCT vai ao encontro no MT ● Trabalhadores retomaram hoje o seu trabalho

O conflito que opõe a Federação dos Correios e Telecomunicações à Administração dos CTT pode hoje conhecer perspectivas de resolução — se vier a confirmar-se a expectativa que nos últimos dias vinha apontando para a reunião que hoje tem lugar no Ministério do Trabalho. É entre os secretários de Estado do Trabalho e dos Transportes e representantes daquela Federação, e a expectativa diz respeito à vontade que da parte do Executivo se manifesta para uma decidida arbitragem do conflito.

Nos CTT, os trabalhadores que estiveram em greve durante três dias na passada semana retomaram hoje o seu trabalho. Mantém-se todavia a recusa à prestação de horas extraordinárias e à condução de viaturas por acumulação, além da disposição declarada de cumprir as tarefas próprias dos serviços com todo o zelo. E subsistem, naturalmente, os efeitos da greve que paralisou quase por completo a empresa de quarta a sexta-feira passada, designadamente no que toca a acumulação de correspondência. Estes efeitos, lembram-se, já eram sensíveis quando da mais recente paralisação. Anteriormente, os trabalhadores tinham paralisado durante quatro dias, por turnos, e em cadeia. E já em 27 e 28 de Julho se tinham registado dois dias de greve.

Os termos fundamentais deste conflito entre trabalhadores e gerência situam-se no campo salarial. Da parte dos trabalhadores impõe-se uma exigência de aumentos de 24,5 por cento sobre os salários em vigor. A Administração contrapõe 22 por cento, e já mandou processar novos salários com este aumento percentual, a partir de Agosto.

Entretanto, a Federação anunciou que vai processar a Administração, por esta ter violado a Lei da Greve, substituindo os trabalhadores paralisados por outros a quem entregou serviços para os quais os substitutos, em muitos casos, não estariam profissionalmente preparados.

Federação e Administração têm feito balanços diferentes da greve de três dias. Da parte dos Sindicatos, os números divulgados falam de mais de 70 por cento de adesões. A Administração fica-se na casa dos 20. Pode considerar-se que esta «guerra de números» já não tem premente interesse, e perdeu actualidade.

Actualidade têm-na certamente os efeitos provocados pelas sucessivas greves que nas últimas três semanas se registaram na empresa. Só esta manhã é que o montante avolumado de movimento postal começou a sair dos depósitos, e, certamente, a normalização da distribuição é o sector onde a situação vai ser mais demorada de repor em termos de normalidade.

Traineeiras de Matosinhos não foram hoje ao mar

PORTO, 17 — As traineeiras do porto de Matosinhos não saíram hoje para o mar. Motivo: os trabalhadores fizeram mais uma greve, de um dia, prosseguindo assim na luta pela revisão do seu contrato de trabalho.

Já no passado dia 10 os trabalhadores tinham paralisado. Nesse dia, e hoje, a adesão à greve foi de 100 por cento.

A luta dos trabalhadores tem por objectivo a aceitação, da parte do patronato, das suas rei-

vindicações: aumentos de 3 mil escudos salariais subsídios de gases tóxicos de 10% sobre o salário, e 13.º mês apurado sobre a média salarial.

Da parte do patronato, estas reivindicações encontram resposta negativa.

Entretanto, se a situação se mantiver, deverá realizar-se no próximo dia 27 um plenário, para decidir sobre novas formas de luta a assumir no mês de Setembro.

AGRADECIMENTO

HOSPITAL DISTRITAL DE CASCAIS

Carlos Ramiro Piçarra de Oliveira e Lino Manuel Neves, vêm por este meio tornar público o seu agradecimento ao Conselho de Gerência e Direcção Clínica do Hospital Distrital de Cascais pelo modo eficiente como foram socorridos e têm vindo a ser assistidos após o acidente ocorrido em 23 de Julho passado.

Uma palavra particular de apreço para todo o pessoal do Serviço de Urgência e de Cirurgia, e um especial muito obrigado ao Dr. Freitas de Oliveira, Dr. Maia e Enfermeira Chefe Alice Simões.

AGRADECIMENTO

Carlos Ramiro Piçarra de Oliveira e o seu motorista Lino Manuel Neves na impossibilidade de o fazerem pessoalmente na maioria dos casos por ignorância de moradas ou números de telefone vêm por este meio agradecer a todos os amigos que de uma forma ou de outra se têm interessado pela evolução do seu estado de saúde após os ferimentos sofridos no acidente de 23 de Julho de 1981.

CRUZ DE PAU — AMORA DE BAIXO —

(MARGEM SUL)

Perto do Liceu Paulo da Gama Lotes 27 e 28

3 e 4 assoalhadas

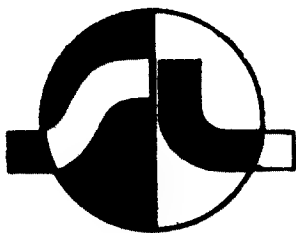
Transportes à porta e vista para o Tejo



CHALÉ PREDIAL

TRATAR TODOS OS DIAS
Das 10 às 19 h (incluindo sábados e domingos) no local
ou pelos Tel. 537889/530691

Supermercado de ALCATIFAS



R. Capitão Leitão, 87-D
Telefs. 2752114-2750983
2800 ALMADA

- ALCATIFAS
- CARPETES
- TAPETES
- PASSADEIRAS
- PAPEL DECORATIVO
- etc... etc...

IVO F. LOPES, LDA.

Não compre sem nos consultar
PREÇOS INACREDITÁVEIS

Via Venexa

SAPATOS—MALAS

ALTA QUALIDADE

**PARES ÚNICOS
BAIXA DE PREÇO**

**CENTRO COMERCIAL DE BENFICA, LOJA 5-F
ESTRADA DE BENFICA, 739 — 1500 LISBOA**



armazéns

CONDE BARÃO

SALDOS



descontos até 60%

Alcatifa tipo alta torção	298\$00m ²
Alcatifa tipo industrial	98\$00m ²
Cobertores veludo, casal	998\$00
Popelines/Cambraias, 0,90	69\$50
Voiline nylon (fant.), 1,50	49\$50
Voiline nylon (fant.), 2,60	178\$00
Toalhas turcas, 1,00×0,50	69\$50
Guardanapos sarjados	17\$50
Cobertores casal	298\$00
Tapetes carpélio	149\$50

35º ANIVERSÁRIO

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 22 de Maio do ano em curso, de fls. 94 a fls. 95 v.º do Livro 149-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, entre Rafael Violante dos Santos e mulher Maria do Carmo da Cruz Amaro Santos, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: 1.º — A sociedade adopta a firma «Rafael & Carmo, Limitada», tem a sua sede no lugar da Venda do Pinheiro, freguesia do Milharado, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado a partir de hoje. 2.º — O seu objecto é o aluguer de transportes de mercadorias, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. 3.º O capital social é de 150 000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas uma de 100 000\$00, pertencente ao sócio Rafael Violante dos Santos e outra de 50 000\$00, pertencente à sócia Maria do Carmo da Cruz Amaro dos Santos. 4.º — A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo suficiente a intervenção de qualquer para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente em actos e contratos. 5.º — É vedado aos gerentes o uso da firma social em actos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. 6.º Os gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes mediante o respectivo mandato. 7.º — A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento expresso dos outros sócios, aos quais é reservado o direito de — preferência. 8.º — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, sempre que a lei não exija outras formalidades. Está conforme o original. Mafra, 1 de Julho de 1981

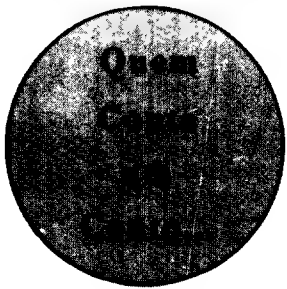
O ajudante,
as) Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Mafra a cargo da licenciada em Direito Maria José Pimentel Piqueira e Silva

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 12 de Junho de 1981, lavrada de fls. 76 v.º a fls. 78, do Livro 87-B, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, entre MANUEL FRANCISCO MACHADO e LUIS FRANCISCO MACHADO, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: 1.º — A sociedade adopta a firma «Machado & Machado, Limitada», tem a sua sede no lugar do Quintal, freguesia e concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje. 2.º — O seu objecto é a indústria de construção civil e obras públicas, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. 3.º — O capital social é de 600 000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas de 300 000\$00, uma de cada sócio. 4.º — A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção em conjunto de 2 sócios para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. 5.º — Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios. 6.º — É vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. 7.º — Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 8.º — A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso do outro sócio a cessão a estranhos, ao qual é reservado o direito de preferência. 9.º — Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade substituirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretenderem fazer parte dela, nomeando, entre si um que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa. 10.º — Na hipótese de os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito não quererem continuar na sociedade apenas terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanço a dar, nessa ocasião. 11.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias sempre que a lei não exija outras formalidades. Está conforme o original. Mafra, 12 de Junho de 1981

O 2.º Ajudante,
(Maria Luisa da Conceição Miranda)



Atentado

O Presidente tirou os óculos (com os quais nunca era visto em público...), esfregou lentamente os olhos de cansaço, levantou-se para sair finalmente do Oval Office, deu dois passos mas voltou a sentar-se. Pegou de novo no processo confidencial do FBI e do Departamento da Defesa sobre o desaparecimento de uma ogiva de neutrões do paiol nuclear de Cayuga Flats.

Felizmente tratava-se de um engenho de fraca potência, de tipo táctico, exigindo apenas um vector ligeiro «terra-terra» de tipo já operacional nas infantarias dos dois blocos.

Mas o assunto era intrigante. Era intrigante por ter sido claramente um «inside job» — conviência do interior que, essa, acabaria por aclarar-se; e era intrigante por se tratar de uma única ogiva ligeira, quando teria sido fácil levar várias. Este último facto, segundo o relatório, levava a crer que o golpe teria sido montado por conta de uma potência menor, em guerra declarada ou latente, para obter um êxito espectacular. Talvez para uma chantagem militar sobre algum estado vizinho. Talvez no Médio Oriente, talvez em África.

O Iraque? a Líbia?

A perspectiva de não se tratar de um escalão continental, dado o âmbito exclusivamente táctico da arma, e o facto de ser só uma, justificavam talvez a calma de Hah, logo que o primeiro susto passou. E não tinha mesmo entrevisto um certo brilho malicioso no olhar do general Zumweil ao afirmar que nem tudo era mau neste assunto? A velha raposa aguerrida insinuava talvez que, se uns iraquianos ou indianos ou pretos atirassem a ogiva uns aos outros em condições reais no teatro de operações, se ficava a ter o melhor dos testes de campo sem incorrer em riscos para vidas americanas ou europeias nem condenação internacional sempre chata. Velho «coyote» manhoso! Reagan sorriu... O que era necessário agora era manter o mais completo sigilo, e estar preparado para tirar partido do que viesse a acontecer, onde e quando viesse a acontecer.

E se fossem os de Israel, outra vez? Lá tesos são, re-

flectiu o Presidente, com admiração.

De qualquer maneira, estavam tomadas precauções no sentido de guardar as fronteiras e os portos, e através da Intelligence seguir qualquer indício da presença da arma desaparecida em qualquer das áreas de conflito mundial.

O camião pesado, coberto de oleado com o emblema da companhia das águas, saiu lentamente do cruzamento da Virginia Avenue com a Constitution Avenue, como se andasse em busca de um ponto de rotura a consertar. Acabou por parar em frente do edifício da Pan American Union, com a luz intermitente do tejadilho a funcionar.

Desceram três homens que começaram a descarregar vedações, lanternas e ferramentas, e a instalar uma barraca de lona. O condutor, entretanto, andava para diante e para trás, abanando energicamente os braços e batendo

os pés, no ar fresco e estimulante da noite. Olhava com indiferença para a Casa Branca intensamente iluminada para lá da Elipse, por trás das árvores, o Capitólio ao fundo do Mall, e do outro lado do Potomac, a silhueta pesadona do Pentágono. Àquela hora, o centro de Washington estava muito esvaziado de gente, e o trânsito diminuía muito.

Os homens descarregaram com cuidado um caixote, pesado, com um letreiro «Hidraulic Valve — 10 inches/type II». Trocavam poucas palavras para além das piadas usuais do trabalho, e enquanto dois preparavam o material dentro da tenda, os outros cá fora aqueciam café e fumavam o cigarrinho da praxe, ao ritmo roncero de todos os trabalhadores dos turnos da noite que se preparam para um trabalho longo e provavelmente penoso, sem capataz para os vigiar.

Um carro da Polícia, de ronda, abrandou. Os guardas, sem grande interesse e verificando que as lanternas intermitentes e os «stops» estavam acesos, seguiram esboçando um vago aceno para os trabalhadores, que responderam também vagamente, também sem interesse.

No Oval Office, o Presidente compulsava ainda os extractos diários da imprensa que o seu «staff» impecavelmente elaborava.

Violência por todo o lado. E em escalada. A vida humana, pensou Reagan mais uma vez, está barata, vale pouco — e no entanto, caramba! Vale a pena ser vivida, quando se é um ganhador! Vencer é uma necessidade da vida, é o último e único critério da verdade. Uma certa violência é o preço inevitável da vitória; e voltavam-lhe à memória as frases de incitamento do «coach» da sua equipa nos seus tempos de «footballer». É certo que neste momento sentia uma inegável pena pelos pobres diabos do «terceiro mundo» mas não podia



evitar pensar que eram de facto «born-losers». Condenados a perder, esses. Que vida era aquela, também? Bangla-Desh? Sudão? Peru? os das Caraíbas? Mais valera não terem nascido. Neste Mundo, que é sem dúvida cruel, desaparecerem uns milhões, por muito que isso impressione, até acaba por ser um bem para eles e para os que ficam. Insuperável, isso sim, é o cinismo dos «liberais» americanos e dos europeus comunistóides, que fazem o choradinho dos direitos humanos que no fundo só serve o jogo dos russos.

Irritou-se ao pensar nestes maricas todos, que no fim de tudo, conspiram para abater a América, e os piores de toda a saída são os «pinkies» infiltrados na administração; se calhar algum deles está implicado na história do roubo em Cayuga Flats!

Decidiu-se mesmo a parar e ir-se deitar. Pousou os óculos sobre um relatório do Federal Reserve Board muito animador sobre a situação monetária, por acaso

saiu da sala oval. Uma série de quase inaudíveis «clicks» e «whirrs», e o movimento discreto de vários vultos para trás das portas, fizeram-lhe sentir mais uma vez a curiosa impressão de conforto pela presença invisível da Segurança que o vigiava a cada momento, criando agora em seu redor uma armadura impenetrável de electrónicas e dedicções pessoais, estabelecida de modo a que novo atentado contra a sua vida fosse realmente e definitivamente impossível.

O carro da Polícia descia agora de novo a Constitution Avenue. Distraidamente, os guardas repararam que o camião da companhia ainda continuava no sítio, e os homens trabalhavam em qualquer objecto pesado dentro da tenda de lona. Uma centena de metros depois, ouviram um ruído abafado e pelo retrovisor, o condutor viu uma fraca luminosidade sair da tenda que ainda abanava. Fez uma rápida volta em U e de sereia

aberta, e pneus a guinchar, dirigiu para lá o carro.

O ardor espantoso espalhou-se-lhe pelo corpo, um ardor de dentro para fora como se o sangue se lhe tivesse tornado em ácido sulfúrico. Deixou de ver. Num último paroxismo tentou parar o carro. Morreu logo que o carro foi de encontro a um poste de iluminação e ficou parado, com um farol ainda aceso e a sereia ainda a tocar.

Ali perto, junto da barraca de lona esfacelada, os corpos dos quatro comandos suicidas estavam em posições grotescas, por terra.

Sob o luar, os rododendros que rodeiam a Tidal Basin, floridos de novo, continuavam a brilhar. Nem uma brisa ríçava a água do Potomac, reflectindo perfeitamente o Lincoln Memorial.

Um avião descia, as luzes piscando, e ele — se para aterrar —

Mas, num raio de segundos, metros, não havia mais ser humano vivo.

J. P. Martins Barata

a paladraq com...

Mário Castrim



Hoje vou contar mais gente.

Ao fim de dois meses nas Termas (ela achava que se um mês de água fazia bem, dois faziam melhor) D. Clarinha deu conta de que a sobrinha, sua acompanhante, adoecera. Palidez, vômitos.

— Eu bem te dizia, filha, que esta água era muito radioactiva.

Levou-a ao médico e o diagnóstico foi quase imediato: o que ela estava era com uma valentíssima gravidez.

A D. Clarinha:

— Eu a pensar que o namorado dela também vinha fazer o tratamento...

E fez, e fez... — comentava o médico.

É de homem!

Nunca se deitava. Bebia a água e depois andava por aí, ao devagar. Quando muito, sentava-se numa cadeira de braços, a ler o jornal ou a fazer contas. É verdade que

Diáriotermal

se sentava com um grande alívio, no entender das pernas.

— Mas ó senhor Pilar, por que é que o senhor nunca se deita?

— Com sua licença, isso é para as mulheres. Cá para mim, um homem só se deve deitar à noite porque ninguém o vê.

Uma questão de prestígio

Chamava-se... não importa o nome. Como sabia que eu me dava muito a escrituras, veio pedir-me que lesse esta carta:

Minha querida Josefina

Felizmente istô bein mijo cue me far-to e como cue niem um lion já deitei a pèdera melhor extas águas ção mesmo abenssuadas i cuero levare alguma para caza eide procurar quanto me custa prai uma pipa dela.

Teu marido munto amigo,

F.....

— Está muito bem — disse eu.

— O que eu lhe queria pedir era se me fazia favor de pôr as vírgulas.

Vim a saber que ele, durázio, casara no princípio do ano com uma professora primária.

A água e o vinho

Despejou o par de aqistas no sombreado do mosteiro. Quando voltaram, estava ele na venda, com um copo de tinto em acção. Bebeu-o de um trago limpou a boca às costas da mão, enfiou o boné, sentou-se ao volante do táxi.

— Então como é — brincou o passageiro — Você aconselha a água e bebe vinho?

— Ai sim, ai sim — respondeu o chofer — o que seria da medida do mundo, se não houvesse gente que fosse para o inferno?

Era uma figura muito popular. Ainda o conheci.

DESPORTO

Futebol à espera de campeonatos

Benfica vence Torneio de Toronto

O Benfica venceu o «Torneio de Futebol de Toronto» ao derrotar na final o Leeds United (Inglaterra) por 1-0. O gol foi marcado por Nenê na transformação de uma grande penalidade, aos 80 minutos.

O Barcelona Guayaquil (Equador) alcançou o 3.º lugar ao vencer o Toronto Itália, por 6-1.

A equipa equatoriana empatou 6.ª-feira com o Leeds por 1-1, mas foi afastada da final porque um dos seus jogadores tentou agredir o árbitro nos últimos minutos do encontro. O Toronto Itália perdeu (sábado) por 6-0 com o Benfica.

Ontem, sob a direcção do árbitro Tony Evangelista, de origem italiana, que mostrou cartões amarelos a Connor (35), Shéu (48), Fern (58) e Frederico (66), alinharam:

● Benfica: Bento; Frederico, Humberto, Laranjeira e Pietra, Veloso, Alves (Carlos Manuel 46) Shéu e Chalana (Bastos Lopes 88); Nenê, e Filipovic (César, 88).

● Leeds: Lukic; Greenhoff, Fern, Cherry, e Frank Gray; Flynn, Eddy Gray (Stevenson 76) e Sabella; Graeme, Connor e Peter Barnes (Parlane, 82).

No jogo de sábado, sob a arbitragem do canadiano Bill Coppins, alinharam:

● Benfica: Bento (Botelho 66); Frederico (Bastos Lopes 61), Humberto, Laranjeira e Pietra; Veloso (José Luis, 66), Alves (Carlos Manuel, 61), Shéu e Chalana (Folha, 45); Filipovic (César 61) e Nenê (Reinaldo 61).

Os golos foram marcados por Alves (19 e 32 minutos), Humberto (53), Veloso (55), Filipovic (57) e Nenê (60).

Em vários palcos

Este fim-se-semana foi particularmente assinalado por diversos jogos particulares, que

colocaram várias equipas no último apronto antes das competições oficiais que batem à porta. Resultados no «Torneio da Póvoa de Varzim»: Famalicão,

1-Varzim, 0; Rio Ave, 2- Penafiel, 0; Rio Ave, 1- Famalicão, 0 e Penafiel, 2- Varzim, 0. O Rio Ave triunfou na competição.

● «Torneio Costa Verde»: Salgueiros, 1- Sporting de Espinho; 0; Sanjoanense, 3- Lourosa, 2; Lourosa, 4- Espinho, 3; Sanjoanense, 6- Salgueiros, 5. Êxito da Sanjoanense.

● «Torneio do Algarve»: Portimonense, 2- Esperança de Lagos, 1; Estoril, 1- Farense, 0; Esperança de Lagos, 4- Farense, 0 e Estoril, 4- Portimonense, 3. Vitória do Estoril.

● «Torneio de Leiria»: Belenenses, 4- Amora, 0; União de Leiria, 4- União de Coimbra, 1; Belenenses, 2- União de Leiria, 1.

● Em Palma de Maiorca: Valencia, 3- Boavista, 2, com expulsão de Eliseu. O Barcelona (4-1 ao Maiorca) venceu a competição.

● Em Braga: Sporting de Braga, 1-F.C. Porto, 1.

● Em Guimarães: Vitória, 1-Vasco da Gama (Brasil), 2. Foi expulso o brasileiro Nei.

Na Cova da Piedade o grupo local bateu o Vitória de Setúbal: 1-0. Outro embate: Benfica de Castelo Branco, 2-Misto do Benfica, 0. Em S. Vicente de Alcântara (Espanha): triunfo do Estrela de Portalegre sobre o Cantovi-

cente, por 2-1. Outra vez por cá: Sacavenense, 1- Ginásio de Alcobaça, 1; Rio Maior, 2- União de Almeirim, 1; Elvas, 1-Juventude, 0; União de Coimbra, 1-Académico de Viseu, 2 (na Figueira da Foz); Peniche, 2-Quimigal, 1; Gil Vicente 2-Águeda, 0.

Limpar castigos

Torneio Início, da Associação do Porto: Vilanovense, 0- Boavista, 2. O Leixões desistiu da prova.

Marítimo na onda

O Marítimo contratou dois antigos juniores do Sporting: Fernando (18 anos) e Luís Filipe (19).

A propósito do Marítimo: A equipa fará uma digressão pelos Açores e por Portugal Continental. Na Ilha de São Miguel, a turma madeirense defrontará (dia 21) a equipa dos Oliveirense e no dia 23, um misto mica-elense.

A turma seguirá depois para o norte do continente, onde, a partir de 29, defrontará o Paços de Ferreira e o Ermesinde e participará num torneio quadrangular organizado pelo Leça e em que entram também as equipas do Leixões e do Salgueiros.

Jacques Laffite vence na Austria

O francês Jacques Laffite («Talbot») venceu o «Grande Prémio da Austria», 11.ª prova do campeonato mundial de condutores, disputada no circuito de Zeltweg.

Classificação oficial: 1.º Jacques Laffite, França, «Talbot-Ligier», uma hora e 27.36,47 minutos (média de 215,698 quilómetros horários); 2.º René Arnoux, França, «Renault Turbo», a 5,17 segundos; 3.º Nelson Piquet, Brasil, «Brabham», a 7,34; 4.º Alan Jones, Austrália, «Williams», a 12,04; 5.º Caris Reutemann, Argentina, «Williams», a 31,85; 6.º John Watson, Grã-Bretanha, «McLaren», a 1.31,14 minutos; 7.º Elio de Angelis, Itália, «Lótus 87», a 1 volta; 8.º Andrea de Cesaris, Itália, «McLaren», a 1; 9.º Didier Pironi, França, «Ferrari», a 1; 10.º Jean-Pierre Jarier, França, «Osella», a 2; 11.º Derek Daly, Irlanda, «March», a 2;

Classificação do campeonato mundial de condutores de Fórmula Um, após este Grande Prémio da Austria: 1.º Carlos Reutemann, Argentina, 45 pontos; 2.º Nelson Piquet, Brasil, 39; 3.º Jacques Laffite, França, 34; 4.º Alan Jones, Austrália, 27; 5.º Gilles Villeneuve, Canadá 21; 6.º John Watson, Grã-Bretanha 21; 7.º Alain Prost, França 19; 8.º René Arnoux, França, 11; 9.º Ricardo Patrese, Itália 10 e Eddie Cheever, EUA 10; 11.º Hector Rebaque, México 8 e Elio de Angelis, Itália 8; 13.º Didier Pironi, França 7; 14.º Nigel Mansell, Grã-Bretanha 5; 15.º Marc Surer, Suíça 4; 16.º Mário Andretti, EUA 3; 17.º Patrick Tambay, França, 1; Andrea de Cesá-

ris, Itália 1 e Slim Borgudd, Suécia 1.

Motociclismo: Mundial ferve

O alemão federal Anton Mang conquistou o título mundial de motociclismo em 250 c.c. ao vencer em Anderstorp (Suécia) o seu oitavo «Grande Prémio» da temporada. Mang (31 anos), que já garantira a conquista do título de 350 c.c., conduziu a sua «Kawasaki» verde ao 1.º lugar da corrida sueca, cortando a meta com 14 segundos de avanço sobre o suíço Roland Frymond (Morbidelli). Quando falta disputar apenas uma corrida, Mang comanda o campeonato mundial com 145 pontos, seguido do francês Jean-Francois Balde, 3.º classificado em Anderstorp (com 93).

O espanhol Ricardo Tormo venceu a última prova do campeonato mundial de motociclismo, categoria de 125 centímetros cúbicos. O seu compatriota Angel Nieto, que não participou na prova, já tinha assegurado o título mundial há duas semanas.

Resultados da prova: 1. Ricardo Tormo, Espanha, «Sanvereno», 47.19.21 minutos; 2. Guy Bertin, França, «Sanvereno», 47.45.94; 3. Ivan Palazzese, Venezuela, «MBA», 47.51.31; 4. Pier Paolo Bianchi, Itália, «MBA», 48.15.17; 5. Sérgio Reggiani, Itália, «Minarelli», 48.48.37.

Classificação Final: 1. Angel Nieto, Espanha «Minarelli», 140 pontos; 2. Reggiani, 95; 3. Bianchi, 84; 4. Hans Muller, Suíça, «MBA», 58; 5. Jacques Boller, França, «Motobecanê», 55.

Só no tempo da balisa às costas!

Nova Zelândia, 13-Ilhas Fiji, 0

A Nova Zelândia estabeleceu um recorde na história do mundial de futebol ao derrotar (em Auckland) as Ilhas Fiji, por 13-0, qualificando-se para a fase final da zona asiática. O anterior máximo pertencia à República Federal da Alemanha, que venceu o Chipe por 12-0, em 1969.

A Nova Zelândia, cujos golos foram apontados por Steve Sumner (6), Grant Turner (2), Brian Turner (2), Steve Woddin, Duncan Cole e Keith McKay, comanda o grupo com 14 pontos em oito jogos e já não pode ser ultrapassada.

A Nova Zelândia ficou apurada para disputar um torneio com a República Popular da China, o Kuwait e a Arábia Saudita para decidir os dois países da zona Ásia-Oceânia que estarão representados na fase final do Mundial-82, em Espanha.

Mundial

Para o mundial: Peru, 2- Colômbia, 0

Boca campeão argentino

O Boca Juniors conquistou o título argentino de futebol ao empatar a um gol com o Racing na última jornada do campeonato. Cerca de 60 mil pessoas festejaram no «Estádio La Bombonera» o 16.º título do Boca, a equipa da

jovem vedeta do futebol argentino. Diego Maradona, o autor do gol perante o Racing, na transformação de uma grande penalidade

O Racing empatou a dois minutos do final (por Roldan), e poderia ter estragado a festa dos adeptos do Boca: em caso de vitória dos visitantes, o título seria conquistado pelo Ferrocaril Oeste, que bateu o Platense por 3-0 na jornada derradeira.

Por outro lado, milhares de adeptos do São Lorenzo de Almagro retiraram-se do seu estádio com grande frustração após a derrota por 1-0, frente aos Argentinos Juniores, que significou a descida à 2.ª divisão, pela primeira vez desde o começo do futebol profissional no país, em 1931. O São Lorenzo, sete vezes campeão da Argentina, é um dos clubes mais populares do país, mas debate-se com grave crise, desde 1974, ano em que foi campeão pela última vez.

Campeonato da RFA

Resultados dos jogos da 2.ª jornada do campeonato alemão federal de futebol: Borussia Dortmund - Eintracht Frankfurt 0-2; Bayer Leverskusen - VFL Bochum 0-3; Eintracht Braunschweig - MSV Duisburg

1-1; Fortuna Dusseldorf - Borussia Moenchengladbach 0-2; Kaiserslautern - SV Hamburgo, 1-1; Karlsruher SC - VfB Stuttgart 0-2; SV Darmstadt 98 - Bayern de Munique 1-2; Nuremberg - FC Colônia 1-3 e Werder Bremen - Arminia Bielefeld 1-0.

Classificação: 1.ºs Bayern de Munique, Bochum, Estugarda, Werder Bremen e Colônia, 4 pontos; 6.ºs Hamburgo e Eintracht de Frankfurt, 3; 8.ºs Borussia Moenchengladbach, Kaiserslautern e Eintracht Braunschweig, 2; 11.ºs Duisburgo, Darmstadt, Arminia Bielefeld e Karlsruhe, 1; 15.ºs Fortuna de Dusseldorf, Borussia de Dortmund Nuremberga e Bayer Leverkusen, 0.

Campeonato holandês

Resultados da 1.ª jornada do campeonato holandês de futebol da 1.ª divisão: FC Utrecht-Go Ahead Eagles Deventer, 2-0; Roda JC Kerkrade-PSV (Eindhoven), 2-3; AZ67 Alkmaar-Nac Breda, 4-0; FC Haarlem-Sparta (Roterdão), 0-0; Nec Nijmegen-FC Groningen, 2-2; Feyenoord (Roterdão)-FC Den Haag, 2-1; Willem II (Tilburgo)-Ajax (Amesterdão), 1-7; Pec Zwolle-De Graafschap

(Doetinchem), 3-1 e; MVV Maastricht-FC Twente (Enschede), 3-1.

Milhões na dança

O guarda-redes da selecção inglesa de futebol Ray Clemence transferiu-se do Liverpool para o Tottenham Hotspur por 300 mil libras (cerca de 36 milhões de escudos). Clemence estreia-se no próximo sábado em Wembley, quando a sua equipa defrontar o campeão da liga (Aston Villa) no tradicional encontro de beneficência que assinala o início da época inglesa de futebol.

Clemence (33 anos) tem 56 internacionalizações e ajudou o Liverpool a conquistar 15 troféus nos 14 anos que se manteve no clube. A única taça que não ganhou ainda foi a dos «Vencedores das Taças», mas esta temporada tem hipóteses de conquistá-la, pois o Tottenham é uma das equipas participantes.

O Liverpool, entretanto, contratou o defesa central «internacional» irlandês do Brighton, o jovem Mark Lawrenson, por 900 mil libras (cerca de 108 milhões de escudos), o mais alto preço pago desde sempre pelo antigo clube de Clemence.

MICROSEPIO

Pedaland

Enquanto o lousanense Francisco Miranda vence as «Doze Voltas à Gafa» (triunfo global também da sua equipa), o portista Marco Chagas e a turma das Antas eram os melhores no «Prémio Sical».

Danilo Cabral (Águias do Atlântico, Madeira), venceu a 5.ª edição da «Volta à Ilha de S. Miguel». Nos três primeiros lugares da geral individual classificaram-se: 1.º Danilo Cabral (Águias do Atlântico), 9.19.40 horas; 2.º Carlos Nunes (Dimope), 9.22.31; 3.º Luis Cruz (Águias da Madeira), 9.25.19. Águias do Atlântico (Madeira), foi a primeira da classificação por equipas, seguida da Dimope.

Luto artista

O associado n.º 1 do Futebol Clube do Porto: chamava-se José Alfredo Lima Lobo e foi ontem a enterrar. Paz à sua alma.

Bem cavalgar

Norberto Ell, montando «Scotly», conquistou (em Cascais), o título de campeão nacional de juniores.

Remar, remar

Naval Infante D. Henrique venceu uma regata internacional, em Vigo.

Volei verde-branco

O Sporting vai regressar ao volei feminino. Na base da secção estará o técnico Mário Moniz Pereira.

Título escaquístico

António Ferreira venceu o torneio aberto de xadrez, disputado na Guarda.

Máximo na piscina

A americana Mary T. Meacher bateu o recorde do Mundo dos 100 metros mariposa em 57.93. O antigo recorde já lhe pertencia.

Caso famoso

A nadadora Tracy Caulkins obteve o 34.º triunfo da sua carreira ao vencer a prova dos 200 metros estilos nos campeonatos dos Estados Unidos (em Bron Deer, arredores de Milwaukee). Caulkins encontra-se à beira de bater o recorde de outro norte-americano, Johnny Weissmuller, que totalizou 36 vitórias no período compreendido entre 1921 e 1928.

ler, que totalizou 36 vitórias no período compreendido entre 1921 e 1928.

A jovem nadadora (de 18 anos) obteve o seu 3.º triunfo no 3.º dia dos campeonatos, com 2.14.18 minutos, à frente de Cynthia Woodhead (com 2.18.16). Mais tarde, Woodhead ajudou a sua equipa do Mission Viejo a triunfar na estafeta de 4X100 livres. A equipa masculina de Mission Viejo venceu igualmente a estafeta de 4X100 livres.

Ténis de 1.º

O argentino José Luis Clerc venceu, o torneio quadrangular de ténis de Santiago, ao derrotar na final o chileno Hans Gildemeister 6-2, 6-4. Para o 3.º lugar, o paraguaio Victor Pecci, defrontou o argentino Guillermo Vilas 6-4, 7-5.

Tiro: mundial para a URSS

A União Soviética dominou ossegundo campeonato mundial de tiro com arma pneumática, desenrolado na capital dominicana, com a participação de 30 nações. Os soviéticos conquistaram 14 triunfos individuais e colectivos e os Estados Unidos ficaram em 2.º lugar com oito vitórias. A Coreia do Sul alcançou a 3.ª posição com seis primeiros lugares, seguida da Suíça e da Bulgária. Outros participantes que ganharam medalhas foram a República Dominicana, França, Itália, Holanda, Antilhas, Noruega, Porto Rico e Venezuela.

A competição ficou assinalada pelo incidente ocorrido com a Formosa, impedida de competir por tentar utilizar a bandeira chinesa na cerimónia inaugural.

Halterofilia: recorde

O chinês Wu Shude estabeleceu novo recorde mundial do arranço na categoria de 56 quilos, com 126.5kg, durante os campeonatos asiáticos de halterofilia, em Nagoya. Wu melhorou em um quilo e meio o anterior recorde, fixado pelo cubano Daniel Nunez nos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980

Você que pensa mobilar a sua casa e quer escolher com os melhores preços VAI MOBILAR DARTY-CONFIANÇA

Visite os salões de exposição das nossas fábricas



ALVERCA - R Proj a Cap. Meleças Lote 1 (junto as escolas)



LISBOA - Est de Benfica, 174 (a 500 m de Sete Rios)



ALMADA - Av 25 de Abril, 45 Telef 2769001



BAIXA DA BANHEIRA - R Ville Plais 23 B (Antiga R 5)



Org. A. S. NUNES

DESPORTO

Taça da Europa em atletismo

RDA esmaga toda a concorrência!

A RDA (depois de 1975, 1977 e 1979), realizou a sua 4.ª «dupla» consecutiva na «Taça da Europa de Atletismo». Tendo conquistado «avanço» durante a 1.ª e triunfal jornada (sábado), a Alemanha Democrática impôs-se nas duas classificações (ontem) em Zagreb (Jugoslávia), batendo sucessivamente o recorde de pontos marcados durante a prova.

A URSS, embora passando por uma baixa de forma desde os Jogos de Moscovo, não ficou muito longe: somente a 3.5 pontos e, tal como a RDA, qualificou-se igualmente para a «Taça do Mundo», que irá ter lugar em Setembro, em Roma.

Quanto às alemãs democráticas, continuaram a dominar a competição: cinco vitórias no sábado, cinco outras no domingo (comprimento, 200 metros, 3000 metros, peso e, sobretudo a estafeta dos 4x400 metros onde Ruetsam, Steuk, Woekel e Koch, com os 3.19.83 se aproximaram de 60/100 do seu segundo recorde mundial, velho de há cinco anos). Jamais as atletas leste-alemãs conquistaram tanto destaque na competição.

Um pouco morna, sem grande paixão, esta 8.ª final da «Taça da Europa» registou poucos grandes resultados. A 2.ª jornada, (ontem) em que se assistiu à derrocada dum decepcionante equipa oeste-alemã, valeu, nomeadamente, pela confirmação do talento de Frank Emmelmann, vencedor dos 200 metros ao ultrapassar o britânico Alan Wells sobre a linha de chegada. Com 20 anos, Emmelmann (creditado de 20.33: o melhor tempo europeu do ano contra os 20.35 do escocês) confirmou assim os seus cronómetros do princípio de época. A RDA possui nele um jovem «sprinter» de grande futuro.

Se os 200 metros tiveram as suas promessas, em contrapartida, os 800 metros, onde se aguardava o trabalho de Sebastian Coe, recordista mundial contentou-se com uma aceleração à saída da curva para triunfar, sem qualquer oposição, com um tempo médio de 1.47.03 e levar na sua bagagem, para Inglaterra, uma das três vitórias britânicas da jornada.

Decepção também no salto à vara, contrariado por um vento forte que soprava lateralmente e onde as escolas francesa e soviética, directamente postas frente a frente pela segunda vez na temporada, acabaram fazendo um «match nulo». Constantin Volkov e Jean-Michel Bellot detiveram-se ambos nos 5.40 metros, bastante longe do recorde mundial (5.84 m) do soviético.

No final de contas, foram sobretudo os italianos que deram um pouco de paixão a esta 2.ª jornada, vindo a conseguir um 5.º lugar depois dos quatro «grandes» (RDA, URSS, Inglaterra e RFA). Duas vitórias, as de Mariano Scartezzini (8.13.32, a melhor marca mundial da época) que reeditou o seu triunfo de Turim, há dois anos, nos 3000 metros obstáculos, e o triunfo nos 4x400 metros, que elevou o recorde nacional italiano para 3.01.42, e evidenciou um estonteante Mauro Zuliani (44.72 no último troço da estafeta), concretizaram os progressos do atletismo transalpino após uma decepcionante 1.ª jornada. A Itália, pela 1.ª vez na «Taça da Europa», conseguiu ultrapassar a Polónia antes de acolher dentro de duas semanas, em Roma, a «Taça do Mundo».

Resultados das provas masculinas:

● 110 barreiras: 1.º Mark Hol-

tong (G. Bretanha), 13.79s; 2.º Andreas Schilliske (RDA), 13.85; 3.º Romuald Giegeli (Polónia), 13.88; 4.º Daniele Fontecchio (Itália), 13.96; 5.º Georgy Shabanov (URSS), 14.02; 6.º Borsialav Pistic (Jugoslávia), 14.15; 7.º Karl-Werner Doenges (RFA), 14.28; 8.º Philippe Hall (França), 14.35.

● 400 metros barreiras: 1.º Volker Beck, RDA, 48.94 segundos; 2.º Harald Schmid, RFA, 49.12; 3.º Dmitry Shkarupin, URSS, 49.71; 4.º Ryskard Szaparak, Polónia, 50.12; 5.º Gary Oakes, Inglaterra, 50.81; 6.º Serge Guillen, França, 51.16; 7.º Saverio Gellini, Itália, 52.20 e 8.º Suad Kestenovic, Jugoslávia, 55.65.

● 100 Metros: 1.º Allan Wells, Inglaterra, 10.17 segundos; 2.º Frank Emmelmann, RDA, 10.21; 3.º Herman Panzo, França, 10.29; 4.º Marian Woronin, Polónia, 10.31; 5.º Vladimir Muravyev, URSS, 10.50; 6.º Christian Haas, RFA, 10.51; 7.º Francesco Pavoni, Itália, 10.67 e 8.º Aleksandar Popovic, Jugoslávia, 10.81.

● 200 metros: 1.º Frank Emmelmann, RDA, 20.33 s; 2.º Allan Wells, Inglaterra, 20.35; 3.º Patrick Barre, França, 20.60; 4.º Erwin Skamrahl, RFA, 20.61; 5.º Yuri Naumenko, URSS, 20.69; 6.º Giovanni Grazioli, Itália, 20.87; 7.º Leszek Duneck, Polónia, 20.91; 8.º Dragan Zaric, Jugoslávia, 21.13.

● 400 metros: 1.º Frank Emmelmann, RDA, 45.32; 2.º Mauro Zuliani, Itália, 45.35; 3.º Andreas Knebel, RDA, 45.76; 4.º David Jenkins, Inglaterra, 45.86; 5.º Pavel Rostchin, URSS, 46.03; 6.º Jozo Alepic, Jugoslávia, 46.20; 7.º Paul Bourdin, França, 46.34 e 8.º Andrzej Stepień, Polónia, 46.38.

● 800m: 1.º Sebastian Coe (G. Bretanha), 1.47.03; 2.º Willi Wuelbeck (RFA), 1.47.72; 3.º Udo Beyer (RDA), 1.47.73; 4.º Nikolai Kirov (URSS), 1.48.12; 5.º Philippe Dupont (França), 1.48.92; 6.º Dragan Zilovic (Jugoslávia), 1.49.10; 7.º Stanislaw Rzezniczak (Polónia), 1.49.35; 8.º Carlo Grippio (Itália), 1.50.83.

● 1500 metros: 1.º Olaf Beyer (RDA), 3.43.52; 2.º Nikolai Korov (URSS), 3.43.68; 3.º Steve Cram (G. Bretanha), 3.43.72; 4.º Alex González (França), 3.44.46; 5.º Vittorio Fontanella (Itália), 3.44.75; 6.º Miroslav Zerkowski (Polónia), 3.45.47; 7.º Dragan Zdravkovic (Jugoslávia), 3.45.84 e 8.º Harald Hudak (RFA), 3.45.90.

● 5.000 M: 1.º David Moorcroft, G. Bretanha, 13.43.18; 2.º Valzry Abramov, URSS, 13.43.69; 3.º Hans-Joerg Hunze, RDA, 13.43.78; 4.º Francis Gonzalez, França, 13.44.11; 5.º Thomas Wessinghage, RFA, 13.44.56; 6.º Alberto Cova, Itália, 13.45.48; 7.º Daniel Janczuk, Polónia, 14.02.78 e 8.º Dragan Zdravkovic, Jugoslávia, 14.27.67.

● 10.000 metros: 1.º Werner Schildhauer (RDA), 28.45.89; 2.º Julian Goater (G. Bretanha), 28.55.04; 3.º Karl Freschen (RFA), 28.57.74; 4.º Enn Sellil (URSS), 29.17.65; 5.º Philippe Legrand (França), 29.18.30; 6.º Bogumil Kus (Polónia), 29.41.40; 7.º Giuseppe Gerbi (Itália), 30.21.53 e 8.º Sava Alempic (Jugoslávia), 31.11.91.

● Dardo: 1.º Dettlef Michel, RDA, 90.68 M (recorde da «Taça»); 2.º Dainis Kula, URSS, 88.40; 3.º Michael Waclawick, Polónia, 86.26; 4.º Klaus Tafelmeier, RFA, 84.58; 5.º David Ottley, G. Bretanha, 84.30; 6.º Darko Cujnik, Jugoslávia, 83.56 (recorde nacional); 7.º Agostino Ghesini, Itália, 80.00 e 8.º Penilio Lutil, França, 79.30.

● Disco: 1.º Armin Lemme, RDA, 64.06 m; 2.º Dmitry Kovsun, URSS, 59.60; 3.º Alwin Wagner, RFA, 59.16; 4.º Stanislaw Wo-

lodko, Polónia, 58.94; 5.º Robert Weir, G. Bretanha, 56.36; 6.º Armando de Vicentis, Itália, 55.80; 7.º Frederic Piette, França, 54.56 e 8.º Zeljko Taravacic, Jugoslávia, 53.58.

● Lançamento do martelo: 1.º Yuri Sedykh, URSS, 77.68 m; 2.º Karl-Hans Riehm, RFA, 77.34; 3.º Roland Steuk, RDA, 75.86; 4.º Paolo Orlando, Itália, 72.88; 5.º Marjusz Tomaszewski, Polónia, 70.70; 6.º Martin Girvan, Inglaterra, 69.52; 7.º Srecko Stiglic, Jugoslávia, 68.22; 8.º Jacques Accambray, França, 64.38.

● Peso: 1.º Udo Beyer, RDA, 21.41 m; 2.º Evgeny Mironov, URSS, 20.33; 3.º Ralf Reichenbach, RFA, 19.70; 4.º Luc Viudes, França, 19.50; 5.º Zlatan Saracevic, Jugoslávia, 19.38; 6.º Janusz Gassovski, Polónia, 19.01; 7.º Luigi de Santis, Itália, 18.27; 8.º Simon Rodhouse, G. Bretanha, 17.90.

● Triplo salto: 1.º Jaak Uudmae, URSS, 16.97 m; 2.º Aston Moore, G. Bretanha, 16.86; 3.º Milos Srejiovic, Jugoslávia, 16.54; 4.º Paolo Piapan, Itália, 16.37; 5.º Lutz Domrowski, RDA, 16.20; 6.º Peter Bouschen, RFA, 16.11; 7.º Zazislaw Hoffman, Polónia, 15.99 e 8.º Henrichdorina, França, 15.95.

● Altura: 1.º Valery Sereda, URSS, 2.30 m; 2.º Gerd Nagel, RFA, 2.28; 3.º Massimo Di Giorgio, Itália, 2.26; 4.º Joerg Freimuth, RDA, 2.24; 5.º Janusz Trzepizur, Polónia, 2.21; 6.º Franck Bonnet, França, 2.18; 7.º Mark Naylor, G. Bretanha, 2.18; 8.º Daniel Temim, Jugoslávia, 2.15.

● Salto com vara: 1.º Jean-Michel Bellot, França, 5.40 m; 2.º Konstantin Volkov, URSS, 5.40; 3.º Keith Stock, Inglaterra, 5.30; 4.º Axel Weber, RDA, 5.20; 5.º Mauro Barrella, Itália, 5.20; 6.º Miran Bizjak, Jugoslávia, 4.40. O campeão olímpico Wladislaw Kozakiewicz (Polónia) e Guenther Lohre (RFA) não se qualificaram.

● Comprimento: 1.º Uwe Lange, RDA, 7.98 m; 2.º Shamil Abbyasov, URSS, 7.93; 3.º Joachim Busse, RFA, 7.82; 4.º Roy Mitchell, G. Bretanha, 7.79; 5.º Stanislaw Jaskulka, Polónia, 7.78; 6.º Denis Pinabel, França, 7.55; 7.º Nenad Stekic, Jugoslávia, 7.49; 8.º Giovanni Evangelisti, Itália, 7.39.

● 4 X 100: 1.º Polónia 38.66; 2.º URSS, 38.80; 3.º França, 38.83; 4.º G. Bretanha, 39.04; 5.º RFA, 39.05; 6.º RDA, 39.27; 7.º Itália, 39.75; 8.º Jugoslávia, 40.04.

● 4x400 M: 1.º Itália, 3.01.42; 2.º URSS, 3.01.69; 3.º G. Bretanha, 3.02.93; 4.º RDA, 3.03.90; 5.º RFA, 3.03.92; 6.º França, 3.04.61; 7.º Holanda, 3.04.71; 8.º Jugoslávia, 3.05.69.

● Classificação final em homens: 1.º RDA, 129 pontos; 2.º URSS, 124.5; 3.º G. Bretanha, 106.5; 4.º RFA, 97; 5.º Itália, 75; 6.º Polónia, 74; 7.º França, 71 e 8.º Jugoslávia, 41.

Competições femininas

● 100 m barreiras: 1.ª Tatiana Anisimova, URSS 12.91 s; 2.ª Kerstin Knabe, RDA, 13.08; 3.ª Lucyna Langer, Polónia, 13.20; 4.ª Shirley Strong, Inglaterra, 13.21; 5.ª Jordana Donkova, Bulgária, 13.69; 6.ª Silvia Kempin, RFA, 13.72; 7.ª Xenia Siska, Hungria, 14.08; 8.ª Margita Papic, Jugoslávia, 14.17.

● 400 metros barreiras: 1.ª Ellen Neumann, RDA, 54.90 segundos; 2.ª Anna Kostetskayam, URSS, 56.34; 3.ª Genowfa Blaszk, Polónia, 57.21; 4.ª Yvette Wray, Inglaterra, 57.62; 5.ª Nazdezhda Assenova, Bulgária, 58.02; 6.ª Silvia Hollmann, RFA, 58.13; 7.ª Mojca Sile, Jugoslávia, 59.72 e 8.ª Eva Mohacsi, Hungria, 59.99.

● 100 Metros. 1.º Marlies Goehr, RDA 11.17 segundos; 2.º Kathy

Smallwood, Inglaterra, 11.27; 3.º Olga Zolotareva, URSS, 11.36; 4.º Sofka Popova, Bulgária, 11.43; 5.º Monika Hirsch, RFA, 11.48; 6.º Iren Orosz, Hungria, 11.61; 7.º Diana Istvanovic, Jugoslávia, 11.66 e 8.º Barbara Ciesluk, Polónia, 11.83.

● 200 metros: 1.ª Baerbel Woekel, RDA, 22.19 s; 2.ª Kathy Smallwood, Inglaterra, 22.65; 3.ª Natalia Bochina, URSS, 23.08; 4.ª Claudia Steger, RFA, 23.09; 5.ª Iren Orosz, Hungria, 23.15; 6.ª Galina Encheva, Bulgária, 23.18; 7.ª Dijana Istvanovic, Jugoslávia, 23.81; 8.ª Iwona Pakuly, Polónia, 23.84.

● 400 metros: 1.ª Marita Koch, RDA, 49.43 segundos; 2.ª Gaby Bussmann, RFA, 50.83; 3.ª Irina Nazarova, URSS, 51.31; 4.ª Joslyn Hoyte-Smith, Inglaterra, 51.47; 5.ª Grazyna Oliszewska, Polónia, 53.02; 6.ª Ivanla Venkova, Bulgária, 53.11; 7.ª Ibolja Petrika-Kiss, Hungria, 53.52 e 8.ª Natasa Seliksar, Jugoslávia, 54.90.

● 800 metros: 1.ª Martina Steuk, RDA, 1.57.16 minutos; 2.ª Ludmila Veselkova, URSS, 1.57.25; 3.ª Jolanta Januchta, Polónia, 1.58.50; 4.ª Margit Klinger, RFA, 1.59.54; 5.ª Christina Boxer, Inglaterra, 2.00.03; 6.ª Hsvelta Zlateva, Bulgária, 2.02.62; 7.ª Katalin Veninger, Hungria, 2.07.16; 8.ª Zora Tomecic, Jugoslávia, 2.11.40.

● 1500 metros: 1.ª Tamara Sorokina, URSS, 4.01.37 m; 2.ª Ulrike Bruns, RDA, 4.02.21; 3.ª Ana Bukis, Polónia, 4.04.38; 4.ª

Brigite Kraus, RFA, 4.05.47; 5.ª Vanya Gospodinova, Bulgária, 4.07.09; 6.ª Katalin Weninger, Hungria, 4.08.69; 7.ª Gillian Dainty, Inglaterra, 4.12.86; 8.ª Zdavka Risticovic, Jugoslávia, 4.28.06.

● 3.000 M: 1.ª Angelina Zauber, RDA, 8.49.61; 2.ª Elena Sipatova, URSS, 8.49.99; 3.ª Paula Fudge, G. Bretanha, 8.54.59; 4.ª Nikolina Shterova, Bulgária, 9.11.84; 5.ª Vera Steiert, RFA, 9.14.29; 6.ª Eryzabet Jakab, Hungria, 9.15.03; 7.ª Breda Pergar, Jugoslávia, 9.26.32 e 8.ª Celina Sokolowska, Polónia, 9.28.30.

● Dardo: 1.ª Antoaneta Rotondova, Bulgária, 71.88 m (recorde mundial); 2.ª Tessa Sanderson, G. Bretanha, 65.94; 3.ª Ingrid Thyssen, RFA, 63.88; 4.ª Ute Hommla, RDA, 62.82; 5.ª Leolita Blodnietse, URSS, 60.24; 6.ª Maria Janak, Hungria, 56.98; 7.ª Maria Jablonska, Polónia, 54.36; 8.ª Borbala Menjhart, Jugoslávia, 52.54.

Disco: 1.ª Maria Wergowa-Petkova, Bulgária, 69.08 metros; 2.ª Galina Savinkova, URSS, 68.46; 3.ª Evelyn Jahl, RDA, 67.32; 4.ª Ingra Manecke, RFA, 60.12; 5.ª Agnes Herczeg, Hungria, 58.08; 6.ª Danuta Majewska, Polónia, 56.38; 7.ª Meg Ritchie, Inglaterra, 53.66 e 8.ª Snezana Glubic, Jugoslávia, 42.18.

● Lançamento do peso: 1.ª Ilona Slupianek, RDA 21.12 m; 2.ª Verginia Veselinovan, Bulgária, 20.77; 3.ª Nina Isaeva, URSS, 18.15; 4.ª Viktoria Horvath, Hungria, 17.11; 5.ª Eva Wilms, RFA, 16.85; 6.ª Verissa

Head, Inglaterra, 16.73; 7.ª Ludwika Chewinska, Polónia, 16.69; 8.ª Mirjana Tufegdzic, Jugoslávia, 15.66.

● Altura: 1.ª Ulrike Meyfarth, RFA, 1.94 m; 2.ª Lyudmila Zhecheva, Bulgária, 1.92; 3.ª Elena Popkova, URSS, 1.86; 4.ª Ann Corring, G. Bretanha, 1.86; 5.ª Andrea Reichstein, RDA, 1.84; 6.ª Elizabeth Kravczuk, Polónia, 1.84; 7.ª Emese Bela, Hungria, 1.84 e 8.ª Stanka Prezeli, Jugoslávia, 1.81.

● Comprimento: 1.ª Sigrid Ulbricht (RDA), 6.86m; 2.ª Ana Wlodarczyk (Polónia), 6.66; 3.ª Tatyana Kolpakova (URSS), 6.59; 4.ª Christina Susseiek (RFA), 6.54; 5.ª Ivanka Venkova (Bulgária), 6.39; 6.ª Susan Hearnshaw (G. Bretanha), 6.31; 7.ª Zsuzsanna Vanyek (Hungria), 6.20; 8.ª Snezana Dancetovic (Jugoslávia), 6.06.

● 4 X 100: 1.º RDA, 42.53; 2.º G. Bretanha, 43.03; 3.º URSS, 43.26; 4.º RFA, 43.74; 5.º Bulgária, 44.24; 6.º Hungria, 45.75; 7.º Jugoslávia, 45.97 e 8.º Polónia, 46.03.

● 4x 400 M: 1.º RDA, 3.19.83; 2.º URSS, 3.24.85; 3.º G. Bretanha, 3.27.27; 4.º RFA, 3.29.50; 5.º Polónia, 3.30.60; 6.º Bulgária, 3.30.90; 7.º Hungria, 3.31.25 e 8.º Jugoslávia, 3.42.48.

Final de senhoras: 1.º RDA, 108.5; 2.º URSS, 97; 3.º G. Bretanha e RFA, 74; 5.º Bulgária, 72; 6.º Polónia, 53.5; 7.º Hungria, 41 e 8.º Jugoslávia, 20.

MARQUE O GOLO DA SUA VIDA!

TOTOBOLA

21.ª ÉPOCA

Publicidade

Karl Boehm: um grande servidor da música

A notoriedade internacional chegou tardiamente para o maestro austríaco Karl Boehm que morreu na sexta-feira em Salzburgo, em vésperas do seu 87.º aniversário.

A sua vida foi posta ao serviço da música germânica, das óperas dos séculos XVIII e XIX, mas também ao da obra dos criadores do século XX Alban Berg e Richard Strauss.

Boehm cresceu acompanhado por maestros de fama, o seu mestre Bruno Walter, Arturo Toscanini, Wilhelm Furtwängler, Otto Klemperer, desapareceram após a Segunda Guerra Mundial. Veio depois o seu compatriota Herbert Von Karajan, embora 14 anos mais novo. Em Viena e Salzburgo, nos anos 1960-1970, as preferências repartiam-se entre um e outro. Com efeito, eles pertenciam a dois mundos, duas épocas diferentes. Karajan é o maestro-tipo da segunda metade do século XX. Boehm era ainda o exemplo, em vias de desaparecimento do «general musikdirektor» que fez a solidez das tradições musicais além Reno.

Toda a sua vida conservou, de resto, a fisionomia taciturna de «herr professor», embora como que adoçada por um sonho vienense.

Nascido em Graz (Áustria) a 28 de Agosto de 1894, de uma família burguesa, Boehm estudou direito antes de frequentar os conservatórios da sua cidade natal e de Viena. Foi em Graz, em 1917, que debutou como regente e em 1921 foi introduzido



em Munique por Bruno Walter. A sua carreira como maestro de ópera começou então — Darmstadt, Hamburgo, Dresde,

Em 1938, rege pela primeira vez no Festival de Salzburgo («D. João» de Mozart e «O Cavaleiro da Rosa» de Strauss, que se manterá permanentemente no cartaz até 1981). Em 1978, festejou os seus 50 anos colaborando com essa prestigiosa manifestação musical que marcou

pela representação de 270 óperas, 168 delas de Mozart, e 52 concertos.

O renome internacional de Boehm só começou verdadeiramente após a Segunda Guerra Mundial. Em 1954 retomou as suas funções de regente em Viena na reabertura da ópera reconstituída, mas, muito crítico para com as suas próprias ausências, abandonou no ano seguinte.

A sombra dos grandes chefes de orquestra planava ainda na Europa musical, mas Boehm evidenciou desde logo a sua personalidade de maestro de eleição. Os instrumentalistas que dirigia em Viena, Munique ou Londres reconheceram rapidamente atrás das suas marcações meticulosas uma autoridade e uma chama excepcionais. O público respeitou nele o continuador de uma tradição que exclui o sentimentalismo e deixa que as notas deixadas pelo compositor na partitura falem por si mas com o máximo de intensidade.

A Ópera de Paris só acolheu em 1972 para relevar à França «A Mulher Sem Sombra» de Richard Strauss. Wieland Wagner associou-o ao Festival de Bayreuth a partir de 1961 pois apreciava a sua concepção da música wagneriana. «mais mediterrânica que germânica», dizia, Karl Boehm deixa aliás da sua passagem pela colina de Bayreuth notáveis gravações, designadamente da «Tetralogia» e de «Tristão e Isolda».

O disco contribuiu bastante para divulgar o seu estilo de direcção que nega ao chefe de orquestra qualquer veleidade de apropriação da obra interpretada. Gravou assim a série integral das sete principais óperas de Mozart e das sinfonias do mestre de Salzburgo, para além das obras do seu estimado Strauss, as quais constituem um marco de referência pela sua proibidade.

Yves Bourgade (AFP)

“O Homem de Ferro” de Wajda visto pelo órgão do POUP

Se a realidade dos anos 1970-80 na Polónia era tal como a descreve Andrzej Wajda no «Homem de Ferro», nunca este cineasta brilhante, menino querido do regime e coleccionador de recompensas oficiais, teria podido fazer a carreira que fez no seu país.

Isto é, pelo menos, o que afirmava na quinta-feira «Tribuna Ludu», órgão do Partido Operário Unificado Polaco (POUP), num longo artigo bastante crítico ao novo filme de Wajda que se projecta presentemente nas salas de cinema de Varsóvia.

Em apoio às suas afirmações, o jornal apresenta uma lista dos numerosos prémios recebidos por Andrzej Wajda como provas de reconhecimento oficial do regime que ele agora pretendia fazer crer, acrescenta o jornal que fazia reinar o terror policial. Para o futuro biógrafo de Wajda, nota o comentarista do «Tribuna Ludu», a tarefa será difícil.

Embora reconhecendo no filme «o papel essencial de revelador dos humores e das emoções que prevaleciam numa época de mudança histórica».

«Tribuna Ludu» censura Wajda por ter feito uma obra «moralista», no pior sentido burguês, desprovida de quaisquer preocupações de compreensão da realidade histórica que se propõe pintar, sem tonalidades nem contradições, feita por medida para agradar ao Ocidente.

«A década passada foi uma época de terror policial?», interroga o jornal que logo responde: «Evidentemente que não, se bem que muitas coisas aconteceram, cujas consequências são hoje visíveis a olho nu».

«Se os operários dos estaleiros navais vissem como sugere o filme, num estado onde só se aplicasse o chicote e o garrote (...) de onde veio a opção geral pelo socialismo? Um socialismo, bem entendido, desembaraçado dos seus usurpadores e dos gatuños corruptos».

Em conclusão, embora ache que Wajda é um grande artista e adiante que «a obra de arte não tem de ser necessariamente justa» o órgão do Partido estima que «O Homem de Ferro é um filme injusto».

Novo programa da RTP sobre ficção científica

Tês programas realizados por Górgio Jorge e produzidos por Leonel Brito para a RTP, vão reflectir sobre o aparecimento e evolução da literatura de ficção.

«Memórias do Futuro» é o título genérico do programa, desdobrado numa primeira parte de

introdução e história da ficção científica, com referências aos autores portugueses do género, num segundo momento de introdução aos temas de ficção e, finalmente, uma terceira parte onde se procede à articulação do género com o Fantástico, Ovnis e Ciência.

BARREIRO
Av. Alfredo da Silva, 55
Telef. 207 7973

CRUZ DE PAU
Rua 25 de Abril, 72
Telef. 2216 716

BAIXA DA BANHEIRA
Estrada Nacional 11, 146-A
Telef. 204 3241

COVA DA PIEDADE
Rua da Liberdade, 73 C
Telef. 276 8314

BENFICA
Estrada de Benfca, 668
Telef. 70 04 44

Christine
Pronto a vestir homem e senhora

Crescemos a pensar em Si.
Somos uma organização nova, com uma concepção nova no Pronto a Vestir.
Temos um ano de existência, não fazemos SALDOS, não temos monos, não queremos monos.
No final de cada estação, apresentamos aos estimados clientes, a preços de ocasião, os restos das nossas colecções.
Se compramos Qualidade e beleza, vendemos Qualidade e MODA. Por isso, Vendemos as melhores Modas.
Venha até nós e aproveite enquanto houver.

18-A

Móveis e Decoracões Lda

R. Luciano Cordeiro, 18-A LISBOA — TEL. 41384

**POR ALTERAÇÃO
DE MODELOS
SALDAMOS
COM GRANDES DESCONTOS
NÃO COMPRE
SEM NOS VISITAR**

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Jô Soares "ainda" fala por nós...

É bom passar a tarde a ver atletismo e a pensar em coisas boas. Pensar, por exemplo, que as pessoas lutam, não em campos de batalha, mas em campos desportivos. Pensar nos sorrisos e gestos de felicidade que rematam cada competição e não nas palavras e gestos de ódio que acompanham cada batalha. Pensar que o desportista, que fabrica um bom resultado, é o homem do futuro e que o Reagan, que fabrica a bomba de neutrões, é um homem do inferno.

Pensar também que o desporto igualmente dá razão à razão histórica. Uma nação pequena, pouco maior que Portugal e com apenas 17 milhões de habitantes segue à frente no atletismo, fonte de todo o desporto. Tem razão Júlio Fernandes quando diz que a vitória da RDA assenta «num sério e profundo trabalho de base». Falta só dizer em que se baseia esse «sério e profundo» trabalho: baseia-se no regime social da RDA.

Ninguém pensará que um país como Portugal com seu imenso atraso cultural e social, pudesse alguma vez atingir este plano.

Países industrialmente poderosos como os Estados Unidos, a França, a Alemanha Federal, a Inglaterra, etc. e, ainda por cima, com grandes tradições desportivas deixam-se ultrapassar afrentosamente pela República Democrática Alemã, não porque os seus povos tenham menos aptidões, mas porque têm menos condições. Estão roídos pelo desemprego, pela miséria, pelo desgaste (ou, falando em português europeu, pelo «stress») pela intranquilidade e insegurança social.

O **Telejornal**, para não ir mais longe, deu-nos ontem imagens das confrontações entre o povo e a Polícia em Liverpool. Ou seja, quer em Manchester, a repressão fez-se em grande, fez-se em grande a resposta popular. Os nobres «policemen» estão a perder o prestígio ou isso a que os brasileiros chamam «status».

Muito mais a esse respeito nos poderia o **Telejornal** dizer. Mas falta-lhe tempo, que todo o tempo é pouco para contar e recontar as fofocas do PSD e da AD.

Estamos em presença de uma operação escandalosa, só comparável, em matéria de lavagem

ao cérebro, à transmissão do enterro de Sá Carneiro. Ontem, em 30 minutos de **Telejornal**, gastaram 10 com a cera de ruínas defuntos. Antes de ontem, sábado, em 32 minutos de emissão, gastaram 20 com as imagens, as palavras, as entrevistas de «duros» e «moles» da «minoría» e «maioría» do PSD! E a «festa» está longe de ter acabado.

Comicamente, misturam interesses pessoais com interesses pessoais; as situações caóticas são substituídas por intenções patrióticas; e uma coligação, que se mostrou incapaz de governar através de um homem, resolverá ir buscar, para governar, o mesmo homem. Tudo isto com grande dignidade e muita «elevação moral».

Mas — perguntar-se-á — neste País não haverá mais nada além de Balsemão. Ângelo Correia (acudam-nos!, ele voltou) ou Santana Lopes (quem?) ou outro por aí adiante? Há, sim senhor — responde o **Telejornal** — há o passeio fluvial no Douro e as escavações, desculpem, são ainda consequências das quíziilas psdescas, quero eu dizer: as escavações arqueológicas em Pisões.

Isto traria basto material cómico a Jô Soares que, no seu «Viva o Gordo», nos dá todos os domingos, um motivo sério para ver **Televisão**.

Alguns números, pela construção da personagem e pelo espírito de intervenção crítica merecem ficar numa antologia do humor televisual. Estão nesse

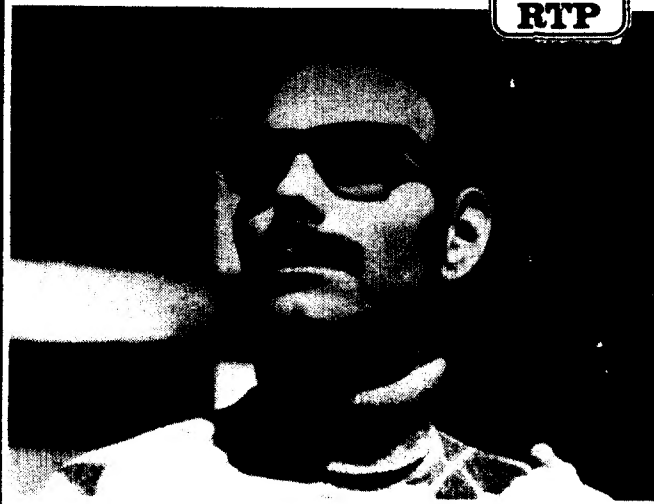
caso da Bo Francineide (um tra-vesti impressionante de pome-norização num quadro onde a crítica e a ternura se reúnem) do último emigrado em Paris, do guarda geleia, ou desse quadro vivamente crítico que é o Reizinho.

Decerto em alguns quadros o humor nos surge mais ligeiro, mais fútil, mais anedótico mas num programa com aquela extensão e com uma audiência tão variada o humor só resulta de uma razoável mistura, como o café. Com uma certeza: a tônica dominante no programa de Jô Soares é a crítica social e esta sempre, sem ambiguidades, de raiz progressista. Por vezes, pela voz do Jô Soares fala o bom-senso, o humor e o inconformismo do povo brasileiro: «Não sou palhaço, mas quero fazer de mim palhaço...»

E não se diga que isso é com o povo brasileiro, que isso reflecte uma experiência e uma situação estranhas, etc., etc. Mesmo produzida em condições tão diferentes, a verdade é que esta sátira fala ainda por nós, e muito. Aquela denúncia rigorosa das promessas eleitorais que não se cumprem, por exemplo, nunca seria hoje possível na Televisão portuguesa dos nossos dias...

Outro caso. Houve ontem um quadro (o do pianista azelha) igualzinho a um do «Eu Show Nico». Quem foi o criador dele: Jô Soares ou Nicolau Breyner? Alguém praticou plágio. Quem foi?

Hoje



Oliveira e Costa realizador do Programa «E o Resto são Cantigas»

- 18.50 Abertura
- 18.52 Sumário
- 18.57 Tempo dos mais novos — «Era uma vez... o Homem»
- 19.30 País, País
- 19.50 Gato por lebre — «Cantinas»
- 20.25 O Tempo
- 20.30 **Telejornal**
- 21.05 E o Resto são Cantigas
- 22.50 Últimas notícias
- 22.55 Encerramento da emissão



O Grande Mundo do Desporto

- 20.27 Abertura
- 20.30 Informação/2
- 21.00 O Grande Mundo do Desporto
- 22.00 Despojos de Guerra
- 23.00 Encerramento da emissão



Amanhã



- 18.50: Abertura; 18.52: Sumário; 18.57: Tempo dos mais novos; 19.30: País; 19.50: Os Jogos e os Homens; 20.25: O Tempo; 20.30: **Telejornal**; 21.05: 1+1=1 com Natália Correia; 21.30: Os Ropers; 22.00: Telenovela «Água Viva»; 22.50: Últimas Notícias; 22.55: Encerramento da emissão.
- 20.27: Abertura; 20.30: Informação/2; 21.00: Cineclube; 23.00: Encerramento da emissão.

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE — T. 2752175

FÉRIAS DA COMPANHIA

A SEGUIR
— A RECTA-GUARDA

de Romeu Correia

SUB SEC/CMA

J. N. P. P.

JUNTA NACIONAL
DOS
PRODUTOS PECUÁRIOS

PREÇOS DE GARANTIA
NO
MERCADO BOVINO

1 — Foram superiormente fixados os novos preços de garantia, a pagar pela J.N.P.P. para efeitos de intervenção permanente no mercado bovino.

2 — Preços de garantia

1.1. Novilhos e Novilhas

Novilhos de 1.ª categoria	220\$00
Novilhas de 1.ª categoria	205\$00
Novilhos de 2.ª categoria	197\$50
Novilhas de 2.ª categoria	190\$00

Bovinos adultos

Bois de 1.ª categoria	190\$00
Vacas de 1.ª categoria	175\$00
Bois de 2.ª categoria	170\$00
Vacas de 2.ª categoria	160\$00
Bois e vacas 3.ª categoria	125\$00

Vitelos e Vitelas

De 1.ª categoria	200\$00
de 2.ª categoria	185\$00

3 — As categorias das carcaças são as definidas pelas normas de classificação em vigor na J.N.P.P.

4 — As inscrições devem ser canalizadas para as Delegações da J.N.P.P.

5 — Estes preços entram em vigor a partir do dia 24/8/81.

Lisboa, 14 de Agosto de 1981

P'lo Presidente do Conselho
de Direcção



CÂMARA MUNICIPAL
DO CONCELHO
DE LOURES

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO
POR VENDA, DE HABITAÇÕES
EM SANTO ANTÓNIO
DOS CAVALEIROS»

Avisam-se todos os interessados na atribuição de fogos em Santo António dos Cavaleiros, que devem comparecer na Sala das Sessões do Edifício dos Paços do Concelho de Loures, no próximo dia 21/8/81, às 14 horas, a fim de se proceder à escolha do piso e fracção do fogo do Tipo T3 com que foi premiado no Sorteio do Concurso em epígrafe.

Mais se informa que, na falta de comparência à dita reunião, perderá o direito de escolha que lhe cabe, de acordo com a ordem do respectivo sorteio.

Loures, 14 de Agosto de 1981
O Presidente da Comissão Administrativa,
António Augusto Simenta Mordido



As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na
dejeza desta riqueza.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

ALGARVE

TERRENOS RÚSTICOS

Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 80 000\$00. Telefone 364651 ou contactar com o sr. Rocha, Figueira, V. Bispo (das 17 às 21 horas).

Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras ANÚNCIO

Proc.º n.º 52/79

1.ª Secção

3.º Juízo Na Acção Especial (Art.º 68.º do Cód. da Estrada) que Trimanos-Equipamentos Hoteleiros e Industriais, Ld.ª, com sede no Estoril, instaurou contra Auto-João Simões Nunes, Ld.ª e Manuel Monteiro Dias, ora falecido e que residia na Rua Domingos Jardo, n.º 3-1.º dt.º, em Lisboa, são citados os sucessores deste Manuel Monteiro Dias, para contestarem, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da 2.ª e última publicação deste anúncio, a dita acção, através da qual a autora pretende ver os réus condenados a pagar-lhe, solidariamente, a quantia de 75 500\$00 e bem assim nas custas e no mais que for legal.

Oeiras, 27 de Julho de 1981.

O Juiz de Direito,
(Jorge da Graça Ataíde Lobo)
190 Escrivão de Direito,
(António Lopes Henriques)

roteiro cultural

Música

O VII Festival de Música da Costa do Estoril apresenta hoje e na quarta-feira, às 21.30 horas, na Igreja Paroquial de Carcavelos, o Quarteto Travnick, de Bratislava, em dois programas do maior interesse. Hoje serão interpretados Quartetos de Brahms, Bartok e Ravel, e no dia 19 peças para quarteto de Smetana, Dvorak e Janacek.

No próximo dia 21, o violonista Tibor Varga, dirigirá e tocará com o Grupo de Câmara do Festival, um programa da maior projecção, de onde se destacam as «Quatro Estações», de Vivaldi, e o Concerto em Lá Menor de Bach, sendo o solista em ambos o próprio Tibor Varga. O programa será completado com o Concerto para 4 violinos, de Telemann, em que participará alguns alunos do Curso de Violino a decorrer actualmente no Estoril, e a primeira audição em Portugal de «For Children», de Bartok-Weiner. Este concerto, que está a despertar o maior interesse realizar-se-á no dia 21, às 21.30 horas, na Igreja dos Salesianos, no Estoril.

Entretanto, no âmbito dos XIX Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril realiza-se amanhã, às 18 e 30 no Pavilhão de Congressos do Estoril, um recital pelo pianista norte-americano Mark Puckett, discípulo de Sequeira Costa na Universidade do Kansas (USA).

Cinema

O Centro Cultural de Setú-



O Quarteto Travnick, de Bratislava, que hoje e quarta-feira se apresenta no Festival de Música da Costa do Estoril.

bal e a Casa da Cultura da Juventude do FAOJ levam a efeito, até 15 de Setembro, o habitual Ciclo de Cinema de Verão. Durante 30 dias (iniciados no passado dia 15), os Claustros do Convento de Jesus serão animados com a projecção de 30 filmes de qualidade. Aos sábados serão exibidos filmes portugueses, com a presença de críticos de cinema que os apresentarão. Sessões às 21 e 30, bilhetes a 20\$00. Em caso de mau tempo os filmes serão exibidos no Teatro de Bolso.

Eis o programa dos próximos dias: hoje, «Corrida da

Morte do Ano 2000», de Paul Bartel; amanhã, «As Duas Rainhas», de Charles Jarrot; quarta-feira, «Pão, Amor e...», de Dino Risi; quinta, «Help», de Richard Lester, com os Beatles.

Exposições

Inauguram-se hoje, às 21.30, duas exposições na Sociedade Nacional de Belas Artes: a Exposição de Verão, com a colaboração das Gale- ria Ana Isabel III, Diário de No-

tícias, Leo, Módulo, Quadrum e S. Francisco, e a «Homenagem a José Escada», de Eurico.

Uma exposição de artesanato pode ser visitada diariamente em Bragança, até ao fim de Setembro. A mostra está patente no Museu do Abade de Baçal.

Em Viseu, no Museu Grão Vasco, encontram-se duas exposições interessantes: «A Cerâmica na Arquitectura» e «Arte Infantil Africana de São Tomé». Podem ser visitadas diariamente até Outubro.

Em Guimarães, no Museu Alberto Sampaio, estão patentes ao público as seguintes exposições: «História das Indústrias Vimaraneses» e a própria «História do Museu Alberto Sampaio». Encerram ambas no fim de Setembro.

Tapeçaria e Mobiliário na Galeria de Arte do Casino Estoril. Inaugurada no passado dia 12 do corrente, continua a registar grande afluência de visitantes. Trata-se de uma exposição que reúne exemplares de grande interesse estético, fruto de um exaustivo trabalho de pesquisa e de verdadeiro espírito artesanal.

Com efeito, é rigorosa a fidelidade formal e cromática às peças mais representativas que, vencendo o tempo, puderam chegar até nós razoavelmente conservadas. Outras, porém, registam percursos evolutivos que usando a mesma manufactura cuidada procuram dar respostas às novas solicitações criadas pela sociedade moderna.

CLARAS TURISMO

FÉRIAS VERÃO 81

VIAGENS DE AVIÃO

PALMA MAIORCA	desde 18 920\$00 por pessoa	— 1 semana
CANÁRIAS	desde 16 900\$00 por pessoa	— 1 semana
IBIZA	desde 19 100\$00 por pessoa	— 1 semana
BENIDORM	desde 18 620\$00 por pessoa	— 1 semana Pens. Completa
JUGOSLÁVIA	desde 29 800\$00 por pessoa	— 1 semana Pens. Completa
ROMÉNIA	desde 25 900\$00 por pessoa	— 1 semana Pens. Completa
MADEIRA E PORTO SANTO	desde 24 560\$00 por pessoa	— 2 semanas

INFORMAÇÕES E RESERVAS

R. N. — VIAGENS E TURISMO.

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 Lisboa Codex
Telef: 56 00 15 — 56 34 51/2

E NÃO SE ESQUEÇA...

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO
PEÇA O NOSSO PROGRAMA «FÉRIAS 81»

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		52\$20	57\$20
ALEMANHA FED. (marco)		26\$25	27\$35
AÚSTRIA (xelim)		3\$65	3\$85
BELGICA (franco)		1\$452	1\$652
BRASIL (cruzeiro)		\$410	\$660
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)		53\$40	55\$40
(notas de 5 a 1000)		53\$90	55\$90
DINAMARCA (coroa)		\$530	\$570
ESPAÑA (peseta)		\$619	\$719
EUA (dólar — notas de 1 e 2)		65\$90	67\$90
(notas de 5 a 1000)		66\$40	68\$40
FINLÂNDIA (marka)		14\$15	14\$75
FRANÇA (franco)		23\$80	24\$50
HOLANDA (florim)		20\$60	21\$60
INGLATERRA (libra)		11\$60	12\$60
IRLÂNDIA (libra)		9\$85	9\$85
ITALIA (lira)		\$048	\$058
JAPÃO (iene)		\$259	\$294
NORUEGA (coroa)		10\$60	11\$10
SUECIA (coroa)		12\$35	12\$95
SUIÇA (franco)		30\$50	31\$60
VENEZUELA (bolivar)		12\$60	13\$60

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR

TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16: Sem margem — novos catálogos da música; 17:00: Entrevista; 18:00: Que cultura temos?; 18:45: RDP-regiões; 19:00: Toda a gente é pessoa; 20:00: Enquanto os outros vêem TV — animação cultural; 21:00: «Serões na Província» de Júlio Dinis — programa da noite; 22:30: Vívó jazz; 00:00: Antena 1 — música; 02:00: Madrugada na RDP. Grandes blocos informativos: 13:00, 19:30 e 23:30.

2.º Programa

15:30: As Cores e as Formas — programa de divulgação de artes plásticas; 16:00: Bailado; 17:00: Mata-Borrão; 18:00: Retrospectiva de Compositores Portugueses; 19:00: Terra Viva, Planeta Azul; 19:35: Variações op. 31, de Schoenberg, pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles; 20:00: S. H. Serviço Informativo; 20:05: Os Caminhos do Homem; 21:00: Emissão Estereofónica — O Canto e os seus intérpretes; 22:00: VI Festival de Música da Costa do Estoril, 1980 — gravações cedidas pela Rádio Nacional de Espanha; 22:30: Orquestras de Câmara: 23:25: Poemas Sinfónicos; 00:15: Quinteto em Lá Maior, Op. 114 «A Truía» de Schubert; 01:00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16:00: Aqui e agora; 17:00: Jornal da mulher; 18:15: Igreja em notícia; 18:25: Palavra do dia; 18:30: Transmissão do terço do Externato do Parque; 19:00: Programa da LAR; 20:00: Paju; 21:00: Discos LAR; 21:30: Diálogo e vida; 22:00: Quando o telefone toca; 22:30: Meta final; 23:10: Confronto; 23:55: Meditando; 00:00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15:45: Teatro Trágico; 16:30: Consultório de Plantas; 17:03: T. N. T. (todos no top); 18:08: Hora de Ponta; 18:10: Espaço 3 P; 20:03: Quando o Telefone Toca; 22:03: Portugal e a CEE; 22:15: Hora Luterana; 23:30: Tempo de Desporto; 23:08: 24.ª Hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16:03: Rock em Stock; 18:03: Circulo em FM; 19:03: Em Órbita; 20:03: Rolls Rock; 21:03: Abandajazz; 22:03: Café Concerto; 00:03: O vapor da meia-noite. Notícias de hora a hora.

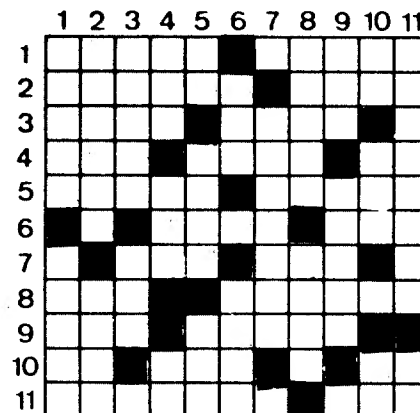
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 202

HORIZONTAIS

- 1 Visão. Cidade de Itália.
- 2 Frutos silvestres. Antérias.
- 3 O mesmo que fura-bucho (ave). Esquilo lanoso.
- 4 Fileira. Grande cão de fila. Isolado.
- 5 Curar. Caminhariam.
- 6 Novecentos e quatro em romano. Fecha as asas para descer mais depressa.
- 7 Três vogais iguais. Freguesia do concelho de Alenquer.
- 8 Executa. Guarneceria de asas.
- 9 Patrão. Cavidade.
- 10 Germânio (s.q.). Dá mios. Lealdade.
- 11 Alentara. Ruim.



VERTICAIS

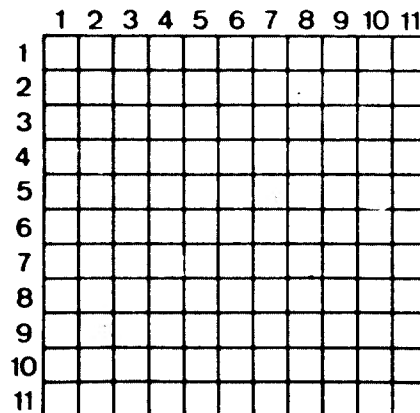
- 1 Atravessas. Acácia.
- 2 Sacrificara. Estímulo.
- 3 Referente ao sol. Ensejo.
- 4 Prefixo que designa três. Fedor. Dois mil em romano.
- 5 Autores. Classe de tropa. Grande árvore da Nubia.
- 6 Ilha de Cabo Verde. Lavar.
- 7 Furioso.
- 8 Paixão (fig.). Vaso pouco fundo e de boca larga.
- 9 Transpira. Rio de França.
- 10 Apellido. Vai para fora. Nota musical.
- 11 Aparece em lugar alto. Pronome pessoal.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 062

HORIZONTAIS

- 1 Porto de Edimburgo. Rompante (prov. minh.).
- 2 Serra de Portugal. Sadios.
- 3 Levanta. Antepassado. Pas-sada.
- 4 Freguesia do concelho de Santo Tirso. Desgosto.
- 5 Alumínio (s.q.). Pronome pessoal. Artigo definido (ant.). Batráquio.
- 6 Sazona.
- 7 Grande. Fruto da azeit. Estima.
- 8 Zombar. Lista.
- 9 Gato bravo de Madagascar. Aparência (fig.).
- 10 Conduzir para cá. Escavar.
- 11 Espécie de andorinha. Empre-gara.



VERTICAIS

- 1 Lura ou toca de coelhos. Usa.
- 2 Estudante. Apellido.
- 3 Rio de França. Ferir.
- 4 Basta. Magnete natural. Palmeira da Amazônia.
- 5 Irritar (fig.). Preposição e artigo.
- 6 Quarto. Nome antigo da nota musical do.
- 7 Realizar. Cobre (s.q.).
- 8 Ósmio (s.q.). Pronome pessoal. Vás.
- 9 Progenitores. Guardava se-gredo.
- 10 Cobriram de iodo. Igual.
- 11 Guarnecera de asas. Estimara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 201

HORIZONTAIS

- 1 ENTRE. COUVE.
- 2 Ara. Cabril.
- 3 Eta. Go. Ara.
- 4 Amarga. Asa.
- 5 Clareiras.
- 6 Irte. Saa.
- 7 Sisa. Lie.
- 8 Vi. Cs.
- 9 es. Cajar. Dã.
- 10 Atacaria.
- 11 Ar. Rás. Orne.

VERTICAIS

- 1 E. COUVE.
- 2 Natal. Isar.
- 3 Tramaís.
- 4 Rã. Arriscar.
- 5 Greis. Aca.
- 6 Cagitaras.
- 7 Cá. Arel. Ar.
- 8 Oba. Crio.
- 9 Urrasses. Ar.
- 10 Vias. Al.
- 11 EL. ALFACE.

Provérbio: ENTRE COUVE E COUVE, ALFACE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 061

HORIZONTAIS

- 1 Faio. Copa.
- 2 Imã. Eis.
- 3 Im. Pilar. Mr.
- 4 Sabão. Rolão.
- 5 Alor. Salm.
- 6 RMI. Cal. Vão.
- 7 Saga. Iças.
- 8 Ramadas.
- 9 Em. Belas. Fo.
- 10 Canal. Valia.
- 11 Atiro. Árias.

VERTICAIS

- 1 Pisar. Seca.
- 2 Males. Mat.
- 3 Ai. Boiar. Ni.
- 4 Impar. Gabar.
- 5 Oaio. Camelo.
- 6 Já. Al.
- 7 Cear. Lidava.
- 8 Oiros. Casar.
- 9 Ps. Lavas. Li.
- 10 Maias. Fia.
- 11 Cromo. Soas.

cartaz de cinemas e teatros

abcINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

- 13 a.

WEST SIDE STORY

c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

c/ Dustin Hoffman

Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

LUCKY LUKE A BALADA

DOS DALTON

c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder

Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

- Int. men. 18 a.

E TUDO O FUMO LEVOU

c/ Cheech Marin e Tommy Chong

Um filme de Lou Adler

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Aqui o lém... chegou o revólver mais rápido da fronteira, no mais emotivo e terrífico dos duelos do Oeste

AS MINHAS PISTOLAS

c/ Cantinflas

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

GENTE VULGAR

Com Donald Sutherland, Mary Tyler

Não acons. men. 13 anos

21.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O VERÃO MÁGICO

DO PATO DONALD

Falado em português

4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Não acons. m. 18 anos

É UM PRAZER VOLTAR A VÊ-LA

c/ Ugo Tognazzi e Françoise Fabian

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18, 21.30 - N. ac. men. 18 a.

Um Charles Bronson sensacional!

O MECÂNICO

Às 24 h

AUTO-STOP ALUCINANTE

Int. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

A FEBRE LOUCA DO SEXO

Int. m. 18 anos

Pornográfico - Hardcore

Às 24 - Int. men. 18 a.

ASSASSINOS SOBRE RODAS

CINE BLOCO 556824

Geveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

VESTIDA PARA MATAR

c/ Michael Caine, Angie Dickinson

e Nancy Allen

Às 24 h, N. ac. m. 13 anos

O IMPÉRIO DO GREGO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- Para Todos

FIM DO MUNDO

N. ac. m. 13 anos

Um filme de Nazar Shabab

Com Wahed Murad e Babra Sharif

A VINGANÇA DE UMA IRMÃ

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS PASSAROS

c/ Rod Taylor e Jessica Tandy

Às 23.45 - Int. men. 13 a.

O CASAMENTO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos

AVENTURA NAS

CARIÁBAS

Realização Philippe Mennier

(Colorido)

4.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. m. 13 anos

O VERÃO MÁGICO

Do Swenson, Debra Berger, Fred Wil-

liamson

SEIS GLOMBOS PATIFES

ESTÚDIO 555134

Alm. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

HISTÓRIA

DE UM FOTÓGRAFO

8.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

Uma história de coragem e dignidade

humana

O HOMEM ELEFANTE

c/ Anthony Hopkins e John Hurt

Filme de qualidade

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

BATALHA

ALÉM DAS ESTRELAS

Não acons. men. 13 a.

c/ Robert Vaughn e Richard Thomas

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DAS 9 ÀS 5

c/ Jane Fonda, Lily Tomlin

e Dolly Parton

6.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30, 21.30

Int. m. 13 anos

A História do Homem que tentou o im-

possível

OS CAES DO ÓDIO

Um filme de Mel Stuart

Com George Kennedy e Tina Louise

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21.00 - N. ac. men. 13 a.

BEN-HUR

c/ Charlton Heston, Stephen Boyd

e Haya Hararati

70m

N. B. Não se realiza a habitual sessão

das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferraz, 12-A

Às 15.30, 18.30 e 21.30

OS FALCÕES DA NOITE

Um filme de Bruce Malmuth

Technicolor

Int. m. 13 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 13 a.

NOVE MESES

c/ Lili Monori e Dicko Roie

Um filme de Marta Meszaros

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Um poema de amor e violência

DUO VADIS

c/ Robert Taylor e Deborah Kerr

O filme é exibido no início da sessão

-NOVE MESES- Um tema tratado com rara sensibilidade por MARTA MESZAROS um dos maiores nomes da actual cinematografia europeia.

Em exibição no Cinema Nimas



PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14-16.30-19-21.30

- N. ac. men. 18 a.

A CHAMA DA IBERDADE

c/ Manoj Kumar e Hema Malini

Colorido

2.ª Semana

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. m. 13 anos

Cantinfles em...

AS MINHAS PISTOLAS

AVISO: O filme começa logo no início da

sessão

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.

HARLEM

Realização de Shirley Clarke

Música de Dizzy Gillespie

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

NÃO TOQUES NA MULHER

BRANCA

Realização: Marco Ferreri

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

PROVIDENCE

Realização de Alain Resnais

Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

TAXI DRIVER

Realização de Martin Scorsese

Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30, 21.30

- Para Todos (M. 6 a.)

Com William Katt, Tom Berenger

OS AVENTUREIROS BUTCH E KID

2.ª Semana

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Para Todos (M. 6 a.)

É só saúde... e gargalhadas na melhor

comédia de Les Charlots

OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14-16.30-19-21.30

- N. ac. men. 13 a.

UM HOMEM (HOMRE)

c/ Paul Newman

Um filme de Martin Ritt

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30

não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINERO

16.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao

Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45-17-19-21.30-24

- N. ac. men. 13 a.

007 OPERAÇÃO RELAMPAGO

com Sean Connery

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O ESPÍO MAIS PERIGOSO

DO MUNDO

14.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

Sete magníficos soldados numa épica

batalha além das estrelas

A BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS

c/ John Saxon e George Peppard

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Burt Reynolds, Jackie Gleason, Sally

Field em

O COMBOIO DOS MALUCOS

Um filme de Hal Needham - Colorido

Não ac. m. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Int. men. 13 anos

DIVINA LOUCURA

c/E Bette Midler

4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 - P. Restaurado-

res

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. m. 13 anos

AL PACINO É O ESPANTALHO

outros cinemas

PORTE
PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.09 3.9m 10.39 0.8m
17.23 4.1m 23.04 0.7m

Dia 18

5.46 4.0m 11.18 0.8m
18.01 4.2m 23.44 0.7m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	22°
VILA REAL	17°
PORTO	17°
P. DOURADAS	20°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	19°
ÉVORA	21°
SINES	18°
BEJA	18°
SAGRES	21°
FARO	23°
P. DELGADA	22°
FUNCHAL	22°



últimas

QUINZE ANOS DE PRISÃO foi a pena aplicada ao autor da morte, cometida à facada, de uma sexagenária, Miquelina de Jesus, que residia na rua do Outeiro, no lugar de Passos, Fânzeres, Gondomar. O homicida, Serafim Ferreira da Silva Araújo, de 20 anos terá violado a vítima antes de lhe espetar a faca no pescoço, procedendo depois ao furto dos poucos valores da Miquelina que muitas vezes lhe matara a fome. O crime foi praticado em 6 de Abril do ano findo e a sentença foi lida sexta-feira no 1.º Juízo Criminal do Porto.

DOIS INCENDIÁRIOS foram detidos pela Judiciária de Lisboa que apurou terem ambos assaltado residências em Monte de Rei, Torres Vedras, para furtar às quais posteriormente deitavam fogo. Uma delas viria a arder completamente causando um prejuízo de 400 contos e a outra, só por acaso, o fogo se extinguiria sem intervenção de qualquer pessoa. Trata-se de dois jovens, Santos e Oliveira, respectivamente de 18 e 26 anos, entregues ao Tribunal de Torres Vedras. Há suspeitas de que o Santos seja responsável por crimes semelhantes em Pombal, Estarreja e Coimbra.

ASSALTARAM A «CULTURONA», a Associação Cultural que funciona na Avenida D. Carlos I, n.º 128, em Lisboa. Os assaltantes terão arrombado a porta com enforcões, e furtado vários objectos entre os quais o gira-discos e respectivas colunas de som.

OS MISTÉRIOS DE SATURNO - A nave norte-americana «Voyager - 2», que se encontra perto do planeta Saturno e cujo encontro mais próximo com o seu objecto de estudo está previsto para o dia 25, fornecerá a possibilidade de desvendar alguns dos mistérios que as duas sondas anteriores não puderam decifrar - declararam cientistas do Centro Pasadena, da Califórnia, que orienta a missão. Para já uma novidade: dentro dos seis anéis anteriormente já conhecidos de Saturno encontram-se centenas de milhar de anezinhos e não as poucas dúzias que as sondas anteriores tinham detectado.

férias NA URSS

15 a 22 Setembro
MOSCOVO
LENINEGRADO-PSKOV
preço: 36.750 esc.

TUDO INCLUIDO

Organização do Dept. Turismo da
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
R. S. Caetano 30
Telef. 601199 601099

Com apoio técnico da
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO Lda
R. Crispino 33 1100 LISBOA
Telef. 36 83 02 32 88 96

Funcionários das linhas aéreas presos no Paquistão

Tropas armadas ocuparam no sábado o aeroporto de Islamabad e prenderam 40 elementos do pessoal da companhia paquistanesa (PIA).

O aeroporto de Carachi também foi ocupado, e foram encerradas as instalações sindicais, não sendo conhecido o número de prisões.

O presidente paquistanês Mohammed Zia Ul-Haq, ordenou no sábado a dissolução de todas as actividades sindicais do pessoal da PIA, alegando «a deterioração verificada nos últimos anos na actividade da empresa devido à corrupção, má gestão, extorsão e sindicalismo excessivo».

A PIA é propriamente do Estado e tem 22 mil empregados filiados na sua maioria nos sindicatos dos técnicos, engenheiros e pilotos.

Enquanto isto, o governo paquistanês libertou vários presos políticos para assinalar a independência do país (15 de Agosto).

Segundo notícias veiculadas na imprensa paquistanesa, entre os libertados, cujo número se desconhece, encontram-se vários dirigentes do Partido Popular Paquistanês, actualmente clandestino e que foi libertado pelo ex-presidente Zulfikar Ali Bhutto, executado em 1979.

Após a amnistia - revela a imprensa do país - não existem presos políticos no Paquistão, mas apenas detidos por crimes de delito comum.

Nova Zelândia

Manifestações anti-«apartheid»



A política sul-africana do «apartheid» tem suscitado a condenação internacional. A foto refere-se a confrontos entre manifestantes anti-«apartheid» e forças policiais ocorridos na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. Seis mil manifestantes, entoando palavras de ordem hostis ao regime da África do Sul, concentraram-se fora do estádio daquela cidade neozelandesa, onde se disputava um jogo de rúgbi entre uma selecção local e a equipa sul-africana dos Springboks. Os protestos culminariam com a ocupação simbólica de um avião neozelandês, na cidade de Auckland. Para gaúdio dos manifestantes, os Springboks saíram derrotados do confronto.

Porto terá em breve Faculdade de Odontologia

PORTO, 17 - A Universidade Livre e a CEIBASES (Cooperativa de Ensino Infantil, Básico, Secundário, Superior-Investigação Científica) assinaram na passada sexta-feira, no 1.º Cartório Notarial desta cidade, um protocolo de acordo com vista à criação das Faculdades de Odontologia nesta cidade e em Lisboa, no âmbito da UL. Foi assim dado, consideraram fontes ligadas às partes interessadas, um «importante e definitivo

passo em frente para a resolução de um dos mais angustiantes problemas nacionais». Ficou assim aberta a possibilidade de eliminação da actual carência que se verifica na saúde dentária das populações.

O funcionamento das Faculdades de Odontologia do Porto e de Lisboa, segundo declaração prestada, entretanto, em Lisboa, por Celso Moreira Coelho, cirurgião dentista e um dos directores do CEIBASES, tem o «total

apoio» do MEC, contando ainda com a colaboração das Faculdades de Lille e S. Paulo, para além de outras, nomeadamente da RFA. Todo o candidato ao curso em questão, cujas inscrições serão abertas oportunamente, deverão possuir como habilitações mínimas o 12.º ano completo do sector de Ciências.

A Faculdade de Odontologia desta cidade, a construir em Rio Tinto, no concelho de Gondomar, fica em grande parte a

dever-se ao empenhamento nesse sentido manifestado pelo presidente da edilidade local, Alvaro de Sousa, que operou no sentido da CM de Gondomar doar o terreno onde o novo estabelecimento superior de ensino dentário será instalado. «Nada sei de medicina - disse Alvaro de Sousa durante um encontro naquela vila -, mas estou desejoso que esta obra nasça e tudo farei para que apareça o mais depressa possível».

AOS PAIS

AGORA TAMBÉM TEMOS PARA OS SEUS FILHOS.

MÓVEIS JUVENIS

ARMAZÉM MÓVEIS JORGE

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35 (Aos Anjos)

TELEFONE 83 21 61

Director da Tapada de Mafra desmente «comércio» de veados

O director da Tapada de Mafra, José Alberto Quita, acaba de desmentir as declarações do vereador da Câmara Municipal de Mafra, Pinto Sardinha, difundidas pela ANOP e a que fizemos referência na nossa edição da última sexta-feira, segundo as quais os veados criados naquela reserva estatal estarão «a ser vendidos a restaurantes de Lisboa pelo preço de duzentos escudos o quilo».

Pinto Sardinha dissera também que a Tapada chegou a ter mais de mil veados e javalis e que neste momento conta apenas cerca de 300. Sobre este ponto, Alberto Quita afirma que o número não é verdadeiro. «Houve sim - precisa - cerca de 600 gamos e 150 veados» na Tapada. Considerando que «a presença de tão elevado número de animais numa área murada de cerca de 980 hectares é tecnicamente o maior dos erros. Tão grande - salientou - que conduziu à degradação total da vegetação».

A propósito, Alberto Quita revelou estar em fase de arranque um projecto para a ordenação da zona, que inclui arroteamento de áreas, cortes de mato, uso de fogo controlado, instalação de pastagens, constituição de cercas e abate de «animais defeituosos e mal conformados que infelizmente abundam na localidade».



FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL 129

1 SEMANA - 8 dias
SÉRIE A-Domingos (todo o ano)
SÉRIE B-5ª feiras (2/7 a 24/9)

FIM DE SEMANA - 4 dias
5ª feiras a Dom. (2/7 a 24/9)

MINI SEMANA - 5 dias
Dom. a 5ª feiras (28/6 a 20/9)

Preços excepcionais desde 14.900\$

* a viagem dos vossos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas de...»!

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
Fundada em 1840

LISBOA Av. Liberdade, 180 Telef. 371341
Av. Roma, 66 Telef. 803008
PORTO Av. Alados, 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua Sota, 2 Telef. 27011/2
FARO Av. República, 124 Telef. 25005/6
FUNCHAL Rua Gurgulho, 1 Telef. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS